

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

GABRIELA GARCIA SEVILLA

**A EXPERIMENTAÇÃO DE LAERTE: REFLEXÕES A PARTIR DAS PEDAGOGIAS
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Porto Alegre
2014

GABRIELA GARCIA SEVILLA

**A EXPERIMENTAÇÃO DE LAERTE: REFLEXÕES A PARTIR DAS PEDAGOGIAS
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner

Porto Alegre
2014

CIP - Catalogação na Publicação

Garcia Sevilla, Gabriela

A experimentação de Laerte: Reflexões a partir das pedagogias de gênero e sexualidade / Gabriela Garcia Sevilla. -- 2014.

157 f.

Orientador: Fernando Seffner.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Pedagogias de gênero e sexualidade. 2. Pós-estruturalismo. 3. Estudos queer. 4. Transgeneridade. 5. Laerte. I. Seffner, Fernando , orient. II. Título.

GABRIELA GARCIA SEVILLA

**A EXPERIMENTAÇÃO DE LAERTE: REFLEXÕES A PARTIR DAS PEDAGOGIAS
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Seffner – PPGEDU-UFRGS (Orientador/presidente da banca)

Prof^a. Dra. Dagmar Estermann Meyer – PPGEDU-UFRGS

Prof^a Dra. Guacira Lopes Louro – Avaliador externo à UFRGS

Prof^a Dra. Céli Regina Jardim Pinto – PPG-História-UFRGS

Agradecimentos

Sou grata ao Programa de pós-graduação em educação, PPGEduc/UFRGS, em especial a linha de pesquisa Educação, sexualidade e relações de gênero, por ter me acolhido de forma tão carinhosa em um momento conturbado de minha vida e trajetória acadêmica. E também a CAPES que me oportunizou a bolsa de mestrado, sem ela este caminho seria quase impossível. Um agradecimento todo especial ao meu orientador, Fernando Seffner, pela confiança, dedicação, disponibilidade, generosidade e pela presença constante ao longo desses dois anos, aprendi muito contigo.

Muito obrigada aos professores que fizeram parte de minha formação: Dagmar Meyer (também membro da minha banca de avaliação), que é um exemplo de profissional dedicada e que mesmo ocupada, sempre arranhou tempo para nos dar sugestões: dicas de leitura, de filmes e orientações importantes para nossas pesquisas e vidas; Rosângela Soares, também minha coordenadora de trabalho no GDE, muito competente e divertida; Rosimeri Aquino da Silva, também minha supervisora de estágio docente e coordenadora de trabalho, que gentilmente me “entregou” por um tempo seus alunos formandos para que eu fizesse estágio de docência e aprendesse um pouco sobre ensino na graduação e experimentasse o “gostinho” desse tipo de relação. Além disso, me brindou com sua companhia agradável, seu senso de humor e simplicidade; Sandra Andrade, Luis Henrique S. dos Santos, Henrique Nardi (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – UFRGS) e a professora convidada em algumas disciplinas, Fernanda B. Ribeiro (PUC/RS), que com sua presença simpática e seus comentários e leituras sempre pertinentes muito contribuiu com nossas discussões. Ademais, muito obrigada às professoras que aceitaram ler e avaliar este trabalho, Guacira Louro e Céli Pinto, reconhecidas pesquisadoras, que muito me honram com sua presença.

Valeu colegas de mestrado, de aula, de grupo de pesquisa, de orientação e de trabalho: Catharina, querida amiga e ótima companheira de trabalho que encontrei por aqui; Gustavo P. e Yara, meus colegas de turma, mestrado, pesquisa, disciplinas, estudos, congressos. Alessandra, Oscar, Stela, Cláudio, Luciano, Marina, Gustavo B. (e Michele, Gustavo D. e Pablo com quem estive só no comecinho ou no final), foi ótimo encontrar vocês entorno da mesa “redonda” para debater nossos trabalhos, com discussões sempre agradáveis, críticas, colaborativas e sem vaidades. Todos vocês me ajudaram e ensinaram muito! Agradeço ainda a Carin e aos colegas Monise, Marta, Jonathan, Priscila, Marília, Arthur e Lucas.

Aos amigos e colegas da especialização em antropologia, que me apoiaram, ajudaram, e incentivaram das mais diversas formas para que eu fizesse a “passagem” e conseguisse concluir esta etapa, vencendo diversos obstáculos, em especial: Renan, Stéphanie, Rodrigo, Luana, Caetano e Natália, vocês são pessoas maravilhosas que tive sorte de encontrar num momento difícil. E também à Roberta e Priscila Borges, pela solidariedade e espírito de grupo e aos demais colegas que se mantiveram firmes e fortes.

Aos meus professores de graduação em ciências sociais, a quem devo minha formação inicial e aos meus primeiros orientadores: Anita Brumer e Ruben Oliven. Aos meus colegas e amigos de curso/bolsa/grupo: Maria, Eleana, Aline B., Cris, Fabi S., Milena L., Marina, Fernanda H., Henrique, Kelly e Fernando.

Aos colegas de trabalho (professores e diretoras) do colégio Inácio Montanha que me ajudaram nesse início de docência, sempre compreendendo minha condição de estudante.

Aos meus amigos de perto e de longe, que me viram distante nesses últimos tempos, sempre ocupada, cansada, estudando e trabalhando, espero que me perdoem, pois nunca me esqueço de vocês: Lica, Róber, Nirlete e Mitch (e família Iturriet) – graças a vocês pude “decidir” morar em Poa e estudar na UFRGS, obrigada pelo apoio e primeira acolhida na cidade. À Gabriela F.K., Carol H., Liziane M., Rodrigo Machado (e família), Márcio P., Fernanda S. e muitos outros “cassineiros”, “cefavianos” e o pessoal de Porto Alegre....

À minha família, que mesmo não compreendendo muito meus motivos, o porquê das mudanças e o que eu pesquiso/faço, sempre torce por mim, mesmo longe: minha mãe, Magda, para quem sempre fomos prioridade; meu pai, Oscar, que me ensinou a ser independente; minhas irmãs “pequenas”, Francis e Shani, pela parceria e a minha avó Ilza, pelo seu amor incondicional.

Ao meu companheiro e amigo de sempre, Alessandro, que se manteve firme, paciente e amoroso nessa fase complicada.

E por fim, a Laerte, por ter me inspirado a escrever esta dissertação. Muito obrigada!

Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter
Que nada
Minha porção mulher, que até então se
resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver
Quem dera
Pudesse todo homem compreender, oh, mãe,
quem dera
Ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser
Quem sabe
O Superhomem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher
Super-Homem – A Canção
Gilberto Gil

Com o que será que sonha
A mulher barbada?
Será que no sonho ela salta
Como a trapezista?
Será que sonhando se arrisca
Como o domador?
Vai ver ela só tira a máscara
Como o palhaço
O que será que tem
O que será que hein?
O que será que tem a perder
A mulher barbada?
A mulher barbada
Adriana Calcanhoto

RESUMO

Reflexões provocativas já foram produzidas na intersecção dos estudos de gênero e sexualidade (na perspectiva pós-estruturalista) com o campo da educação e estudos culturais, que ajudam a mostrar o caráter aprendido dos modos de ser homem e mulher em nossa sociedade. Utilizamos nesta pesquisa a categoria pedagogias de gênero e sexualidade, proposta por Guacira Louro, para analisarmos de que forma diferentes artefatos culturais ensinam e reiteram determinadas normas referentes ao feminino e masculino e como estes mesmos artefatos possibilitam mudanças e possibilidades de subversão das normas. Propomos a análise de entrevistas concedida por Laerte, cartunista que tem ganhado notoriedade e visibilidade midiática por suas experimentações éticas, estéticas e políticas em relação a gênero e sexualidade, discutindo que questionamentos das normas se abrem ou se reproduzem a partir disto por meio da problematização e multiplicação destes conceitos e fragmentação das dicotomias. Tomamos este “caso” como um artefato cultural – Laerte na mídia – e, portanto, como um local privilegiado para lançarmos um olhar a respeito da sociedade brasileira em relação às questões que envolvem gênero, sexualidade e corpo na medida em que isso gera repercussão e muito interesse por parte da imprensa. Também porque se debruça sobre um modo de vida considerado “estranho”, inusitado ou “anormal”. Sendo assim, acreditamos que ao lançarmos nosso olhar para as margens, muito compreendemos sobre o centro e também a respeito da constituição destas fronteiras e dos seus possíveis atravessamentos, ou seja, das possibilidades de transgressão e subversão das normas que constituem o sistema heteronormativo vigente.

Palavras-chave: Pedagogias de gênero e sexualidade. Pós-estruturalismo. Estudos *queer*, Transgeneridade. Laerte.

ABSTRACT

Provocative reflections have already been produced in the intersection of gender and sexuality studies (according to post-structuralism perspective) with the education and cultural studies field, which help show the learned character of the ways to be a man and a woman in our society. Gender pedagogies purposed by Guacira Louro were used in this research in order to analyze how different cultural artifacts teach and reiterate particular norms referred to the feminine and the masculine and also how these very artifacts make possible changes and possibilities of norms subversion. Interview analyzes conceived by Laerte, cartoonist who has been gaining media notoriety and visibility due to his ethical, esthetical and political experiences related to gender and sexuality, are purposed, discussing which norm questionings open or reproduce themselves from it through problematisation and multiplication of such concepts as well as the dichotomies fragmentations. This “case” is assumed to be a cultural artifact – Laerte on media – and, therefore, as a privileged place to launch a look about the Brazilian society related to the issues which involve gender, sexuality and body in the media in such extension which generates repercussion and a great interest from the press. It is also because it focuses on a way of life considered “strange”, unusual or even “abnormal”. Thus, it is believed that, once launching our look to the margins, much will be understood about the center and also about the constitution of these boarders and its possible crossings, that is to say, of the transgression and subversion possibilities of the norms which constitute the heteronormative active system.

Key-words: Gender and sexuality pedagogies. Post-structuralism. *Queer* studies. Transgendering. Laerte.

SUMÁRIO

SOBRE O QUE ESTOU FALANDO?	11
1 COMO ELABORAR A PESQUISA? ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	21
1.1 Possibilidades de pesquisar	24
1.2 Contextualizando o material empírico.....	33
1.4 Sobre os conceitos	44
2 REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E CORPO	46
2.1 Sobre as teorias e suas multiplicidades.....	53
2.2 Essencialismo X Contrucionismo e mais.....	59
2.3 Sexualidades.....	62
3 DIÁLOGO COM AS ENTREVISTAS DE LAERTE: EXPERIMENTAÇÃO E SUBVERSÕES DAS NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE.....	79
3.1 “Tenho vergonha de quase tudo que desenhei”	82
3.2 Emergência do estudos <i>queer</i>	90
3.3 História do termo <i>queer</i>	93
3.4 <i>Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher</i>	98
3.5 Paradoxo de salto alto	106
3.6 “Eu sou uma travesti”	118
3.7 O episódio do banheiro	126
3.8 “Me trate com respeito”: em um depoimentos exclusivo, Laerte questiona padrões e diz que o conceito de gênero não passa de uma construção cultural	131
SOBRE O DESFECHO PROVISÓRIO (ou notas sobre a vida-artista e estéticas da existência em Laerte)	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
FONTES DE PESQUISA	155
SITES CONSULTADOS.....	156
VÍDEOS	157

SOBRE O QUE ESTOU FALANDO?

Acredito que quase todo mundo¹ conhece o Laerte. Quase todo mundo conhece e tem alguma opinião. Chego a essa conclusão depois de pesquisar e constatar sua ampla visibilidade, de apresentar meu trabalho sobre ele/a em eventos acadêmicos e ver a curiosidade e admiração das pessoas a respeito dele/dela. Os comentários ao final da minha apresentação em um evento recente² expressam isso: “acho que o Brasil precisa de mais Laertes”; “eu gosto muito dele e acho que deve continuar fazendo o que esta fazendo”, “acho o Laerte uma figura incrível”; “eu li uma entrevista onde ele afirma que pode ser bissexual com qualquer roupa, isso mostra como ele é interessante”...

Uma outra cena³ vivida por mim expressa bem esta sensação

Entro numa loja no centro de Porto Alegre para tirar cópias de algumas entrevistas com Laerte que saíram em jornais e revistas, e que por terem uma dimensão maior do que folha A4 demandam cópia profissional. Ao olhar a capa e do que se tratava a atendente olha com admiração e diz:

Atendente – Olha, algumas páginas não vão sair, estas de foto, são muito escuras e travam a máquina

Eu – quais não vão sair?

Atendente – (aponta para as fotos grandes de Laerte) Tu quer tirar cópia de tudo? (e aponta a página que “só” tem uma foto grande de Laerte e nada mais)

Eu – sim, mas se não dá...

Atendente – esse Laerte é muito estranho, né? Parece uma tia velha, não é uma travesti, não é..., é uma tia velha mesma. Lembra aquela outra, mas essa é travesti mesmo, a Joana⁴.

¹ “Todo mundo” é uma expressão que não significa “todo mundo”, mas sim, que se refere a grande maioria das pessoas. Com essa expressão quis apenas enfatizar que grande parte da população brasileira, urbana e com acesso aos meios de comunicação conhece Laerte, devido a sua grande exposição midiática atual e a sua longa carreira como cartunista em jornais e revistas nacionais.

² Apresentação do meu trabalho no VII Congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH (Associação Brasileira de estudos da homocultura), ocorrido em Rio Grande/RS, do dia 7 a 9 de Maio de 2014.

³ Utilizo a ideia de cena, tal qual a proposta de Fernando Seffner (2011, 2013) segundo ele, a cena é alguma experiência registrada num diário de campo, a quente, logo depois da situação. Posteriormente, o vivido e anotado é retomado e trabalhado em outro contexto, como na escrita de um artigo, de forma mais tranquila e reflexiva. Neste caso, no momento em que decidi utilizar esta anotação no texto da minha dissertação. Entretanto, segundo Seffner, ambos os textos são da mesma autoria, só mudando a situação de sua produção, não sendo necessário identificar o que é registro de diário de campo e o que é a construção textual (recorte do diário, com reflexão da cena).

⁴ Nome fictício, o nome original foi substituído para evitar a identificação da pessoa descrita.

(A outra atendente que prestava atenção entra na conversa) – Mas a Joana é travesti mesmo.

Atendente – É, como ela não tem tanta modificação, tanta plástica, ela parece mulher mesmo, agora tem outras... , mas o Laerte é diferente...

Eu – sim...

Atendente – Tu mora por aqui?

Eu – Sim, moro aqui perto.

Atendente – Então talvez tu conheças, tem uma que fez algo parecido com o Michael Jackson, tá muito branca, parece um papel, tá sempre de sombrinha agora.

Eu – ah... acho que não conheço, não lembro de ter visto

Atendente – Tem muitas por aqui, como eu conheço já faz bastante tempo prestei atenção nisso, a gente não sabe como vai ser daqui a 20 anos essas coisas de silicone e tal, né? A Joana, que é nossa cliente, acolhe muita gente que tá na pior, ela é bem legal.

Eu: Sim, a Joana eu sei quem é, ela mora aqui perto, né?

Atendente: Sim, mora aqui (faz um gesto com a mão).

Entretida com a conversa esqueço-me de pedir duas cópias de cada entrevista e de tirar os outros jornais da mochila. Abro a pasta, mostro as demais matérias e peço mais uma cópia da primeira, aponto para as fotos e pergunto:

Eu – Vai sair?

Atendente: não sei, deixa eu perguntar para ele (e chama o rapaz que opera a máquina).

Ao ver que as outras entrevistas eram com Laerte também, a atendente arregala os olhos e para de falar sobre o assunto.

Mas afinal, quem é Laerte?

Para começar, é bom traçar um breve perfil de Laerte⁵, pois pode ser que entre os leitores e leitoras alguém não faça parto do “quase todo mundo”.

Laerte Coutinho é um renomado cartunista brasileiro de 64 anos. Nasceu em São Paulo capital, numa família de classe média, filho de um professor universitário e de uma

⁵ Estas informações sobre a biografia de Laerte foram retiradas de fontes diversas: blog oficial de Laerte (biografia), Wikipédia, Biografia sobre Laerte – Vida e Obra (e-book -trabalho de conclusão de um curso de jornalismo) (2012), e das entrevistas concedidas a eles a inúmeros jornais, revistas, programas de TV e rádio.

dona de casa formada em biologia, tem três irmãos (duas moças e dois rapazes, sendo ele o terceiro filho). No final dos anos 1960 e início dos 1970 estudou música e jornalismo na Universidade de São Paulo (USP), mas não concluiu nenhum dos cursos. Nesta época começou a desenhar e a publicar quadrinhos no jornal da universidade, também passou a militar contra o regime militar, participou do partido comunista brasileiro e trabalhou junto a sindicatos, publicando em periódicos ligados a estas causas e instituições. Ademais, trabalhou como jornalista para diversos jornais e revistas.

Nos anos 1980 consolidou-se como quadrinista e passou a trabalhar em parceria com amigos, igualmente ícones dos quadrinhos brasileiros, Angeli e Glauco, criando a famosa revista “Chiclete com banana”. Nos anos 1990 passou a publicar suas tiras dos personagens Piratas do Tietê no Jornal Folha de São Paulo, onde permanece como colaborador permanente, publicando tiras de personagens diversos. Nesta mesma década atuou como roteirista para diversos programas de televisão, teatro e cinema como, por exemplo, o “Sai de Baixo” e a “TV Colosso”.

Suas histórias e personagens mais famosos (além dos Piratas do Tietê) são: Deus; Gato e Gata; Condomínio; Fagundes; Overman; Los três amigos; Hugo Baracchini/Muriel. Estes últimos são os únicos que se mantêm até hoje - foram ampliados com o acréscimo de novos personagens e podem ser conferidos no blog Muriel Total - por terem estreita relação com a experiência de gênero e sexualidade vivida por Laerte atualmente. Ainda tem: Suriá e Lola, a andorinha.

A partir dos anos 2000 lança com frequência coletâneas de suas obras, após este período sua produção passa por uma transformação, abandona alguns personagens famosos e passa a produzir outro tipo de tira, com nova proposta de humor e reflexão. Atualmente publica tiras em jornais de diversas cidades no Brasil e em blogs, como o Manual do Minotauro e Muriel Total e publicou recentemente alguns livros como: *Muchacha* (2010) e *Storynhas* (2013) (em coautoria com Rita Lee).

No que tange a sua vida pessoal, Laerte foi casado três vezes, com três mulheres, e teve três filhos, dois rapazes e uma moça. No início dos anos 2000 ele se divorciou de sua terceira esposa. Neste período passou por crises pessoais e profissionais. Em 2004 Laerte “revelou” sua bissexualidade em uma entrevista à revista Caros Amigos (em entrevistas mais recentes, afirma que seu processo de transformação começou nesta época). Em 2005 seu filho do meio, Diogo, morreu em um acidente de carro. A partir da ampla exposição midiática muitas perguntas relacionando a morte do filho com suas mudanças/experiências foram feitas.

As experimentações de gênero e sexualidade de Laerte foram anunciadas publicamente em 2010, em uma entrevista à Revista Bravo. A partir deste momento, ele passa a conceder inúmeras entrevistas para jornais e revistas diversos, programas de TV e rádio, tendo como tema principal as questões vinculadas aos seus novos “hábitos”: se vestir de mulher e experienciar o gênero feminino. Esta exposição midiática e o processo de visibilidade e a experimentação de Laerte são o foco desta pesquisa. É sobre este aspecto da vida de Laerte que as entrevistas, que são o material empírico desta pesquisa, se dedicam.

As entrevistas que serão utilizadas na análise são: “Tenho vergonha de quase tudo que desenhei” (ANTENORE, 2010), “Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher” (FINOTTI, 2010), “Paradoxo de salto alto” (RODRIGUEZ, 2010), “Eu sou uma travesti” (SOLNIK, 2011) e “Me trate com respeito” (COSTA; MENDES, 2012).

Também serão discutidas algumas informações referentes ao bastante conhecido episódio quando Laerte foi advertido pelo dono de um estabelecimento ao usar o banheiro feminino. O ocorrido foi noticiado, discutido amplamente e virou até um filme de curta-metragem, *Vestido de Laerte*, ganhador de prêmios. Vou utilizar três reportagens sobre o assunto, uma coluna de opinião e comentários da internet.

Acredito que estas breves informações sobre sua biografia sejam suficientes para se ter uma ideia de quem seja Laerte, as demais informações relevantes serão tratadas ao longo dessa dissertação, nela pretendo fazer com que as leitoras/es “mergulhem” no universo de Laerte para experimentar (se) em suas vivências e dialogar sobre gênero, sexualidade e corpo, junto a estas entrevistas.

Outra informação importante é que ao me referir a Laerte usarei, alternadamente, os pronomes feminino e masculino ou a barra o/a largamente utilizada numa abordagem feminista e vinculada aos estudos de gênero e sexualidade, e também porque Laerte durante o processo alternou esta utilização, o que ocorreu ainda nas entrevistas que servem de base para a análise nesta pesquisa. Embora alinhar pronomes e identidades possa ser considerado uma atitude cissexista⁶, é a solução que arranjei aqui, já que segundo o material empírico que utilizo, Laerte não parece impor uma forma de ser denominada. As revistas muitas vezes o retratem no masculino, o que poderia ser considerado um desrespeito a sua identidade de gênero, pois ela tem se referido a si mesma geralmente no feminino. Mantenho, portanto, essa ambiguidade na forma de tratamento (ele/ela) que está presente nas próprias entrevistas concedidas por Laerte.

⁶ Este termo será mais bem explicado posteriormente.

Sobre o percurso: início das indagações

Laerte enseja muita curiosidade, admiração e dúvidas nas pessoas, que no princípio não sabiam defini-lo. Como já diria o famoso antropólogo estruturalista Lévi-Strauss, o problema da classificação é algo fundamental no nosso pensamento. O Que Laerte é? O que ele não é? Onde Laerte vai parar? Ele foi sempre assim? Antes ele escondia isso e somente agora revelou? Ele saiu do armário? Qual o motivo dele estar fazendo tudo isso? Será que alguém influenciou? Será que ele está em seu juízo perfeito?

Estas perguntas, que pairavam no ar quando de sua aparição, me levaram a outras questões: como pode ser compreendido? Como ela se apresenta? O que é dito e o que não é dito sobre ele na imprensa? Como esse atravessamento de fronteiras de gênero e sexualidade gera curiosidade, tensão e ansiedade? Por que esta curiosidade e fascínio? Repulsa ou/e atração? Estaríamos diante de um “monstro” (SILVA, 2000) que por cruzar as fronteiras provoca uma mistura de reações, não passa impune as “nossas” classificações? Se sim, o que ele permite pensar? Que pedagogias, prazeres e perigos enseja?⁷

Todas estas questões serviram de disparo para a ideia e elaboração desta pesquisa/dissertação. Meu interesse por Laerte vem da impressão de que ele bagunça uma série de classificações e fronteiras, coloca em xeque termos como homem, mulher, masculino, feminino, *crossdressing*, travesti, transgênero, gênero, orientação sexual, identidades, etc. Ele/Ela parece ser uma pessoa que tem uma certa autorização para fazer isso, dada sua origem de classe, sua história de cartunista, sua posição social, então são vários atravessamentos em jogo para tumultuar e perturbar a situação. Suas ações e “práticas discursivas” me fazem pensar nas confusões, nas possibilidades e limites de mudar (implodir) este sistema sexo/gênero, como diria a antropóloga lésbica e feminista Gayle Rubin. Laerte parece ser à primeira vista, um prato cheio para me aproximar das discussões dos estudos *queer* e refletir sobre estas perspectivas teóricas e conceituais no Brasil, permitindo um diálogo.

Laerte é *queer*? O que é *queer*? Alguém pode ser *queer*? *Queer* é uma identidade? Se não for, como alguém pode ser *queer*? *Queer* não é uma atitude de denúncia ou protesto contra os binarismos, então alguém pode ser apenas atitude? As coisas vão se complicando, parece que isso enseja uma discussão sobre o que alguns chamam de era pós-gênero⁸, pós-

⁷ Para pensar a questão das figuras híbridas, para além do humano (como os heróis ou monstros), e/ou que congregam características consideradas opostas, como o masculino e o feminino, é que escolhi as duas músicas de epígrafe.

⁸ Reflexões sobre isso apareceram na mídia, como numa coluna da jornalista Cynara Menezes (2011), publicada em 2011 na revista Carta Capital, que começa citando Laerte, que afirma gostar deste termo; depois aborda o

identitária... mas o que é isso? É possível? É desejável? Alguns pensam que sim, outros que não. No meio de tudo isso tento fazer um recorte para minha pesquisa. Qual é o meu objeto? Quero pensar num outro mundo possível, embarco numa discussão sobre ativismos *queer* que englobaria um conjunto amplo e diverso de “objetos”, mas é tudo muito complexo e não tenho como dar conta.

Volto ao Laerte. Sai uma entrevista nova, mudou o discurso⁹, discorda do que dizia antes, muda as categorias e terminologias... é um processo de experimentação, trânsitos, fluxos... como dar conta disso? Como analisar, captar este processo, essas mudanças? É possível buscar alguma coerência nessa trajetória? É desejável buscar alguma coerência? O que elas nos dizem a respeito de gênero e sexualidade no Brasil? Como estes discursos nos ajudam a refletir sobre as especificidades do contexto nacional frente uma perspectiva teórica situada num contexto ocidental, norte-americano, europeu? Tudo isso é muito interessante, mas também muito amplo. Preciso escrever uma dissertação, tenho prazos para cumprir e preciso elaborar e definir a minha pergunta norteadora e central de pesquisa. E agora?

E isso que parece tão amplo já foi mais – no meu projeto de qualificação do mestrado a extensão das questões, o tema, os objetos de pesquisa eram ainda mais amplos. Pensando em como cheguei no Laerte e depois me deparei com Solanges e vadias,¹⁰ e depois voltei a Laerte, cheguei a uma conclusão parcial: o que me interessa e motiva é pensar em como estes sujeitos, através de suas ações, podem/possibilitam (ou não) uma alargamento da “vida viável” para além da heteronormatividade e dos binarismos de gênero. Estas discussão talvez possa ser enriquecida a partir da proposta da estética da existência de Michel Foucault e/ou sua ideia da vida com uma obra de arte, que permite estabelecer uma nova relação consigo mesmo e com os demais. Deste filósofo também se pode refletir sobre a noção de autor e autoria. Laerte é autor de tudo isso? É performance? Ou dá para pensar melhor com Judith Butler, e o conceito de performatividade, ele é mais narrado do que o narrador dessa história toda? Laerte enseja outras possibilidades de uma vida possível, que desafia os padrões hegemônicos estabelecidos. Será?

famoso caso australiano de Norrie May-Welby que foi declaradx sem gênero; e também cita a obra e as declarações questionadoras da filósofa espanhola Beatriz Preciado, entre outros temas.

⁹ Neste momento utilizo a palavra discurso no sentido usual e não como um conceito. Dessa forma, quero me referir à fala pública que expressa uma ideia ou “ideologia”. Não desconheço os diversos significados dessa palavra e, embora reconheça que o conceito de discurso em Foucault poderia me ser útil, não o utilizo neste contexto, pois não quero me ater a uma discussão bastante complexa desta categoria. Em outros momentos da dissertação a utilização desta palavra neste sentido é retomada.

¹⁰ Estou me referindo aqui ao duo musical Solange tô aberta e a Marcha das Vadias, que também eram tema da minha pesquisa ainda no âmbito do projeto.

Como “verificar” isso? Eis a grande questão. Não tem como nesse momento verificar os impactos disso no grande público, isso seria uma pesquisa com a audiência, inviável neste caso. Mas acredito que através de uma análise das entrevistas e de uma reflexão a partir delas, construindo pontes e conexões entre o que Laerte fala com outras ideias, se pode problematizar o que acontece. Como relacionar, por exemplo, o que o Laerte diz e faz das discussões *queer*, aproximar suas ideias do tema da crise das identidades, pensar o Laerte e as bandeiras tradicionais do movimento LGBT¹¹, onde ele não cabe direito e por isso se constroem novas categorias, e mais especificamente aproximar o Laerte das discussões “trans”, (direitos, visibilidade, nome social, cirurgias, implantes, etc.), e no meio destas diversas conexões tentar entender melhor o que o Laerte vem significando. O que coloca em funcionamento? O que é acionado a partir disso?

As entrevistas dadas por Laerte para diversos veículos de comunicação, em especial, as por escrito, desde 2010 nos ajudam a refletir sobre o seu discurso e como suas ideias nos fazem pensar sobre questões de gênero e sexualidade, provocando possíveis rupturas.

Penso que as ideias e noções presentes nessas entrevistas (falas de Laerte) investem em estratégias políticas próximas as discussões dos estudos *queer* e suas políticas de atravessamento de fronteiras. *Queer* é tomado aqui como uma disposição, uma postura, uma posição política e intelectual de pensar e agir, questionar e problematizar. Dessa forma, interessa também pensar nesse possível diálogo e nas diferenças e especificidades do “discurso”/estratégia política do Laerte no Brasil, tendo em vista a origem estadunidense das políticas e dos estudos *queer* e suas vertentes europeias e, logo, sua produção num contexto diferente daquele da realidade brasileira¹².

Parece, numa primeira leitura dessas entrevistas, que alguns pontos centrais que merecem ser analisados são as noções de corpo, gênero e sexualidade, velhas conhecidas dos estudos de gênero e sexualidade, mas que são latentes neste debate, pois os binarismos, dicotomias e essencialismos parecem resistir e, ao mesmo tempo, seguem sendo questionados e enfrentados.

¹¹LGBT, ou ainda LGBTTT, é a sigla no Brasil de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Que além dos mencionados é usada para se referir a todas as orientações sexuais minoritárias e a identidades de gênero diversas (divergentes ao sexo designado no nascimento). A sigla LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais) criada como um padrão internacional é a sigla mais utilizada por Organismos internacionais e entidades governamentais como ONU, Mercosul e Europa. Mais informações em “LGBT/LGBTTT”.

¹² Sobre a questão dos usos dos estudos *queer* no Brasil e/ou em outros contextos, ver Pedro Paulo Pereira (2012), Fernando Benetti (2013), entre outros.

Estes três conceitos: gênero, sexualidade e corpo estão relacionados às categorias *crossdressing*, travestilidades (travesti) e transesteridades (transgênero) utilizados tanto por Laerte quanto por seus entrevistadores. Além disso, destaco algumas outras perguntas que nortearam a análise das entrevistas: Quais são as questões mais frequentes? O que interessa/desperta mais curiosidade? Que “capturas” desse discurso aparentemente tão fluido tentam ser feitas? E pelo outro lado, como Laerte reage a essas questões? O que ele responde e o que não? Como ele transforma/muda as perguntas? Como se deixa capturar? Como resiste? Que marcadores sociais da diferença o atravessam?

Outro ponto importante de destacar é que essas entrevistas podem ser pensadas/localizadas dentro do que chamamos de pedagogias de gênero e sexualidade (LOURO, 2000, 2008) pensando o que o Laerte ensina com isso e/ou pensar o Laerte, por meio das entrevistas, como um artefato cultural que por sua vez ensina, ele faz duvidar, ele permite afirmações e negações. Dessa forma, sua trajetória pode ser pensada como um currículo, disputando, reproduzindo ou oferecendo um contraponto aos “discursos” hegemônicos da heteronormatividade e dos binarismos de gênero e sexualidade, com suas normas e desvios, que encontramos na grande maioria dos artefatos culturais do nosso país.

Nesse sentido, Laerte se encontraria ao lado ou próximo de outros sujeitos e grupos que também tentam apresentar e conformar outras formas de vida, numa luta no campo cultural e político, mas um tipo de militância mais abrangente, não somente preocupada com questões institucionais ou do campo jurídico, leis e direitos, que são muito importantes, mas também engajada numa mudança de perspectivas culturais, próximo às ideias *queer* e a alguns campos do feminismo e das lutas de lésbicas e gays e outros LGBTQI. Então, de alguma forma, as ideias e motivações que estavam presentes no meu projeto de qualificação seguem presentes aqui, apenas com o enfoque mais específico, centrado na figura de Laerte. Pensar contra o que o Laerte investe, o que ele preserva (pois ele é uma senhora aparentemente “bem comportada” frente a travestis e transexuais “mais convencionais”), no que ele “incomoda”, onde ela “deu problemas”, onde é aceito, etc.

Todas estas questões levantadas são o pano de fundo desta pesquisa. Elas situam meus interesses de estudo e apontam um horizonte de possibilidades de questionamentos e direções para a pesquisa. Nem todas estas questões poderão ser aprofundadas e menos ainda respondidas. De qualquer forma, acredito que sejam válidas porque se indagar é uma boa forma de começar a realizar pesquisas, em especial, na perspectiva pós-estruturalista adotada. Em resumo, acredito que Laerte é um caso interessante para refletir a respeito de questões que interessam ao nosso campo de estudos e linha de pesquisa: educação, sexualidade e relações

de gênero. Laerte é “bom para pensar” nas mudanças e complexidades deste amplo “campo” teórico e político, que vê emergir, cada vez mais, outros “sujeitxs”, novas categorias, polarizações e um aprofundamento das críticas e debates.

Feita a introdução, passo agora a abordar a estrutura do texto. Esta dissertação se organiza de forma relativamente tradicional, depois desta apresentação do tema, objeto e percurso da pesquisa, o primeiro capítulo se dedica às questões metodológicas, ou seja, como construí a pesquisa, a partir de que “métodos”, trabalhando com que conceitos, pressupostos e material empírico, que estão estritamente vinculados à perspectiva teórica e ao âmbito onde esta pesquisa se insere: educação, pós-estruturalismo e estudos de gênero e sexualidade.

O segundo capítulo se dedica propriamente às questões teóricas, de onde falo como pesquisadora. Também faço um percurso por meio de parte da trajetória de emergência do conceito gênero e dos estudos sobre sexualidade, que estão inter-relacionados as questões de corpo e sexo, para embasar a discussão que pretendi empreender no diálogo com o material empírico, as entrevistas de Laerte que abordam suas experimentações de gênero e sexualidade.

No capítulo seguinte exploro a análise das entrevistas, o diálogo entre as diversas perspectivas e diferentes estratégias a respeito do que é gênero, sexualidade e corpo. Que categorias vinculadas a estes temas emergem dali? Como estes termos são apresentados, compreendidos, problematizados, reapropriados e modificados? Que possíveis mudanças possibilitam? Durante este diálogo, se mostrou necessário discutir de forma mais específica algumas outras questões teóricas, por conta disso, se abrem dois “parênteses” estritamente vinculados às questões empíricas, para depois retomarmos o diálogo com o material, de forma mais fluida.

Por fim, sinalizo algumas questões pendentes e sintetizo algumas das descrições e multiplicações dos sentidos e significados que captei nos diálogos com as entrevistas, tentando mostrar as possibilidades que o “objeto de estudo” abre para a discussão sobre formas de viver e o que enseja em termos de subversão e resistência, assim esta pesquisa também pretende contribuir para isso.

Ao concluir esta “introdução” quero apenas abordar brevemente um aspecto muito importante que são as questões éticas. Esta pesquisa utiliza basicamente materiais - artefatos culturais - de caráter público, presentes em revistas, jornais e portais da internet, muitos são disponibilizados na versão *online*. Em virtude disso, não há a necessidade de se utilizar termo de consentimento livre e esclarecido, entretanto, isso não significa que não haja preocupação e cuidado com o material utilizado, que embora amplamente divulgado e público, é produto do

trabalho de inúmeras pessoas (no caso das entrevistas: repórteres, fotógrafos, redatores, revisores...) e se refere à vida de Laerte, que concedeu as entrevistas abordando diferentes aspectos considerados de âmbito privado. Assim, todas as eventuais críticas não objetivam desqualificar ninguém, mas sim problematizar processos de inscrição e classificação, de ambas as partes. Além disso, na medida em que Laerte se expressa publicamente com o intuito político de ensejar debates na sociedade no que diz respeito às normas de gênero e sexualidade e publicizar suas ideias e práticas, acredito que trabalhos acadêmicos como este, fazem parte deste processo ao enfocarem esta problematização e contribuem, de forma modesta, para sua compreensão, reconhecimento e visibilidade.

1 COMO ELABORAR A PESQUISA? ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

O principal desafio para a realização desta pesquisa foi pensar em como abordar meu “objeto de estudo”. De que forma, com que estratégias, com que “métodos”? Não há, na perspectiva de estudos e pesquisas em que estou inserida, uma única forma de pesquisar, um método preferencial, um manual ou um guia (CORAZZA, 2001; COSTA, 2005; MEYER & PARAÍSO, 2012). Isso que aparentemente é libertador e incita a criatividade, também traz inúmeras angústias e questionamentos, por ser algo absolutamente novo e desafiador para mim, que vim de outra área, as ciências sociais, extremamente regrada em termos de tipo de pesquisa e abordagem metodológica.

De repente me vi inserida num campo com novas possibilidades, outras estratégias teóricas e analíticas, não reguladas por uma disciplina, metodologia ou por uma área específica do conhecimento. É também uma área relativamente nova de pesquisa. No curto prazo do mestrado fui sendo introduzida a múltiplos campos: educação, perspectivas pós-críticas, pós-estruturalistas, estudos culturais, estudos feministas, gays, lésbicos, *queer*... áreas que em nossa linha de estudos - educação, sexualidade e relações de gênero - estão em permanente contato e diálogo. Fiz leituras, me dirigi a uma perspectiva pós-estruturalista e a discussões vinculadas à nossa área de estudos, mas não enveredei propriamente ou profundamente em um dos campos. Realizei articulações e me aproximei de forma inicial para tentar estabelecer diálogos. Desta forma, busquei inscrever a pesquisa nesse local de fronteira e contato, tentando construir uma abordagem metodológica coerente com esta proposta.

Nesta tentativa, fui realizando pontes, bricolagens (PARAISO, 2012), entre as reflexões teóricas que me inspiravam e meu objeto de estudo e material empírico. O que me ajudaria a supostamente responder as minhas indagações? Na discussão sobre metodologias de pesquisa possíveis em nosso “campo de investigação”, na disciplina que realizei sobre isso¹³ e na leitura de textos, percebi que esta era uma indagação pertinente e comum, este era o desafio. Como elaborar nossas pesquisas? Não havia respostas prontas, mas havia caminhos possíveis e desejáveis (e aqueles que deveriam ser evitados), estratégias já elaboradas e que serviam de exemplo, formas de perguntar, recortes, invenções.

Fui desafiada então a refletir sobre minha formação como cientista social, a romper com algumas formas já instituídas de fazer pesquisa (desaprender o aprendido e incorporado), e me lançar ao desconhecido. Poderia muito bem utilizar algumas metodologias de “lá” que

¹³ Disciplina intitulada Metodologias de pesquisa pós-estruturalistas em educação e saúde, cursada em 2013/1.

recortadas seriam utilizadas “aqui” constituindo uma bricolagem (Ibidem) como entrevistas não diretivas, observações etnográficas e afins; mas quis romper, tanto pessoalmente como profissionalmente com aquele “lá” e encarar a desterritorialização.

A ideia era me inserir completamente neste novo “campo de estudos”, mais propriamente a educação, em interface com estudos de gênero, sexualidade, estudos *queer*, pós-estruturalismo, com uma noção alargada e ampla de educação, entendida como um “conjunto de processos pelos quais indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura” (MEYER, 2012, p. 50) em diálogo com os estudos culturais, pensando na diversidade de pedagogias que atuam em/na nossa sociedade, muito além dos muros da escola. Pedagogias culturais, de gênero e sexualidade (LOURO, 2000, 2008) que conformam saberes, aprendizagens, um currículo, através, por exemplo, dos artefatos culturais (mídia, cinema, TV, revistas e jornais, música, etc.) entre outras instituições e instâncias sociais.

É importante salientar que uma “personagem” como Laerte permite que se enderecem muitas perguntas, e isso claro que dificulta na hora de pensar o método adequado para efetuar uma compreensão do fenômeno. Para complicar um pouco mais, a discussão na linha de estudos da qual faço parte, ressalta todas as implicações entre o sujeito que pesquisa e o “objeto”, chamado muitas vezes de colaborador. Laerte não é uma pessoa que simplesmente diz coisas, e os pesquisadores/as interpretam¹⁴. Ele é um sujeito que produz interpretações a todo o momento sobre sua trajetória, que modifica seu pensamento conforme a conjuntura, que em parte gere seu próprio processo de modificações, e em parte se move pelas interpelações dos entrevistadores, da sociedade, dos movimentos sociais com os quais se articula ou se afasta. É uma militante e pensadora sobre o tema, uma pessoa pública e reconhecida.

Tudo isso dá uma dimensão complexa tanto ao fenômeno que é supostamente o objeto da pesquisa, quanto ao ato de realizar uma pesquisa que se pretende “científica”, mas que se orienta por postulados pós-estruturalistas que pensam a ciência menos em sua universalidade de métodos e mais em sua conexão com cada pesquisadora/o, pois esta pesquisadora/o pode ser um sujeito branco, negra, pobre, rico, oriental, ocidental, homem, mulher, gay, bissexual, homossexual, lésbica, heterossexual e isso tem implicações importantes. A saída tradicional da ciência para essa variação do humano era formar o cientista como dominando um método,

¹⁴ Embora saiba que nos processos de pesquisa que envolvem entrevista, as perguntas feitas estimulam a reflexão e análise dos entrevistados, podendo ter diversos “efeitos”.

e aplicando de modo correto e sempre igual este método, um postulado claramente derivado das chamadas ciências duras ou exatas.

Mas o percurso de formação em pesquisa nos estudos de gênero e sexualidade e no campo pós-estruturalista também me fez romper com isso, mostrando que a elaboração da metodologia, a escolha dos supostos objetos, a construção da pergunta, enfim, todos estes procedimentos variam de pesquisadora a pesquisador/a. Desta forma, na presente pesquisa, tanto poderia construir boas perguntas sobre Laerte, que já valeriam por si, como poderia também assinalar giros interessantes em sua trajetória, estabelecer conexões entre o que Laerte faz em sua produção cultural/artística e o que ocorre na sociedade ao redor, e também pensar um pouco porque os entrevistadores perguntam certas coisas, e não outras, ou seja, “usar” o Laerte para pensar o mundo em que vivemos do ponto de vista do gênero e da sexualidade, e com isso também pensar o próprio Laerte.

No meio desse quadro altamente complexo e disputado de como compreendo a pesquisa, a ciência e a figura do pesquisador, neste capítulo apresento as linhas gerais que serviram de base para a elaboração desta pesquisa. Que “caminhos investigativos” segui, como construí as perguntas e indagações, como construí e recortei meu material empírico, que retalhos e recomposições fiz, enfim que metodologia propus para tentar dar conta de minhas perguntas/problemas de pesquisa.

Meu objeto de pesquisa é Laerte e sua experimentação de gênero/sexualidade utilizando como fonte revistas e jornais brasileiros. O que pretendo pesquisar aqui é o material produzido pela mídia sobre e com Laerte, cartunista brasileiro, como um produto cultural. Entre um conjunto extenso de aparições dele/a na imprensa nacional (TV, rádio, revistas, jornais, blogs, etc.), selecionei algumas entrevistas impressas, que foram publicadas em revistas e jornais de ampla circulação nacional e/ou regional e também algumas notícias sobre o “episódio do banheiro” com a opinião dos leitores.

A ideia trabalhando com este material empírico é compreender Laerte a partir da forma como a mídia o inscreve/descreve. Como essas entrevistas relacionam Laerte a determinados assuntos (“discursos”), servindo para falar de algumas coisas, e não de outras, se aproximando de alguns temas e se afastando de outros e refletir sobre a dinâmica da entrevista e que modos de subjetividade ela produz, pensar em como a diferença produzida por Laerte se apresenta nesta dinâmica, que embates e estratégias se percebem neste jogo interativo da entrevista, enfim, o que se produz ali.

Além disso, um dos focos mais importantes da pesquisa é a proposta que me parece subversiva de Laerte com relação a gênero e sexualidade, como aspectos construídos e que

precisam ser reformulados, repensados e questionados e o que ela traz em termos de possibilidades de contestação destas normas e da própria heteronormatividade, como um projeto para construir algo diverso. Esse objetivo se coaduna com meus interesses de pesquisa e com a influência de parte dos chamados estudos *queer* e suas políticas. Ou seja, percebo nas atitudes de Laerte algo que se poderia chamar de uma disposição *queer*, mas com suas especificidades locais¹⁵.

1.1 Possibilidades de pesquisar

Segundo Dagmar Meyer (2012) a inserção em um referencial teórico-metodológico é sempre política e ética, pois define determinadas marcas no âmbito de realização da pesquisa. Esta autora também alerta que há uma indissociabilidade entre teoria e método, já que as opções metodológicas precisam fazer sentido na perspectiva teórica na qual nos inscrevemos.

Como já mencionado, a perspectiva que sigo aqui, de forma ampla, é a perspectiva pós-crítica, mais especificamente, pós-estruturalista, principalmente a partir da obra de alguns autores situados na escola filosófica francesa como Michel Foucault (e sua analítica do poder), Jaques Derrida (e sua proposta de desconstrução), Gilles Deleuze, entre outros, que propõem uma crítica às grandes teorias universalizantes e totalizantes - as metanarrativas como denomina Tomaz Tadeu Silva (1994) e Michael Peters (2000)- e a filosofia do sujeito e da consciência que “não levam em conta as condições externas de suas possibilidades” (PETERS, 2000, p.36). Uma das características principais desta perspectiva teórica é sua afirmação da “centralidade da linguagem para a significação do mundo apontando a inseparabilidade entre linguagem, cultura, verdade, poder” (MEYER, 2012, p. 50) e uma crítica à racionalidade moderna ocidental e sua lógica binária de pensamento, etc. (SILVA, 2000).

Ainda segundo esta autora, estas abordagens pretendem descrever processos de hierarquização e diferenciação para questioná-los, problematizando a forma como produzem (ou ajudam a produzir) corpos e identidades. Além disso, há alguns pressupostos em comum nestes tipos de investigação que tem a ver com os conceitos de: educação, cultura, linguagem, poder, gênero/sexualidade. Assim, se parte do princípio que a linguagem é um “lócus de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder” (HALL, 1997; PETERS, 2000; VEIGA-NETO, 2003 apud MEYER, 2012, p. 50).

¹⁵ Como já ressaltado, para uma discussão sobre as especificidades da recepção da “teoria queer” no Brasil, ver Pereira (2012); Miskolci (2012); entre outros.

Desta forma, posso dizer que problematizar artefatos culturais diversos, tal qual se pretende fazer nessa pesquisa, é fundamental, pois estes incidem sobre “os modos pelos quais os indivíduos constroem a si mesmos como sujeitos” (MEYER, 2012, p. 51).

Cultura, destaca Dagmar Meyer, é tomada neste tipo de pesquisa como “um conjunto de processos com e por meio dos quais se produz um certo consenso acerca do mundo em que se vive” (Ibidem, p. 52), assim não se trata de apenas compartilhar significados, mas da produção de sistemas de significação utilizados para organizar e regular as interações dos humanos uns com os outros.

Além da concepção ampla de educação, já citada, a autora também chama a atenção para a categoria gênero, que segundo ela “funciona como um organizador do social e da cultura” (Ibidem, p. 52) que abarca todos os processos de construção e diferenciação de corpos e sujeitos masculinos e femininos, se articulando ainda a outros marcadores sociais da diferença, como: raça/etnia, classe, sexualidade. Isso possibilita (e restringe) determinadas formas de feminilidade e masculinidade. Essa discussão é muito pertinente para a compreensão da visibilidade de Laerte, já que sua experimentação de gênero, sua aceitação ou não, está imbricada também a estes outros marcadores, que o constituem e o tornam viável.

Sobre o corpo, é importante ressaltar que ele é percebido aqui não como algo do campo do biológico ou da natureza (ou apenas isso), mas sim como um construto cultural, social e histórico. Isso não significa negar sua materialidade ou existência, mas sim destacar “como os significados que atribuímos a ele são produzidos? como os significados sobre corpo, sobre gênero, sexualidade são compartilhados e por quais grupos?” (Ibidem, p. 53).

Em síntese, poder pode ser compreendido no âmbito deste tipo de pesquisa como “relações de força que investem os corpos, os sujeitos e as populações de novas capacidades, especialmente as capacidade de governo e autogoverno” (FOUCAULT apud MEYER, 2012, p. 53). Vinculadas às discussões de poder também estão as questões que envolvem saber, produção de conhecimento e regimes de verdade e ciência, que são problematizadas e deslocadas. É necessário destacar que as pesquisas nesta perspectiva, longe de serem objetivas e neutras, como queria a lógica ocidental moderna de pensamento, são interessadas, seja do ponto de vista político, seja do epistemológico (MEYER, 2012, p. 54). A partir deste quadro teórico-metodológico amplo, a autora define que, desta forma, estas pesquisas não estão interessadas em dizer como as coisas são (essências), mas sim em problematizar e descrever processos através dos quais saberes e significados são produzidos, em determinadas relações de poder, com consequências para determinados indivíduos ou grupos.

Além destas definições, Meyer apresenta algumas formas de construir perguntas, ou melhor, que tipo de questões são possíveis e/ou desejáveis nesta perspectiva teórica e metodológica. “O que acontece quando significados hegemônicos são contestados, rejeitados ou disputados por diferentes grupos?” (Ibidem, p. 53) segundo a autora, esse tipo de pergunta aponta para pesquisas que se voltam:

[...] para a descrição e análise de processos de produção, divulgação e interpelação, de incorporação e contestação ativas de determinados significados, saberes e posições de sujeito; e essas são operações fundamentalmente linguísticas e carregadas de poder que podem ser visibilizadas, descritas e problematizadas a partir destas formas de perguntar (Ibidem, p. 53).

Essa discussão feita por Meyer me ajudar a refletir sobre a experiência ética, estética e política de Laerte, pois apesar da heteronormatividade vigente, do cissexismo¹⁶, e do discurso hegemônico sobre gênero, sexualidade e identidades binárias, preponderante na nossa sociedade, ele/a parece resistir, encontrar brechas para questionar este sistema. Apesar das regras, encontrou formas de viver sua vida de outra maneira. Seu questionamento joga luz em questões ainda incômodas para a maioria das pessoas, já que se relacionam aquilo que se toma como pessoal e íntimo, os aspectos vinculados a gênero e sexualidade.

Denomino a experiência/experimentação de Laerte como ética, estética e política, baseada na proposta de Michel Foucault,¹⁷ para quem os temas da ética e da estética da existência estavam intimamente ligados. Nos volumes finais de História da sexualidade, o pensador francês distingue a moral da ética. Consultando os vocabulários de Foucault de J. Revel e E. Castro, temos que: moral se referiria a um conjunto amplo de valores e regras que constituiriam um código prescritivo que engendraria uma “moralidade dos comportamentos”. Já a ética é relativa à forma como o si mesmo se constitui em sujeito moral do código, existindo diferentes formas de “conduzir-se” moralmente, agindo como sujeito moral dessa ação. A toda ética corresponderia uma “substância ética” que significa a forma como o indivíduo faz de si a sua matéria de conduta moral, e também implica num modo de sujeição: a maneira do indivíduo se relacionar com a regra e experimentar a obrigação de colocá-la em ação. Em o “uso dos prazeres” Foucault descreve a ética Greco-romana que teria por substância os *aphrodisia* (o prazer, o desejo e os atos que são indissociáveis) e seu modo de

¹⁶ Cissexismo pode ser resumido como um conjunto amplo de preconceitos e discriminações, baseado num ideal cisgênero, que invalida a experiência de quem não se encaixa no sistema binário de gênero. Esta é uma discussão complexa e importante dentro do movimento transfeminista que será abordada aqui de forma restrita.

¹⁷ Que anteriormente também inspirou outros pesquisadores, como Richard Miskolci e Francisco Ortega, etc. As discussões sobre “estéticas da existência” também se relacionam a proposta de uma vida não fascista em Foucault. Esta temática originou debates, congressos e livros no Brasil, como: Rago & Veiga-Neto (2009), Rago (2010); Ortega (1999), entre outros.

sujeição seria uma escolha pessoal estético-política, não se tratando tanto de respeitar um código (como a moral cristã de obediência do corpo e de separação entre o prazer, o desejo e o ato), mas sim de “fazer de sua vida uma obra de arte” dentro da cultura do cuidado de si (diferente da proposta do individualismo burguês).

Segundo Judith Revel, o termo ética surgiu de forma significativa na obra de M. Foucault no prefácio que ele fez ao *Anti-édipo* de G. Deleuze e F. Guatarri, se referindo a tal livro como de ética, como também classificará mais tarde sua “História da sexualidade”, afirmando que “se, por ética entender-se a relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo, eu diria que tende a ser uma ética, ou, pelo menos, tentarei mostrar o que poderia ser uma ética do comportamento sexual” (FOUCAULT apud REVEL, 2005, p. 46). Esta autora afirma ainda que o projeto de uma “ontologia crítica da atualidade” do pensador francês também recebe o nome de “política como uma ética”, se relacionando estreitamente com o interesse do autor nas estratégias do poder, recolocando a análise do campo político com base na constituição ética dos indivíduos e na produção de suas subjetividades.

Neste mesmo vocabulário, Revel afirma que encontramos o termo estética da existência também nos últimos volumes de *História da sexualidade* e por isso ele se relaciona a questão da ética (e moral, ao abordar os gregos da antiguidade e os cristãos) onde Foucault retoma o tema da invenção de si (fazer de sua vida uma obra de arte) também com relação à modernidade e sua relação com o presente e consigo mesmo “ser moderno não é aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura: o que Baudelaire chama, de acordo com o vocabulário da época, de “dandismo”. (Ibidem, p. 44)

Desta forma, a estética da existência caracteriza a relação que nós mantemos com a nossa própria atualidade. A produção inventiva de si não significa um retorno à figura do sujeito soberano e nem o abandono do campo político “penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação” (Ibidem, p. 44). Na medida em que a estética da existência é uma prática ética da produção de subjetividade, é ao mesmo tempo assujeitada e resistente, sendo assim, um gesto eminentemente político.

Castro (2004) também afirma que há um vínculo entre o tema da ética, o tema da política e o da estética da existência em Foucault, este último pode ser compreendido como um modo de sujeição, uma das formas em que o indivíduo se encontra vinculado a um conjunto de regras e valores, caracterizado pelo ideal de ter uma vida bela e deixar a memória de uma existência bela. Isso significa que o indivíduo aceita certas maneiras e valores de se

comportar porque quer realizar em sua vida a beleza que estes propõem. Desta forma, a vida, como *bíos*, é tomada como o material de uma obra de arte.

Por estética de la existencia hay que entender una manera de vivir en la que el valor moral no proviene de la conformidad con un código de comportamientos ni con un trabajo de purificación, sino de ciertos principios formales generales en el uso de los placeres, en la distribución que se hace de ellos, en los límites que se observa, en la jerarquía que se respeta (HS2, 103). La estética de la existencia es un arte reflejo de una libertad percibida como juego de poder (CASTRO, 2004, p. 184).

Espero que essa breve exposição tenha deixado clara as conexões entre ética, estética da existência e política¹⁸, e porque pareceu interessante compreender o “caso Laerte” a partir deste referencial, como uma experiência que diz respeito à relação consigo mesmo, com a construção de subjetividades, com sujeições e resistências, como formas de lidar com as regras e normas e de como enfrentá-las. Acredito que se possa dizer, em linhas gerais, que Laerte ao se sentir “sufocado” em seu modo de vida e contexto histórico, empreendeu a experimentação de uma “nova forma de vida”, desafiando os códigos vigentes, imbricando sua vida e seu trabalho como cartunista (relações entre a transformação de sua personagem Hugo em Muriel e de si mesmo, de Laerte para Sônia e depois novamente para Laerte), tentando, talvez, transformar sua vida “numa obra de arte”, a partir da adoção de modos/valores/gestos que ele acredita/admira. Esta é uma reflexão pessoal, uma tentativa de fazer dialogar estas duas propostas: a do objeto de estudo (experimentação de Laerte) com a proposta teórico-política de Michel Foucault.

Outra noção muito importante nesta pesquisa é a de heteronormatividade. De modo geral, heteronormatividade se refere a “ordem social do presente” onde o modelo da heterossexualidade é considerado “natural” e “normal”, mesmo quando se fala de pessoas não heterossexuais. É contra este regime de normalização que a luta política *queer* se engaja. (MISKOLCI, 2012, p. 15-27)

Os termos cissexismo e cisgênero eventualmente também aparecem durante a dissertação, na medida em que se relacionam as problemáticas trans*¹⁹ de modo geral. Embora não conheça de forma profunda a literatura sobre a temática, acredito que não há consensos no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade e nos estudos *queer* a respeito disso (mas há muita discussão). De qualquer forma, é importante contextualizar o leitor/a neste debate, minimamente.

¹⁸ Esta última fase da obra de Michel Foucault, segundo Guilherme Castelo Branco (2009), “situa ética, estética e política numa rede complexa e indissociável”.

¹⁹ A utilização do asterisco visa ressaltar que trans está sendo utilizado como um termo guarda-chuva que abarca transexuais, transgêneros, travestis e etc.

Cisgênero²⁰ de acordo com a psicóloga e ativista Jaqueline de Jesus é um “Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (JESUS, 2012, p. 14). É um termo relativamente recente ou ainda pouco conhecido no nosso contexto nacional, mas já é bastante conhecido em outros países, e tem sido muito utilizado por grupos militantes, sobretudo dentro dos transfeminismos e dos feminismos. Como ele se refere a lutas políticas e disputas por significados que se relacionam intimamente como meu objeto de estudo/material empírico, será mencionado aqui. Em grandes linhas, cisgênero se refere à pessoa para quem o gênero que expressa não é diferente daquele que lhe foi designado no nascimento, ao contrário do que ocorre com as pessoas transgêneras, como seria o caso de Laerte, por exemplo.

A categoria bio-homem/bio-mulher é utilizada por Beatriz Preciado (2008) para designar os indivíduos que se identificam com o sexo designado no seu nascimento, ao contrário dos transhomens e transmulheres (e “outrxs”) que posteriormente contestam esta designação. A categoria cisgênero (de forma abreviada cis) tem um sentido similar, embora seja mais complexa e alvo de discussões no âmbito da militância trans e é uma problemática que não poderá ser tratada aqui de forma aprofundada. Abordo esta questão apenas para destacar que Laerte, que atualmente se designa travesti e/ou transgênero, era, no entanto, até seu pronunciamento público em 2010, considerado “cis” ou bio-homem pela sociedade em geral. Ou seja, sua identidade de gênero não era questionada e nem problematizada, pois o cissexismo naturaliza e apaga o caráter construído das categorias homem e mulher, fundamentadas em uma biologia e natureza pré-discursiva, dando aos sujeitos “cis” um privilégio.

Não se trata de abordar um “antes e depois” de Laerte, já que esta abordagem também pode ser considerada cissexista, mas é importante entender este contexto mais amplo, não para classificar ou julgar Laerte, e sim para compreender o processo que é analisado aqui. Como ela/e é apresentada pela mídia e como ela/e se apresenta serão alvo da análise, inclusive para descrever como estas marcações identitárias, que classificam e hierarquizam as pessoas em nossa sociedade, são utilizadas neste caso.

Ao expor publicamente suas opiniões a respeito das identidades de gênero e sexuais, que segundo ela, não passam de ficções (no sentido de construções arbitrarias) e falar

²⁰ Esta é uma discussão complexa e polêmica, sobre ela têm ocorrido diversos debates virtuais, em movimentos sociais e na academia, e em eventos públicos, como o Fazendo Gênero 10 (2013) e o Congresso da ABEH (2014), entre outros, por conta disso, não entrarei na discussão de forma mais prolongada nesta pesquisa. Entretanto, esta problemática demonstra em que campo político transita Laerte. Para mais informações sobre estes termos, ver: o estudo de Jaqueline de Jesus (2012) o glossário de Beatriz Guimarães (2013), etc.. E entre outros blogs e sites: “O que é cissexismo?”, “Cisgênero” e “Questões Plurais”.

abertamente sobre sua experiência de transgeneridade, Laerte desperta curiosidade e fascínio, por um lado, e mal-estar, por outro. O que suas reflexões e críticas trazem de “novo” para este campo minado? Que deslocamentos produzem? (se produzem).

Para pensar nestes incômodos causados por Laerte e na sua suposta rejeição, a despeito da constatada visibilidade, resolvi, como contraponto as entrevistas - que geralmente o celebram ou no mínimo, parecem respeitá-la - apresentar também algumas notícias sobre a polêmica em que Laerte se envolveu ao ser proibido de usar o banheiro feminino, em uma pizzaria de São Paulo, no ano de 2012. O caso teve ampla repercussão e foi alvo de opiniões de jornalistas e colunistas diversos, de jornais e revistas famosos e até de blogs autônomos e menos conhecidos, com as mais diferentes perspectivas²¹. Em alguns destes canais há disponibilidade dos leitores deixarem suas opiniões

Trazer algumas destas falas à tona possibilita o acesso a opiniões de apoio e principalmente de crítica a Laerte e a sua experiência de gênero. Essas opiniões de leitores ajudam a perceber os limites da aceitação da cartunista, o que se compreende a partir de suas falas, como elas são interpretadas, que pedagogias atuam aí e, principalmente, os limites de sua proposta. O caso do banheiro é, no mínimo, desagradável e desrespeitoso, mas também é interessante de ser analisado, porque mesmo sendo uma figura conhecida - um cartunista/uma artista famosa, que aparece na mídia falando de sua transgeneridade - Laerte foi impedida de usar o banheiro feminino.

Depois da explicitação do ponto de partida e de alguns pressupostos desta pesquisa, volto às recomendações e advertências a respeito da metodologia. Dagmar Meyer e Denise Gastaldo me recordam de algo muito importante, da posicionalidade e do conhecimento situado²² como pesquisadora, que fala desde um campo de estudos, de uma perspectiva teórica e metodológica, como determinados interesses e filiações. Desta forma, devo estar permanentemente em alerta, pois sei que minha pesquisa não abordará “a verdade”, mas mesmo com todas as limitações e provisoriiedades, a pesquisa acaba constituindo-se em uma “verdade” restrita e parcial, relacionado ao contexto e a época em que estudo. Também sei que esta pesquisa se insere em disputas, redes de poder/saber acadêmicas e que devo me manter em constante “vigilância epistemológica”.

²¹ Estas questões vão ser abordadas em outro capítulo, mas algumas destas notícias e opiniões podem ser vistas em: “Cartunista que se veste de mulher quer usar o banheiro feminino” (2012), “Laerte e os banheiros” (2012), Dias (2012) e Azevedo (2012).

²² Algumas autoras feministas, como Donna Haraway (1995) e Ilana Löwy (2000) questionam e negam a neutralidade e o relativismo, argumentos típicos da ciência universalista feita por homens, brancos, héteros e ocidentais – os sujeitos não-marcados, que falam desde lugar nenhum. Esta posição é chamada pela pensadora norte-americana, Donna Haraway, de “truque de Deus”.

Segundo Gastaldo (2012), é necessário o pesquisador levar em conta os aspectos subjetivos, e estar ciente de que a pesquisa e sua perspectiva teórica- metodológica estão inseridas em “micropolíticas do cotidiano”, que são permeadas por relações de poder. Assumir que a escrita não é neutra, ao contrário, é engajada e por isso mesmo deve ser rigorosa, possibilitando a construção de novas formas de pensar.

Com relação à noção de poder utilizada neste “campo de pesquisa”, a partir da contribuição da analítica de poder de Michel Foucault (1997), é importante ressaltar aqui que poder, mais que proibir ou estabelecer leis, criar normas que devem ser seguidas (leis invisíveis, naturalizadas, corporificadas) e assujeitar

Para Foucault, o poder é produtivo. O poder está disperso por todo o sistema social, estando estreitamente vinculado ao saber (...) ele não é apenas repressivo, mas também cria novos saberes – que podem não apenas oprimir, mas também libertar. (PETERS, 2000, p. 44).

É nessa relação que a luta se dá, a resistência se constitui nessa relação, não é algo externo, ocorre “dentro” das redes de poder, é inerente ao exercício do poder. Juntamente com estas recomendações teórico-metodológicas, tenho em mente as questões trazidas por Judith Butler e o conceito de performatividade de gênero, que se constitui através de inúmeras e constantes reiterações e citações, mas que não está nunca acabada/fixada, pois sempre há os corpos que escapam (BUTLER, 2010), já que na repetição sempre há espaço para a criatividade, e é ali que se abrem brechas. Parece-me que este conjunto de pressupostos é extremamente importante e válido.

Apostando em outras formas de construir pesquisa, surge a proposta da metodologia *queer*. Segundo Cristina Reis (2012) é possível fazer pesquisa a partir deste referencial teórico, pois muitos autores deste campo de estudos vêm defendendo este tipo de pesquisa que visaria a subversão dos cânones tradicionais da pesquisa científica, misturando procedimentos de análise diversos, modificando os que existem para que eles possam dar conta de seus interesses e preocupações. É importante salientar que me parece que esta proposta é bastante semelhante a dos estudos culturais e das pesquisas vinculadas ao pós-estruturalismo, que também buscavam novas formas de pesquisar e para isso, além de inventar métodos, pegavam emprestados e modificavam os já existentes (MEYER, PARAÍSO, 2012; BUJES, COSTA, 2005). Em nossa linha de pesquisa e programa, temos a pesquisa de doutorado de Fernando Pocahy (2011) que também se propôs a ensaiar um modo *queer* de pesquisar.

Ainda segundo Reis, esta metodologia *queer* teria surgido logo após a emergência desses estudos, nos EUA dos anos 1980, “inicialmente focando a desconstrução de identidades sexuais e de gênero e logo depois passando a enfocar os variados processos de produção do conhecimento” (LOURO, 2004; MISKOLCI, 2009; SILVA, 1999 apud REIS 2012, p. 243). Assim, esta proposta metodológica objetiva a desconstrução e desnaturalização dos objetos de análise e das concepções relacionadas à constituição dos corpos, sujeitos, normas e abjeções. Nestas pesquisas o enfoque seria “os processos de classificação, hierarquização e normalização de corpos e sujeitos” (MISKOLCI, 2007, p. 243 apud REIS, 2012, p. 243) expondo o caráter produzido culturalmente e discursivamente daquilo que é tido como natural (SOUZA; CARRIERI, 2010 apud REIS, 2012, p. 243).

Não ousou e nem pretendo chamar minha metodologia analítica de *queer*, apenas cito esta proposta metodológica como uma das possíveis neste campo de pesquisas, pós-estruturalista em educação, tão variado e amplo. No meu caso, acredito que se trata mais de uma análise cultural, que toma como material empírico artefatos culturais já “tradicionais” neste tipo de pesquisa, como a mídia impressa (revistas e jornais), própria deste “campo” que trabalha com questões vinculadas a gênero, sexualidade e educação (pedagogias).

Talvez minha forma de pesquisar seja de inspiração *queer*, como também é de inspiração feminista, de inspiração pós-estruturalista (assim como os próprios estudos *queer* que surgiram na esteira dessas reflexões: pós-estruturalistas, estudos culturais, estudos gays e lésbicos, estudos feministas). Tudo isso colabora para uma reflexão epistemológica sobre a própria ciência e suas possibilidades, já que esta pesquisa, mesmo ensejando o questionamento e a autorreflexão, também é um “discurso” que constitui o próprio objeto/sujeito que estuda.

Desta forma, a construção do meu objeto de pesquisa ou mais propriamente das questões norteadoras (problema de pesquisa) seguem esse caminho: por um lado enfocando um corpo e um sujeito considerado por muitos como “estranho”, Laerte, que escapa as normas, e que, de alguma forma, foge das classificações, e por outro lado, alguns setores da mídia e seus discursos, em geral hegemônicos, sobre gênero e sexualidade, que me parecem (ao menos em parte) tentar normalizar/patologizar ou mesmo classificar, nomear a experiência existencial/estética cujo significado lhes escapa, pois não se enquadra claramente na ordem social heteronormativa. Argumento que a mídia e os entrevistadores, em geral, insistem com suas perguntas em traçar uma rota de normalização para o Laerte, pois ao tentar entendê-lo, buscam aproximá-lo do já sabido, do já conhecido, e assim normalizam.

Entendo que são dois “discursos” diferentes que se encontram durante a entrevista, que se cruzam, que se confrontam e suscitam novas possibilidades. São duas estratégias distintas (mas que às vezes se relacionam e dialogam): uma estratégia que pode ser entendida como mais vinculada a ideias e políticas *queer*, subversivas - de questionar, criticar, problematizar, pensar *queer* - e outra que, em sua maioria tenta normalizar, enquadrar ou mesmo “diagnosticar” estas práticas e discursos “esquisitos”. Mais que isso, estas últimas seguem o padrão científico racional moderno; querem saber as origens, a verdade, desvelar o passado, cristalizar práticas fluidas, delimitar discursos e descobrir verdades (o que era mentira no passado, mas que agora finalmente veio à tona...) algo muitas vezes na linha: “você até que nos enganou, mas agora não engana mais”. Além disso, essas entrevistas podem suscitar interpretações e reações distintas das desejadas ou esperadas, como no caso da notícia sobre o episódio do banheiro, que traz à cena a necessidade percebida por alguns de mantermos as divisões e as normas, assim como também traz um questionamento a respeito desse espaço e suas regras.

Retomando as reflexões metodológicas de Dagmar Meyer, por fim, ela destaca que estes tipos de pesquisa, apesar de sua flexibilidade, são compostos por partes importantes, que podem ser expressas num quadro geral de formação de um projeto. Este quadro de pesquisa me ajudou a organizar meus interesses e a refletir sobre meu objeto de estudo e o material empírico. A autora afirma que pesquisar envolve: a delimitação e construção de um objeto de investigação; de um quadro conceitual; organização de um campo de investigação; a escolha de procedimentos de investigação e análise; a organização do material empírico (produzido em focos de interesse ou unidades analíticas) que devem ser definidos a partir das perguntas de pesquisa e a partir daí colocar em funcionamento os conceitos e estratégias de análise (MEYER, 2012, p. 55). Tentei seguir estas recomendações.

1.2 Contextualizando o material empírico

Como já dito, meu interesse é tentar compreender este “caso Laerte” e suas questões envolvendo gênero e sexualidade que se tornaram visíveis a partir de 2010 na mídia brasileira. A partir da percepção de que ele/a se tornou uma espécie de ícone da contracultura nacional, recorri ao que se produziu sobre e com ele na imprensa. Não estive pessoalmente com Laerte, não o entrevistei, mas me debrucei sobre a extensa produção cultural realizada sobre/com ela/e.

Esta exposição midiática de Laerte pode ser de demonstrada de diferentes formas e também pode ser compreendida de formas diversas e a partir de múltiplas lentes, como por exemplo: a sua obra e as tiras produzidas para jornais, blogs e livros; participação em programas de TV e rádio; aparições em eventos públicos (parado do orgulho gay, eventos políticos, comissão extraordinária dos direitos humanos, recebimento do prêmio arco-íris de direitos humanos); participação em movimentos e associações (ABRAT – Associação brasileira de transgêneros); polêmicas e notícias; filmes e documentários, etc. É possível ver a intensa participação de Laerte, em diversos eventos que envolvem a mídia, como indicado na tabela abaixo:

Tabela 1²³

LISTA COMPLETA DOS MATERIAIS²⁴		
1.1 Entrevistas impressas em jornais, revistas e portais		
TÍTULO	VEÍCULO	MÊS/ANO
'Tenho vergonha de quase tudo que desenhei' (aquela que é considerada a “primeira entrevista” sobre a temática)	Revista Bravo	Set. 2010
Laerte em Carne, osso e mini-saia	Site IG	Out. 2010
“Ser mulher é muito caro”	Moda no Mundo (IG)	Out. 2010
Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher	Folha de São Paulo. Caderno Ilustrada.	Nov. 2010
Paradoxo de Salto Alto	Revista TRIP	Dez. 2010
Eu poderia ser bissexual com qualquer roupa	Jornal Tabaré	Jun. 2011
Eu sou uma Travesti	Revista Brasileiros	Jun. 2011
Laerte Coutinho	Revista Status	Mar. 2012
O Humor é a expressão mais elevada da complexidade humana	Revista Caros Amigos	Out. 2012
Me trate com respeito	Revista Continuum/ Itaú Cultural	Out./Nov. 2012

²³ Total de materiais diversos: 45 itens. Entre entrevistas para jornais e revistas, para TV e rádio, filmes, documentários, notícias. Além destas entrevistas e materiais, há uma série de informativos em blogs, sites e portais dando notícia sobre Laerte (informando sobre as entrevistas que saíram na TV, resumindo o que foi dito, etc.) por não ser um documento original e até pela extensão deste tipo de material, ele não entrou em nossa lista. Além disso, ficaram de fora os blogs da obra de Laerte e seus perfis em redes sociais, por não ser o foco da pesquisa e o que não conseguiu ser acessado durante a realização deste estudo.

²⁴ Esta pesquisa se constitui até Maio de 2014. Foi interrompida por questões de delimitação da pesquisa. Em 2004 Laerte revelou a revista Caros Amigos que era bissexual, em alguns momentos esta entrevista é referida como pontapé inicial do processo de Laerte. Infelizmente não tive acesso a essa entrevista. É provável que existam ainda mais entrevistas a aparições de Laerte na mídia que não foram localizadas por mim ou que são mais recentes e escapam do período selecionado.

A saída para a crise masculina não é se travestir, é se questionar	Jornal Gazeta do Povo	Nov. 2012
Laerte em trânsito	Revista Piauí	Abr. 2013
Laerte diz que banheiro é o altar dos heterossexuais	Site UOL	Maio 2013
A Lucidez de Laerte	Jornal Zero Hora/ Caderno Cultura	Jul. 2013
Laerte abre o jogo (e tira a roupa)	Revista Rolling Stone	Nov. 2013
Quero peitos de silicone, mas não mexo lá embaixo	Folha de SP	Fev. 2013
Laerte diz que banheiro é o altar dos heterossexuais	Site UOL	Maio 2013
A Lucidez de Laerte	Jornal Zero Hora/ Caderno Cultura	Jul. 2013
Laerte abre o jogo (e tira a roupa)	Revista Rolling Stone	Nov. 2013
Laerte: “Gostaria de não ter renegado minha homossexualidade por 40 anos”	Jornal Paraíba	Mar. 2014
Laerte Coutinho e a luta LGBT	Portal Guia da semana.	Abr. 2014

LISTA COMPLETA DOS MATERIAIS			
1.2 Programas de TV			
PROGRAMA	VEÍCULO	DATA	OBSERVAÇÕES
Programa Lobotomia	MTV	09/08/2010 – carregado no you tube dia 11/08/2010 ²⁵	Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=L6rhTJ5jtww > (parte 1) Acesso em: 21 abr. 2014.
Programa Metrôpolis.	TV Cultura	11/2010	Depois apareceu mais duas vezes no programa, em 2011 junto com outra escritora para divulgar um livro, e em 2013 numa matéria sobre a balada literária.
Programa do Jô	Rede Globo	19/05/2011	
Provocações	TV Cultura	09/2011	
Adnet ao vivo	MTV	03/2011	
Altas Horas	Rede Globo	2011	
De frente com Gabi	SBT	15/05/2011	
Gabi Entrevista (Laerte e Angeli)	GNT	05/06/2011	
Roda Viva	TV Cultura	02/2012	
PEG–Projeto		25/03/2012	Disponível em:

²⁵ O que torna esse programa o primeiro a mostrar Laerte vestido de mulher, isso antes da entrevista a revista Bravo, publicada em Setembro de 2010, que teve maior repercussão e é considerada a primeira concedida por ela sobre o tema. O que pode ter acontecido é que a entrevista a Bravo foi concedida antes, mas publicada depois da entrevista que foi ao ar na MTV, em Agosto de 2010.

expressões de gênero.			< http://www.youtube.com/watch?v=Q_dZ2CkRvrU > Acesso em: 21 abr. 2014.
De Frente com Gabi	SBT	12/02/2012	
Ideias online entrevista: Laerte	Centro cultural banco do Brasil: São Paulo	27/07/2012	Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=Wj9GH3pqNJc#t=40 > Acesso em: 21 abr. 2014 < www.ideiasonlineccbb.com.br >
Máquina	TV Gazeta	03/07/2012	Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=PbwpzbQ25XM > Acesso em: 9 jun. 2014
Ponto de Virada	TV Cultura	10/2012	
Laerte e Miriam Goldenberg – o que é ser mulher nos dias de hoje?	Trip TV #8 (ONLINE)	18/03/2013	Disponível em: < http://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/programa-trip-tv/trip-tv-08.html > Acesso em: 21 abr. 2014.
Programa Imagem da palavra	Rede Minas TV	17/06/2013	Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=Jb4GfMT1U3s > (PARTE 1) Acesso em: 21 abr. 2014.
Programa Tas ao vivo - “A minha história frequenta os dois gêneros”	Portal Terra	26/06/2013	Disponível em: < http://diversao.terra.com.br/tas-ao-vivo/a-minha-historia-frequenta-os-dois-sexos-diz-laerte,32b2e8809628f310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html > Acesso em: 9 jun. 2014.
Gabi quase proibida	SBT	16/10/2013	Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=p0uDFm7DRyM > (parte 2). Acesso em: 21 abr. 2014.
SaladaNet (Programa de entrevistas com Maura Roth)	Vários canais na TV e também na internet	21/05/2014	Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=Sr5ZZDOCi9g > ; < http://www.saladanet.com/video_detalle.php?id=1269 > Acesso em: 9 jun. 2014.
Programa Perfil Especial com Ronnie Von	TV Gazeta.	05/09/2014	< http://www.youtube.com/watch?v=izjxhjlh2-Q > (parte 1) acessado dia 21/04/2014

LISTA COMPLETA DOS MATERIAIS

1.3 Outros

ENTREVISTA/FILME/MATÉRIA	VEÍCULO	DATA	OBSERVAÇÕES
Entrevista a rádio	TRIP FM	06/08/2012	Disponível em: < http://revistatrip.uol.com.br/tv-

			trip/laerte-coutinho.html> Acesso em: 21 abr. 2014
Programa Supertônica – Apresentação Arrigo Barnabé	Radio Cultura FM/SP	17/07/2011	Disponível em: http://culturabrasil.cmais.com.br/programas/supertonica/arquivo/laerte-reflexoes-sobre-genero
Notícias sobre o episódio do banheiro em SP	Veja; Folha de São Paulo, Portal UOL, etc.	01/ 2012	Foram inúmeras reportagens e notícias sobre o tema, além disso, muitos columnistas deram sua opinião.
Notícias sobre a ABRAT – Associação Brasileira de Transgêneros			Segundo algumas fontes, Laerte ingressou e montou a entidade depois do episódio do banheiro, em 2012, já em outra entrevista aparece que fundou a ONG no fim de 2011.
Vestido de Laerte (curta-metragem)	Filme	2012	Roteiro: Claudia Priscilla, Pedro Marques. Produção: Kiko Goifman. Fotografia: Lucas Rached. Direção de Arte: Fernanda Brenner. Montagem: Pedro Marques. Som, Edição de Som: Guile Martins. SP, Brasil . 2012
Entrevista com Angeli falando sobre o Laerte.	Mini-documentário	10/2010	Produtora Rever
Biografia do Laerte.	E-book	2012	Resultado de uma pesquisa de trabalho de conclusão de uma disciplina de jornalismo. Universidade de Mogi das Cruzes-SP. (disponível no issue).

Estes quadros acima, que demonstram a participação extensa de Laerte na mídia e, portanto sua importância e relevância no contexto midiático/cultural brasileiro nos últimos anos, também contribuem, para justificar a presente pesquisa, que ao selecionar como objeto de estudo Laerte e sua presença na mídia, a partir das questões de gênero e sexualidade aí suscitadas, propõe-se a jogar (mais) luz sobre estes fenômenos e a dialogar com esta experimentação de Laerte, na medida em que me parece ser uma experiência ética, estética e política interessante e boa para pensar. Dentre esta diversidade de materiais empíricos, escolhemos como fonte de pesquisa as seguintes entrevistas, realizadas entre 2010 e 2012:

Tabela 2

ENTREVISTAS SELECIONADAS		
TÍTULO	VEÍCULO	MÊS/ANO
“Tenho vergonha de quase tudo que desenhei”	Revista Bravo	Set. 2010
Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher	Folha de São Paulo	Nov. 2010
Paradoxo de Salto Alto	Revista TRIP	Dez. 2010
“Eu sou uma Travesti”	Revista Brasileiros	Jun. 2011
Episódio banheiro	Portal Terra, Globo e Revista veja	Jan. 2012
Me trate com respeito	Revista Continuum/Itaú Cultural	Out/Nov. 2012

A partir de uma pesquisa realizada na internet, através de sites de busca (Google), canais de vídeo (*youtube*), portais e etc. tentei localizar o máximo possível de material a respeito de Laerte. A partir dos achados destas buscas realizei uma leitura prévia de todas as entrevistas impressas, assisti as entrevistas televisivas e ouvi as entrevistas para rádio. Frente a todo este material, que continuou crescendo ao longo da pesquisa, foi necessário realizar recortes e fazer escolhas. Optei pelas entrevistas impressas: publicadas, com autoria, data e número de edição, por acreditar que elas possuem uma materialidade enquanto fonte e “dado” de pesquisa pelo fato de serem fixas e apresentarem uma concretude maior do que “notícias soltas” de portais na internet, blogs, material web, entre outros, que podem “desaparecer”, se tornar indisponíveis, serem retirados do “ar”.

Estabeleci alguns critérios amplos para uma pré-análise e recorte das entrevistas: tamanho e extensão da entrevista; ano (aspecto cronológico, tentando contemplar no mínimo um período de 2 anos); tipo de veículo de comunicação (jornal, revista, portal da internet); tipo de circulação (nacional ou regional/local); e o principal, a questão do tema central da entrevista – isso porque algumas entrevistas focavam especialmente na obra do cartunista, já outras entrevistas estavam interessadas apenas nas experiências de gênero de Laerte, e outras reuniam estes dois interesses ou mesmo os relacionavam (vida e obra).

Depois desta seleção, foi necessário ler novamente as entrevistas, identificando elementos em comum e os que eram diferentes, percebendo as questões que se repetiam as categorias mais utilizadas, enfim, o que parecia despertar mais interesse da imprensa e o que parecia ser o foco de interesse por parte de Laerte. A partir desta leitura e da busca de temas

transversais, vinculados tanto aos meus interesses de pesquisa, quanto àquilo que parecia ser o foco das entrevistas e de Laerte na interface com a mídia, emergiu a questão da experiência ética e estética de Laerte e sua “proposta crítica” em relação às normas de gênero e sexualidade.

Desta forma, a análise cultural que proponho vai se debruçar sobre estas “falas” vinculadas a estes temas centrais para propor outras questões e outros problemas, fazer novas perguntas, multiplicar os significados presentes nestas entrevistas, compreender que tipos de “discursos” se configuram ali. Não se trata propriamente de uma análise de discurso Foucaultiana, mas se inspira em estudos e pesquisas que fizeram uso desta metodologia. A partir dos temas abordados na entrevista, por parte dos entrevistadores e por parte de Laerte, pretendo fragmentar estas falas e seus significados, principalmente no que diz respeito à gênero, corpo e sexualidade, “problematizar” estas categorias, porque são elas que vou acionar para “fazer falar”, debater e dialogar com estas entrevistas.

Nesse processo analisado emergem identidades de gênero e identidades sexuais múltiplas, categorias diversas, formas de compreensão destas questões que divergem, processos e práticas que contrariam regras e normas, que geram dúvidas. Multiplicando e descrevendo como se produzem esses significados, de alguma forma vou começar a perceber que alguns desses significados se reúnem na produção, elaboração, constituição e reprodução de “discursos”, e como já dito, embora não seja uma análise Foucaultiana que mapeia os “enunciados” (que são raros), pretende encontrar pistas, rastros, indicar algumas falas que acabam conformando “discursos” diversos a respeito de corpo, gênero e sexualidade. O que se reproduz e o que há de novo? Que concepções de gênero, corpo e sexualidade emergem daí?

Acredito que dá para dizer que quase tudo que Laerte fala, ou que perguntam a ele/a, são “enunciados”²⁶ que se articulam com corpo, gênero e sexualidade, porque geralmente ela está falando quase sempre de “poucas coisas” (de diferentes formas), que podem ser compreendidos como os “enunciados” que se articulam e se multiplicam. Isso não é desmerecer Laerte e nem seus entrevistadores e entrevistas, mas mostrar a eficácia e produtividade destes “enunciados” ligados a estes três conceitos, que são temas centrais na vida social contemporânea, e com os quais a trajetória de Laerte impacta.

Uma das especificidades do material empírico utilizado e da forma como o utilizo é a dinamicidade da entrevista, porque não obstante ela seja planejada com antecedência, que

²⁶ Não trabalho de forma específica com o conceito de enunciado de Foucault, mas faço uso brevemente e, de maneira “aligeirada” aqui, por acreditar que esta categoria ajuda a compreender e contextualizar o material empírico.

geralmente utilize um roteiro de perguntas ou temas a serem abordados²⁷ e demande alguma pesquisa prévia sobre o entrevistado por parte do entrevistador; sempre podem ocorrer imprevistos e situações inusitadas: atrasos, situações incômodas, resistência das pessoas entrevistadas em responderem certas questões, ênfase em aspectos que escapam do roteiro, empatia, afinidade ou a falta de, etc.

Dessa forma, se optasse por realizar o método entrevista, com Laerte e/ou com seus entrevistadores, faria um roteiro de questões mais ou menos abertas ou estruturadas, por tópicos ou temas, com determinados interesses. Mas aqui se trata de analisar entrevistas feitas por outras pessoas, com outras finalidades, mas que também tinham alguns objetivos, quais sejam: apresentar um perfil de Laerte, descrevê-lo e analisá-lo para seus leitores, compreendê-lo/explicá-lo, questioná-lo, entre outros. E o que me interessa nesta pesquisa é descrever esses processos e estratégias, de constituição destes “discursos” nesta interação que é a entrevista. Onde uns tentam compreender, explicar, classificar, entender e para isso fazem perguntas, e o outro (Laerte) tenta responder, mas também fazer questionamentos, inverter lógicas, inverter questões, marcar determinadas posições políticas.

Estes artefatos culturais, assim como as práticas sociais, vêm sendo entendidos desde aquilo que se chamou de virada linguística e cultural “como linguagens, como discursos que, sendo práticas de significação, atribuem sentido ao mundo e, ao fazê-lo, criam, instituem, inventam” (COSTA, 2000, p. 34). E nestas relações de poder se produzem identidades e subjetividades (COSTA, 2005, p. 96). A partir do que vem se falando e do que vem sendo produzido sobre Laerte é que ele se constitui como uma “personalidade” que tem espaço na mídia, é que “verdades” sobre ele se instituem e “discursos” e pedagogias vinculadas a ela, nestes artefatos culturais, são propagadas.

É importante salientar que esta pesquisa se centra na figura pública de Laerte, em suas entrevistas para a mídia, mas isso não significa que ela o tome como um “sujeito único no mundo”, uma experiência de vida nunca antes vista, imaginada ou reproduzível (sem relação com outros). Escolhi o que se pode chamar de “caso Laerte” porque me parece interessante e significativa a sua intensa visibilidade, a sua “aparente” aceitação, a curiosidade, o fascínio (mas também o repúdio) que tem gerado junto à sociedade por meio da imprensa. Sei que existem outros sujeitos no mundo que não se conformam as regras e as normas, que não podem ou não desejam ser classificados, que atravessam as fronteiras, que habitam as

²⁷ Embora a entrevista jornalística seja diferenciada das entrevistas utilizadas como método das ciências sociais, em geral, principalmente no que diz respeito aos objetivos, guarda várias semelhanças, como: a utilização de roteiro estruturado/semi-estruturado ou com organização temática, uso de gravador e caderno de notas, etc.

margens, que produzem obras contestadoras, que também são artistas, que parecem inclusive ser mais subversivos, que podem causar mais repúdio, e até mesmo serem considerados abjetos. Como por exemplo, o que apresentei em meu projeto de qualificação de mestrado: a proposta funk *queer* Solange tô aberta, oriunda de Salvador, atualmente radicada na Alemanha; grupos e militâncias *queer* (exemplo: Baphão *queer* da Bahia); e outros tipos de organização, como a Marcha das vadias (*de las putas, slut walks...*) pelo mundo.

Há, ainda, muitos outros exemplos, entre eles: a cartunista transmulher Samie Carvalho e sua personagem Sasha, a leoa de juba; militância na internet através de blogs (transfeministas, feministas lésbicas, feministas negras e mulheres militantes do movimento negro, anarco-feminismo, como por exemplo, o grupo Putinhas Aborteiras, etc.); movimento das travestis; movimento dxs²⁸ transexuais, transmulheres e transhomens, como o João Nery, que escreveu o livro “Viagem solitária” e dá nome a um projeto de lei de identidade de gênero (PROJETO, 2013) dos deputados federais Jean Willis e Érica Kokay. No Brasil tivemos artistas de destaque, na década de 1970, que, entre outras coisas, chamaram a atenção por suas transgressões estéticas na área de gênero e sexualidade, Secos & Molhados (Ney Matogrosso) e Dzi croquettes, só para citar alguns.

Já no âmbito internacional, tivemos a recente repercussão de Conchita Wurst²⁹ ganhadora do prêmio europeu de música, Eurovision, representando a Áustria, entre outros artistas plásticos e celebridades reconhecidos como contestadores, seja pela forma de se vestir e/ou se comportar/viver como: Andy Warhol; David Bowie; Prince, entre outros, para ficar apenas com os mais conhecidos.³⁰

Porém, voltando ao caso Laerte, que tem aparentemente mais visibilidade em relação a alguns artistas e personalidade atuais, acima citados, que embora conhecidos, não são tão procuradas pela imprensa (a maioria existe a despeito dela, sendo divulgados principalmente pela internet e nas redes sociais), não alcançam o “grande público”, não aparecem em programas de TV, rádio, revistas e jornais de forma tão frequente (e quando aparecem, muitos são perseguidos e ridicularizados³¹). Geralmente ganham alguma atenção com relação a temas muito específicos, em determinadas épocas do ano. E é exatamente por isso que interessa jogar (mais) luz no caso Laerte. Por que esta visibilidade e repercussão? O que o diferencia?

²⁸ Eventualmente utilizo a letra x no lugar das vogais que definem o gênero das palavras, com o objetivo de deixar a linguagem mais inclusiva.

²⁹ Mais informações em: Wurst (2014) e “Conchita Wurst”.

³⁰ Nas artes plásticas ver: Grayson Perry, Pierre et Gilles, Pierre Molinier, The Cockettes, as fotos de Nan Goldin, Leland Bobbé e Chloe Aftel; o ator pornô e ativista trans Buck Angel, entre outros artistas.

³¹ Ver a polêmica no caso do grupo Putinhas Aborteiras e sua aparição no programa Radar da TVE/RS: “Grupo feminista Putinhas Aborteiras” (2014), Thales Bouchaton (2014) e Cadu Caldas (2014).

Como se constitui essa repercussão nos meios de comunicação? O que torna possível que ele apareça enquanto outros não? Estas questões demonstram que nos jogos de poder estabelecidos, a inclusão também pode gerar exclusão e as visibilidades também podem gerar invisibilidades. Que modelos de contestação vão se conformando como possíveis e desejáveis? Estudar o material produzido sobre Laerte nos ajuda a compreender estes processos mais amplos e que vão além de sua experiência individual.

Em resumo, esta análise se centra em algumas categorias, marcações, pertencimentos que aparecem nas diferentes estratégias, de ambos os lados da entrevista, e que foram definidas a partir de uma pré-análise (das entrevistas compiladas) e a partir do referencial teórico utilizado. Foram escolhidos os conceitos de corpo, gênero e sexualidade para serem operacionalizados na pesquisa, tanto por questões teórico-metodológicas, como porque eram proeminentes enquanto temas do material empírico. Estes conceitos estão estreitamente relacionados às categorias de *crossdresser*, travesti e transgênero. Outro ponto importante são as questões de classe social, raça/etnia, geração e outros pertencimentos de Laerte que são colocados em jogo e aparecem nas entrevistas (ser homem “cis”/ biológico, ser branco, de classe média, paulistano, “artista reconhecido”, com mais de 60 anos de idade...), que serão apenas discutidas na medida em que aparecerem no material empírico.

Depois da construção deste recorte analítico, percebi que para que viessem à tona alguns pontos importantes, vinculadas a não aceitação de Laerte³², o possível incômodo causado por ele em grande parte da sociedade, que no caso de ficar apenas com as entrevistas talvez ficassem obliterados, resolvi também trazer para esta reflexão e diálogo, de forma restrita (até porque só este tema daria outra dissertação) a questão da polêmica do banheiro, que opiniões surgiram, o que se contestou, que resistências foram criadas, com que argumentos, a partir de algumas notícias e opiniões.

O método escolhido e “customizado” é a análise cultural. Estas entrevistas são compreendidas como texto, muitas delas apresentam imagens, fotos e etc. (algo peculiar deste tipo de publicação e que servem de ilustração a matéria/entrevista), que embora sejam mencionadas quando necessário, não são o foco desta análise. A pesquisa que se propõe a

³² Durante a banca de qualificação do projeto, a profa. Céli Pinto contou que ouviu de um conhecido a seguinte explicação sobre a proposta de Laerte: “que ele coitado, teria ficado louco depois que perdeu o filho”. Tal fala não é algo isolado, tanto que perguntas vinculadas a isso aparecem em muitas das entrevistas feitas a Laerte. Chegam, às vezes, inclusive a perguntar se ele está lúcido e consciente de suas escolhas. Opiniões neste sentido, que patologizam as ações de Laerte e suas falas podem ser ouvidas “por aí”, e encontram guarida nos comentários de internet. Com a intenção de mostrar estas outras leituras é que trago, pontualmente, algumas dessas opiniões para dialogar nesta pesquisa.

analisar imagens, cenas, programas de TV, filmes, histórias em quadrinhos e etc. exige outra demanda metodológica e elaboração teórica que não posso enfrentar neste momento, embora reconheça que seria muito interessante. De qualquer forma, conquanto não sejam o foco de observação da minha pesquisa, por vezes, quando me parecer pertinente, lançarei mão, no texto ou em notas de rodapé, de referências a estes outros materiais onde Laerte “apareceu”.

Compreendo que a entrevista pode expressar tanto o ponto de vista do entrevistador e do veículo de comunicação em questão, quanto o ponto de vista do entrevistado. Por se expressarem em forma de diálogo estas entrevistas ecoam uma diversidade de perspectivas: a entrevista tenta traçar um perfil de Laerte para seus leitores, pressupondo um conjunto de interesses e curiosidades destes; expressa questões do entrevistador e da linha editorial; se baseia ou faz referência a outras entrevistas e artefatos culturais; ocorre uma edição do material; por outro lado, há os interesses de Laerte em se expressar nestes meios; o que ele quer e escolhe dizer, responder ou não, de que forma ele se apresenta, para que público se dirige, etc.

Além disso, quase todas as “entrevistas” se configuram como uma matéria desses jornais e revistas, desta forma, para além de transcrever perguntas e respostas, há textos introdutórios, narrativas que contextualizam o momento da entrevista, descrevem Laerte e a situação, etc. elas próprias misturando e colando diferentes formas narrativas. Evidenciado ainda mais como se dá a inscrição de Laerte na mídia, por exemplo, a partir de uma série de perguntas e descrições que se repetem nas diferentes entrevistas e de como os jornalistas o apresentam e o narram/descrevem.

Um dos aspectos que me parece mais pertinente é a questão da atuação política e da proposta ética e estética de Laerte (sua vida como obra de arte) e como ela se apresenta através dos meios de comunicação (e suas possibilidades de subversão das normas de gênero e sexualidade) a partir de suas entrevistas para jornais e revistas. Parece que Laerte não é apenas alvo de possíveis “diagnósticos” e (in) classificações ou posições situadas por entrevistadores e especialistas, mas ela também ensaia interpretações (assim como o fazem alguns jornalistas), tomando para si questões que muitas vezes são percebidas como próprias do campo da medicina, psiquiatria/ psicologia e do direito; ela não pede para ser explicada ou definida, ela tem uma proposta provocativa e contestadora a respeito de si e crítica a estes discursos e campos. Suas falas são “sofisticadas” e lançam mão de conceitos de intelectuais, experiências e exemplos pessoais e de pessoas próximas.

Por sua atuação, práticas e ideias é que Laerte tem sido admirada, respeitada e discutida por parte da população brasileira. Um bom exemplo disso é relatado no início desta

dissertação, na cena que narrei em um centro de cópias, demonstra que ele tem sido assunto e que talvez por escapar de algumas das classificações, gera interesses e/ou questionamentos. Nas entrevistas analisadas, algumas das perguntas se apresentam como reificadoras de discursos “hegemônicos”, mas é sempre possível encontrar brechas e apresentar outras visões. Por ser a entrevista um momento dinâmico, ali podem se produzir diferenças, diferenciações internas, multiplicações de forças (PARAÍSO, 2012, p. 31) que não estão dadas ou pré-estabelecidas, mas que se dão ali naquele encontro e podem se multiplicar e disseminar por meio das entrevistas.

1.4 Sobre os conceitos

Como já destacado, a partir da leitura de diversos materiais sobre Laerte e de uma pré-análise que levou em consideração os meus interesses de pesquisa, a perspectiva teórica e metodológica adotada e o “campo de estudos” onde estou inserida, percebi que havia um conjunto de questões que se repetiam e um conjunto de temas transversais a todas estas entrevistas, este temas de “fundo” importantes e bastante complexos são: gênero, sexualidade e corpo. Estes são tomados tanto como conceitos que serão discutidos e operacionalizados, como categorias “nativas” utilizadas por Laerte e seus entrevistadores para dar conta de narrar, explicar ou compreender sua experiência. São estas três categorias que escolhi para dar conta de analisar o Laerte, entre outras possíveis, selecionei/recortei estas categorias, que me parecem centrais nas falas dele, e nos questionamentos que as entrevistas lançam.

Estes conceitos aparecem de forma mais direta, como por exemplo, nas questões que envolvem corpo: a questão da depilação, de uma nova percepção e relação com o corpo, importância da vestimenta e da maquiagem, silicone, cirurgia de readequação de sexo, próteses e sutiãs de enchimento, etc.. Também nas questões que envolvem gênero e sexualidade, como: quando questiona a relação entre estes dois aspectos e aborda o que diz respeito à identidade de gênero e sexual (se afirmar como *crossdresser*, depois travesti e também transgênero), assunção de um nome e identidade femininos (Sônia Cateruni) e também se expressa nas formas de vivenciar a sexualidade, os desejos e prazeres, bissexualidade, homossexualidade e heterossexualidade. No “caso do banheiro feminino” estas concepções aparecem todas entrelaçadas: quem pode definir o sexo ou o gênero de quem? quem pode usar o banheiro feminino? por que Laerte reivindicar o uso do banheiro feminino é algo tão preocupante? o que torna esta “transgressão” tão aterrorizante e polêmica? Quais são os argumentos utilizados para impedir Laerte de usar o banheiro feminino? Nesta

discussão, é perceptível a complexidade e os problemas vinculados às identidades, suas limitações e a compreensão das diferenças corporais e suas transformações.

Além de refletir sobre estas questões de corpo, gênero e sexualidade, levo em consideração as questões referentes ao que podemos considerar a identidade social³³ mais ampla de Laerte e que se inter-relaciona com sua identidade sexual e de gênero, os outros marcadores sociais da diferença: classe, raça/etnia, sexo, geração. Além destes marcadores há o fato de Laerte ser um cartunista, ou seja, um artista e também o fato dele ser paulistano e morar em São Paulo, a cidade considerada mais “moderna e desenvolvida” do país, a mais cosmopolita. O conjunto destas marcas “identitárias” e de constituição de definições, acaba colaborando e se tornando fundamentais para entendermos a posição assumida por Laerte, sua notoriedade e como a mídia a vê. Já que aparentemente, devido a sua visibilidade ampliada, o que é possível para ele provavelmente não seria para outros indivíduos (isso inclusive é abordado por Laerte a partir da provocação de um entrevistador).

Pretendi a partir destas entrevistas, operando com estes conceitos, entrar em diálogo com Laerte e com o que se pergunta, se narra e se descreve sobre ela. Desta forma, se estabelece uma interlocução no sentido de não ser apenas um estudo “sobre”, que interpreta as falas de “outros”, mas que dialoga com estas falas, a partir de nossa perspectiva de pesquisa: que falas são essas? como se constituem? em que contextos se tornam possíveis? o que pretendem? a que se referem? dialogam com quem? como vem funcionando?

Parto do pressuposto que multiplicar os significados também é ampliar as possibilidades de diálogo e contato e é isso que tentei fazer com Laerte, aproximei suas falas de outras questões como as discussões dos estudos *queer*, a chamada crise das identidades e o movimento LGBTQI brasileiro, as discussões sobre as questões trans³⁴, o cissexismo e a partir destas possíveis conexões, compreender os significados que surgem aí, que pedagogias outras podem propor.

³³ O uso da categoria e do termo identidade nesta pesquisa é bem complexo e será mais bem explicado nos capítulos teóricos e analíticos. Posso adiantar que não ignoro as críticas a este conceito e os seus problemas e limitações, mesmo quando usado sob rasura (de forma diferenciada, mas ainda não superada), como afirmado por Stuart Hall (2000), mas entendo que por ser importante para os movimentos sociais LGBTQI e por se apresentar no material empírico que analiso, é importante discuti-lo e problematizá-lo. Ainda mais se tratando de questões vinculadas às perspectivas críticas dos estudos *queer*.

³⁴ Utilizo a palavra trans acrescida de asterisco, para indicar que se trata de um termo que abarcar que muitas pessoas (transexuais, travestis, transgêneros, etc.).

2 REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E CORPO

Tendo em visto os objetivos desta pesquisa, o material empírico utilizado e as categorias conceituais selecionadas, gênero, sexualidade e corpo, categorias complexas, amplas e já muito discutidas, pelas mais diversas vertentes e propostas teóricas, pretendo neste capítulo apresentar um recorte destes conceitos, a partir da apresentação de um apanhado de autores que abordaram estes conceitos, seja em conjunto, seja separadamente, para a partir daí explicitar como tomo estes conceitos e como os pretendo utilizar durante a análise.

Esta pesquisa, como já dito, se insere na vertente dos estudos de gênero e sexualidade em interface com a educação, numa perspectiva pós-estruturalista (com influência dos estudos culturais e dos estudos *queer*). O que podemos denominar de área de estudos de gênero e sexualidade é algo muito amplo e que se relaciona, é estudada, nas mais diversas disciplinas, tais como: a sociologia, a psicologia, a antropologia, a história, a educação e a geografia, o serviço social, a literatura, entre outras, formando um campo multidisciplinar vinculada à temática. Alguns autores são referências comuns aos diversos segmentos, mas algumas discussões são específicas de cada uma das áreas.

Minha entrada neste “campo” de estudos se deu pela via das ciências sociais e, posteriormente, pela educação. Durante a graduação e a especialização realizei disciplinas vinculadas ao tema em cada uma das áreas/cursos. Entrei em contato com algumas obras de autoras clássicas e contemporâneas, além da literatura nacional produzida por diversos pesquisadores/as que se estabeleceram em diferentes programas de pós-graduação pelo Brasil, conformando importantes centros de estudo na área, como o grupo de estudos em educação e relações de gênero (GEERGE/UFRGS), onde se originou a linha de pesquisa na qual esta pesquisa se insere.

Essa área de estudos, que hoje atingiu uma grande extensão e relevância internacional e nacional, começou no país com o que chamamos de estudos das/sobre mulheres³⁵ passando posteriormente, como destaca Louro (2001), a trabalhar com o conceito de gênero a partir do impacto do seminal artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” da historiadora Joan Scott publicado em 1986 nos EUA e traduzido e publicado no Brasil em 1990 e em

³⁵ As vinculações entre o movimento feminista e os estudos sobre mulheres e gênero no Brasil são muito importantes, mas saem do escopo desta pesquisa, e até por sua abrangência e complexidade, não poderia dar conta disso em virtude de limitações de tempo/espço, mas destaco que tenho ciência dessas imbricações e das diversidades de perspectivas dentro dos movimentos feministas e das pesquisas acadêmicas. Para entender mais sobre isso no contexto nacional, ver o livro de Céli Pinto (2003); o artigo de Sarti (2004), entre outros.

versão revisada em 1995³⁶ que destacou o conceito de gênero como uma categoria analítica e epistemológica que constitui o social e é permeada pelas relações de poder. Esta perspectiva teve grande repercussão no Brasil, onde a partir desta publicação começaram a se empreender os estudos que tomavam gênero como uma noção relacional, que não dizia respeito só às mulheres, abrindo espaço³⁷ para os estudos sobre masculinidades, sexualidades diversas (dissidentes), estudos gays, lésbicos, LGBTs, feministas (e suas diferentes vertentes), estudos *queer*, etc.

É importante ressaltar que as relações de gênero foram estudadas a partir dos mais diferentes enfoques: marxistas, psicanalíticos (Freud, Lacan), estruturalistas, etc. Além disso, o conceito de gênero, tomado em sua radicalidade possibilitaria a “desconstrução” da oposição binária masculino/feminino e a partir desta perspectiva Joan Scott e outras teóricas feministas estabeleceram conexões com o pós-estruturalismo (LOURO, 2000, p. 15-16).

Nesta aproximação, Guacira Louro afirma que Scott lançou mão da crítica do filósofo Jaques Derrida ao pensamento moderno e seu “jogo das dicotomias”, problematizando cada um dos polos da dicotomia, já que entre eles, onde se supõe uma anterioridade e uma submissão, e a unidade de cada polo, há interrelações e fragmentações internas a cada polo. Esta proposta também historiciza e demonstra o caráter construído dessas oposições, tal forma de pensar pode ser considerada subversiva e muito contribuiu para deslocar o papel da mulher, como algo natural e fixo, problematizando ainda outras dicotomias: público x privado³⁸, produção x reprodução, razão x sentimento, etc. (LOURO, 2001, p. 16-17). A filósofa feminista Elisabeth Grosz (2000) também problematiza a hierarquia e a violência inerente às dicotomias, onde um dos polos sempre é visto como negativo, inferior e acaba sendo suprimido.

O interesse pela problemática de gênero e sexualidade iniciou durante a graduação o que me levou a ir atrás de um conjunto amplo de estudos que perpassavam esta área, tendo em vista seu caráter “trans/inter/disciplinar”. Fui me reencontrar com este campo de estudos na área da educação, no âmbito do mestrado, e foi só neste contexto breve que tive contato com outras formas de pesquisar e de construir o conhecimento, um campo mais amplo e que

³⁶ Em 1990 a tradução do texto em francês foi realizada por Guacira Louro e publicada na revista Educação e Realidade, do PPGEdU/UFRGS. Em 1995, uma nova tradução, a partir do original em inglês de Scott (1995), foi feita por Tomaz Tadeu da Silva e publicada na mesma revista. Estas traduções ajudaram para que este importante texto tivesse mais circulação, especialmente entre os programas de pós-graduação no Brasil.

³⁷ Estudos sobre sexualidades diversas já eram realizados no Brasil desde os anos 1970 e 1980, como os trabalhos de Peter Fry, Carmen Dora Guimarães e Néstor Perlongher, entre outros, porém não eram enquadrados como relativos à área de gênero, que surgiu posteriormente. Para mais informações, ver, entre outros artigos, o de Loyola (2000).

³⁸ Uma discussão sobre estas polaridades pode ser vista também em Susan Okin (2008).

permitia conexões para além dos limites disciplinares. Foi no mestrado também que comecei a entender o que eram os estudos *queer* e o pós-estruturalismo de forma inicial e como isso se relacionava aos estudos culturais e a educação a partir de muitas conexões: uma das principais é a influência de Michel Foucault para a área de estudos em gênero e sexualidade e suas conexões com a perspectiva pós-estruturalista. Além disso, para pensar a questão da educação para além da sala de aula e do sistema de ensino e refletir sobre os artefatos culturais e suas múltiplas pedagogias, os estudos culturais tiveram uma grande importância.

Meus interesses de pesquisa nessa área foram se encaminhando de um tradicional interesse em questões vinculadas a violência de gênero, que atinge principalmente mulheres, a partir do referencial teórico da antropologia e ciências sociais (que desenvolvi no âmbito da graduação), para os conceitos de gênero que problematizavam a perspectiva construcionista³⁹ e que iam complexificando cada vez mais a área, para além das dicotomias: natureza *X* cultura; sexo *X* gênero, alma/mente *X* corpo, etc. imbricando conceitos que já haviam sido separados antes: corpo, sexo, gênero e sexualidade, investindo em estudos sobre aqueles sujeitos que desafiam estas classificações, que não se enquadram. Estes estudos também prestam atenção às normas e suas regulações, para perceber formas de resistir a elas, apostando nas possibilidades de construir novas experiências.

A ideia é trabalhar com os conceitos de gênero, sexualidade e corpo como ferramentas analíticas, que servem para analisar o fenômeno que será estudado, mas que são tomadas como ferramentas abertas⁴⁰, chaves de leitura, que podem ir se modificando na medida em que se confrontarem com o material empírico. Parto destes conceitos tradicionais, que me parecem muito relevantes para analisar este “fenômeno” que é Laerte, mas ao empreender esta tentativa de compreensão, estes conceitos podem se modificar e /ou se ampliar.

Estes conceitos, ferramentas analíticas dessa área de estudo, também se relacionam as categorias utilizadas pelo próprio Laerte e seus entrevistadores no material empírico que será analisado, se referindo diretamente a estas categorias ou sendo utilizadas de forma indireta através de outras noções que expressam a experiência empreendida por Laerte, que é motivo de curiosidade, e que tenta ser capturada e descrita pelas entrevistas. Experiência esta que ao ser nomeada, acaba também, de alguma forma, constituindo a próprio processo vivenciado por ele/ela.

³⁹ Esta linha teórica será apresentada e discutida posteriormente, neste mesmo capítulo.

⁴⁰ Inspirada em Meyer (2000) que por sua vez se inspira na proposta de Foucault de tomar seus livros “como pequenas caixas de ferramentas” (POL-DROIT apud GALLO, 2009, p. 366).

Quando me refiro à experiência de Laerte esta palavra pode ser entendida de duas formas: 1) no sentido estrito que encontramos no dicionário (BECHARA, 2011, p. 621), que se refere à ação ou ao efeito de experimentar (-se); capacidade ou conhecimento adquiridos durante um certo tempo; experimento, tentativa. Definição que por si só já traz uma série de possibilidades, pois dá conta da dimensão do tempo (processo), ação e efeito (que pode ser em si mesmo ou em outros(s), e também pode ser apenas uma tentativa, uma experimentação, ou seja, algo experimental, não necessariamente acabado, concluído ou bem sucedido. 2) dialogando brevemente com a obra de Foucault (REVEL, 2005), temos vários significados para a noção de experiência, em diferentes momentos de sua produção, em resumo: de maneira geral “a experiência é alguma coisa da qual saímos transformados”; experiência-limite que arranca o sujeito dele mesmo e lhe impõe sua fragmentação ou sua dissolução; e por fim, segundo Revel, Foucault se propõe a reformular a “noção de experiência, ampliando-a para além do si (um si já maltratado pela crítica dos filósofos do sujeito):

[...] a experiência é algo que se dá solitariamente, mas que é plena somente na medida em que escapa à pura subjetividade, isto é, que outros podem cruzá-la e atravessá-la[...]. A partir dos anos 70, é, pois, sobre o terreno de uma prática coletiva – isto é, no campo político – que Foucault procura situar o problema da experiência como momento de transformação: o termo passará, então, a ser associado ao mesmo tempo à resistência aos dispositivos de poder (experiência revolucionária, experiência de lutas, experiência de sublevação) e aos processos de subjetivação (REVEL, 2005, p. 49).

Castro (2004), também ressalta aspectos das definições de Foucault para o termo experiência que interessam aqui. Segundo ele, para Foucault, toda experiência necessitaria de três elementos: jogos de verdade, relações de poder e formas de relação consigo mesmo e com os outros. Além disso, “Una experiencia es siempre una ficción; es algo que se fabrica para uno mismo, que no existe antes y que existirá luego” (CASTRO, 2004, p. 197).

Embora a experiência de Laerte se trate de uma experiência individual e que propicia uma transformação pessoal importante, acredito que ela se insere em um âmbito social mais amplo, por dialogar com outras possibilidades e experiências de outros indivíduos e também por sua visibilidade, que possibilita diálogos e modificações em relação à ordem social vigente, no que tange a gênero, sexualidade e corpo. Isso propicia vislumbrar em Laerte uma tentativa de experimentação subversiva e questionadora da heteronormatividade e dos binarismos de gênero, que pode ajudar a refletir sobre processos de modificação na constituição dos sujeitos e suas subjetividades. Ao que parece, suas ações e “discursos” são eminentemente políticos e se engajam em lutas e debates importantes no campo da

linguagem, da produção de significados na cultura, e ainda na busca por direitos e visibilidade.

Cada uma destas categorias importantes e fundamentais para nossa área de estudos: gênero, sexualidade e corpo, são complexas e poderiam ser tema, isoladas, de uma dissertação ou tese⁴¹. Entretanto, embora saiba do esforço teórico empreendido para separar estas instâncias e de estudar cada uma de forma isolada, mostrando suas especificidades, também sei como elas estas entrelaçadas na vida cotidiana, na construção das identidades sociais e se imbricam nestes fenômenos. Pela complexidade dos fenômenos contemporâneos e pelo objeto de estudo em questão, é que abordarei, de forma limitada e precisa, com recortes definidos, cada um desses conceitos, na medida em que ajudam a descrever e a construir perguntas sobre o “caso” Laerte. Desta forma, estes três conceitos ajudam a pensar na figura de Laerte, pode ser que não tragam todas as respostas, mas multiplicam as perguntas para pensar este caso, e estabelecer conexões entre ele e outros movimentos e esferas da vida onde corpo, gênero e sexualidade estão atuando.

Algumas outras categorias aparecem no material empírico utilizado, as entrevistas com Laerte, e se relacionam diretamente aos três conceitos-chave antes apresentados. Estas categorias são *crossdresser*, travesti e transgênero. Estes termos são utilizados por Laerte e depois acionados pelos entrevistadores para nomear sua experimentação e dar conta de descrever este processo gradual que passa pela vivência do gênero feminino, a partir da “montagem”⁴² de uma “personagem” feminina, de forma privada e esporádica, no clube *crossdresser*, com a utilização de acessórios e roupas e com a adoção de práticas como depilação e maquiagem, que são atos que performatizam (BUTLER, 2000) os atributos considerados femininos e que constituem o que se considera “ser mulher” em “nossa” sociedade, construindo e expressando as ditas diferenças deste gênero com relação ao seu oposto, o masculino/homem. Esta performatização se dá por meio de atos repetidos, já carregados de significados, muito anteriores aos sujeitos que ora deles se utilizam (SALIH, 2013). Laerte ao fazer isso é narrado, produz e é produzido por estas práticas que são intensamente associadas ao feminino.

⁴¹ Já foram temas de livros, como o “Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo em educação” (2003), que serve de referência bibliográfica para esta pesquisa e também de outros livros e de capítulos de livros diversos.

⁴² Sei que é mais complexo que isso e que pode ter significados distintos para as diferentes pessoas que frequentam o clube *crossdresser*, mas me baseio aqui nos relatos de Laerte sobre sua experiência lá, que é vista, já posteriormente, de um ponto de vista crítico, como algo que não dava conta de seus anseios e de sua experimentação.

Concomitantemente na experiência de Laerte, há uma assunção (BUTLER, 2000) do gênero feminino (identidade de gênero) assumido de forma privada através de um nome social, Sônia Cateruni, no club *crossdresser*⁴³. Depois desta fase, há uma exposição pública de sua persona feminina, através de entrevistas para veículos de comunicação, a partir de sua obra como cartunista (Hugo se transforma em Muriel), a partir da criação da Associação brasileira de transgêneros (ABRAT) e quando passa a andar nas ruas vestido de mulher e assume este gênero, inclusive marcando F nos formulários de hotéis e utilizando o banheiro feminino⁴⁴.

Um passo adiante em sua experiência se dá a questão da sexualidade⁴⁵, como ela se expressa e com que “identidade sexual” confere, esta é uma das indagações recorrentes feitas a Laerte, pressupondo a sexualidade como algo pessoal, inscrito também no corpo e logo, correspondendo a uma verdade essencial (expressão de sua natureza), algo “natural” seguindo a tríade: corpo (sexo) – gênero – objeto de desejo.

As perguntas sobre a orientação sexual de Laerte (quem ele deseja? com quem transa?) são frequentes ao longo das entrevistas, e este é um dos temas mais controversos, sob os quais Laerte se contrapõe e questiona, afirmando que gênero nada tem a ver com sexo/orientação sexual. É neste processo de capturas identitárias e fugas, de classificações e estratégias de adiamento ou inclassificação que emergem as questões de gênero, sexualidade e corpo em relação às categorias *crossdresser*, travesti e transgênero, que em resumo, são utilizadas para falar do processo de “transformação” de Laerte ao se vestir de mulher e passar a atender por uma identificação feminina, embora não tenha realizado a cirurgia de transgenitalização⁴⁶ e não se considere uma mulher⁴⁷, mas sim uma travesti⁴⁸ ou uma pessoa

⁴³ O clube *crossdresser* já foi tema de pesquisas, como a de Anna Paula Vencato (2009), por exemplo, por isso e por Laerte ter rompido com esta perspectiva é que não a abordaremos de forma aprofundada.

⁴⁴ Estas experiências de Laerte foram retiradas de trechos de suas entrevistas, que serão descritas e apresentadas em outro capítulo.

⁴⁵ Atrevo-me a dizer que foi só posteriormente que a questão da sexualidade foi confrontada por Laerte em sua experiência, com base em suas afirmações nas entrevistas, falando ser este um tema difícil, por vezes se referindo como um tabu e afirmando que no seu processo foi algo posterior.

⁴⁶ A cirurgia de adequação do órgão genital ou redesignação genital/sexual, conforme Jesus (2012) era conhecida anteriormente, como “cirurgia de troca de sexo”, entretanto, não se trata de troca na perspectiva aqui adotada, mas sim de uma adequação da genitália à identidade de gênero.

⁴⁷ Em algumas entrevistas Laerte afirma que não é “uma mulher”, mas em outros momentos se define assim.

⁴⁸ De acordo com Jesus (2012) se refere a pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Segundo Jaqueline Jesus, este termo é estigmatizado porque alguns argumentam que pessoas transgêneras não se “travestem” e que por isso haveria outros termos mais interessantes de serem utilizados, como *croessdresser* e transexual, como salienta Jesus (2012). No caso de Laerte ele utiliza a expressão de forma estrita, para se referir à pessoa que se veste com a roupa do sexo oposto e performatiza os atributos considerados femininos. Laerte critica e atualmente não utiliza para si o termo *crossdresser*. Mas existe uma grande diversidade de compreensões e interpretações com relação ao termo travesti, ver Larissa Pelúcio (2009), Bretas e Freitas (2011), entre outras abordagens.

transgênera⁴⁹ e que do ponto de vista da orientação sexual se afirma bissexual ou “também homossexual”. Anteriormente Laerte frequentou o clube de *crossdresser*⁵⁰, e muitos o classificaram assim dali em diante, embora Laerte tenha saído do clube, deixado de usar esta categoria e tenha rompido de forma crítica com esta experiência/perspectiva, classificando-a como um fenômeno de classe média (criado para se diferenciarem das travestis), fundando com outras pessoas que anteriormente também frequentavam o clube *crossdresser*⁵¹, a ABRAT.

Estas experiências se relacionam intimamente com as questões do corpo, porque é nele, principalmente, que se inscrevem, se constituem e se tornam materializadas. O corpo, nesta pesquisa, é tomado, como já salientado no capítulo anterior, como uma construção histórica, social e cultural (GOELLNER, 2003), ou seja, não é abordado pela perspectiva biológica ou essencialista, mas também não se nega a materialidade do corpo, sua centralidade é deslocada. Na verdade, intento ir além do construcionismo social, afirmando, a partir de Butler (2000) e Louro (2000) que o corpo só ganha significado pela e na cultura, ou seja, ele não é pré-discursivo, naturalmente dado, ele é nomeado e passa a existir através da linguagem, que como sabemos, é constitutiva do social e permeada por relações de poder.

Esta é a virada conceitual com relação às categorias gênero e sexo (o que veio antes?). Se na perspectiva construcionista, há o sexo biológico (como um dado natural) sobre o qual se inscrevia a cultura (e logo, o gênero), na perspectiva de Judith Butler, primeiro existem “nossas” concepções de gênero que informam “nossa” visão e compreensão do corpo e do que se considera a diferença sexual.

Segundo Silvana Goellner, ao falar de corpo também se fala de identidade, devido a sua centralidade na cultura contemporânea. No corpo a sociedade investe muito tempo e dinheiro, com produtos e serviços que visam aprimorar e adequar esse corpo aos padrões estabelecidos. Por isso mesmo, pode-se afirmar que o corpo é “provisório, mutável e mutante” suscetível às intervenções tecnológicas, científicas e legais, conforme as representações e os discursos vigentes (GOELLNER, 2003, p. 28).

⁴⁹ Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, de acordo com Jesus (2012). Esta é a expressão mais utilizada por Laerte e que dá nome a associação que ajudou a criar.

⁵⁰ Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras, de acordo com Jesus (2012). Esta autora também destaca que sua vivência geralmente é doméstica e também se diferencia da travesti, por ser algo momentâneo e não permanente. Uma discussão mais aprofundada sobre todos estes termos e como Laerte se apresenta e se “identifica” será abordada no capítulo analítico.

⁵¹ Mais informações em: “Brazilian Crossdresser Club”.

Depois desta breve introdução as questões teóricas, os conceitos e a categorias utilizadas nesta pesquisa – gênero e sexualidade na perspectiva pós-estruturalista - em diálogo com meu “objeto de pesquisa”, passo a discutir, de forma mais extensa, alguns dos trabalhos que informam esta dissertação e subsidiam esta discussão teórica e conceitual.

2.1 Sobre as teorias e suas multiplicidades

Nesta seção pretendo abordar estas categorias conceituais, não de forma a esgotar toda a discussão já produzida sobre elas, até porque seria impossível e fugiria do propósito, mas levantar (mais) alguns elementos para conceituar o que é gênero, o que é sexualidade, o que é corpo, e logo, fazer conexões com o que diz Laerte, ou o que perguntam a ele, e o que me parece que tem a ver com estas categorias.

Com relação ao conceito de gênero e sua longa trajetória e história, acho importante destacar aqui algumas categorias e autoras para pontuar questões que depois vão aparecer na análise do material empírico. Ressalto que na perspectiva pós-estruturalista, a abordagem a respeito de gênero, sexualidade e corpo rompe com as perspectivas essencialistas ou estruturalistas, como aquelas que trabalham com a ideia, por exemplo, de papéis de gênero na antropologia. Ademais, me embaso na noção de que há pedagogias de gênero e sexualidade (LOURO, 2000), que ensinam os comportamentos adequados de gênero, os modos de ser homem e mulher, a solução considerada “normal” de comportamento sexual, etc. que constituem os sujeitos e seus corpos.

Embora Laerte afirme que leu e se inspirou em autoras como Judith Butler e Beatriz Preciado, que podemos definir como ligadas aos estudos *queer*, desconstrutivistas⁵² ou desconstrucionistas - que seriam aquelas que desconstroem as dicotomias e afirmam que gênero é anterior ao sexo, ou como no caso de Preciado, que considera o conceito de gênero desnecessário/prejudicial, um produto da farmacopornografia⁵³ - as reflexões e afirmações de Laerte acerca dos conceitos de gênero e sexualidade, identidade de gênero e sexual, transgeneridade, corpo, etc. apesar de dialogarem com estas filósofas, também refletem categorias e definições do chamado construtivismo/construcionismo social - perspectiva teórica de estudos muito importante aos estudos de gênero e sexualidade e para o feminismo e

⁵² Vou abordar esta perspectiva ao longo desse capítulo.

⁵³ Segundo Preciado o conceito de gênero emergiu nos anos 1940, pós segunda guerra mundial (utilizada por psicólogos como possibilidade de mudar o corpo pela via hormonal como tratamento para crianças trans/ideia de sexo psicológico) e não foi criado pelas feministas, mas utilizada por elas, o que acabou desembocando na discussão essencialismo X contrução. Dessa forma, a autora considera gênero um ideal regulatório preexistente que prescreve como deve ser um corpo humano masculino ou feminino e, portanto, uma violência (2008, p. 82).

estudos gays e lésbicos, de modo geral – e também se relacionam a alguns elementos essencialistas.

Num primeiro momento, apresento a discussão mais ampla da disputa entre as explicações essencialistas e as que contrapuseram a esse discurso, e que vieram a ser chamadas de construcionistas/construtivistas⁵⁴ cultural/social. Esta discussão tem o objetivo de apresentar este quadro teórico vasto, para contextualizar o conceito de gênero e para auxiliar no momento de colocá-lo em movimento com relação às questões que envolvem Laerte. A perspectiva construtivista também é importante para pensar as questões de sexualidade e corpo⁵⁵, que seguirão nas discussões que apresento aqui à luz de outros autores, como Jeffrey Weeks, Thomas Laqueur, entre outros.

O clássico artigo “A antropologia redescobre a sexualidade” de Carole Vance nos dá a base para entender estas duas perspectivas teóricas e com isso nos permite ensejar reflexões e diálogos a respeito das imbricações entre gênero, sexualidade e corpo. Neste artigo a antropóloga norte-americana tenta resumir a história da chamada teoria da construção social, que segundo ela recorre a várias correntes – da sociologia: interacionismo social, teoria dos rótulos, e noção de teoria do desvio – da história social: estudos do trabalho, história das mulheres e história marxista – antropologia simbólica, análises transculturais sobre a sexualidade e estudos de gênero. Além das questões levantadas pelos estudos feministas, de gays e lésbicas a respeito de gênero e identidade.

Com relação às questões de sexualidade e gênero, “As feministas acadêmicas e ativistas implementaram o projeto de repensar o gênero, o que teve um impacto revolucionário sobre as noções do que é natural” (VANCE, 1995, p. 10). A partir disto se desenvolveu uma crítica às teorias que usavam a questão da reprodução para ligar o gênero com a sexualidade, naturalizando desta maneira a inevitabilidade da subordinação feminina. Esta revisão teórica culminou com uma crítica geral ao determinismo biológico, em especial, a biologia das diferenças sexuais. Com o conhecimento da diversidade dos papéis de gênero nas diferentes sociedades/épocas se mostrou improvável que estes fossem definidos pela sexualidade. Desta forma esta perspectiva demarcou uma crítica à ciência e evidenciou a conexão histórica entre a dominação masculina, a ideologia científica, e o desenvolvimento da

⁵⁴ Mantenho a barra construtivismo/construcionismo por uma questão de dupla formação: como cientista social aprendi a denominar esta perspectiva de construtivista, depois, no campo da educação, percebi que se usava o termo construcionista, já que o primeiro termo poderia ser confundido com as questões colocadas por Jean Piaget, autor importante para a educação, mas que nada tem a ver com nossas discussões de gênero e sexualidade.

⁵⁵ A discussão teórica entre estas duas posições com relação aos estudos da homossexualidade, também foi discutida por Veriano Terto Jr. (1999).

ciência e da biomedicina ocidental. As feministas também fomentaram análises que separavam a sexualidade e o gênero: “o que parecia ser um corpo naturalmente marcado pelo gênero era, na verdade, um produto mediado socialmente em alto grau [...]” (Ibidem, p. 11).

Em 1975 a antropóloga Gayle Rubin lança o influente ensaio “*The Traffic in Women*” argumentando contra as explicações essencialistas de que a sexualidade e a reprodução causavam a diferença de gênero. Ela propôs o termo sistema sexo/gênero como “o conjunto de medidas mediante o qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana e essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (Ibidem, p. 11). Em 1984, no artigo *Thinking sex*, Rubin sugere a desconstrução do sistema sexo/gênero, tomando a sexualidade e o gênero como sistemas distintos, já que alguns pensavam que a sexualidade era secundária e determinada pela desigualdade de gênero, necessitando de estruturas explicativas próprias, mesmo que fossem inter-relacionados em circunstâncias históricas específicas. Ou seja, as teorias de gênero não podiam explicar a sexualidade e as teorias da sexualidade não podiam explicar o gênero. Então, trata-se de examinar “como o gênero e a sexualidade se organizam e se inter-relacionam no âmbito de relações sociais mais amplas” (Ibidem, p. 12). Esta perspectiva feminista foi o primeiro passo para o desenvolvimento da teoria da construção social.

O segundo estímulo para o desenvolvimento desta corrente teórica foi a emergência de pesquisas sobre a homossexualidade masculina na Europa e na América do século XIX. A maioria destes estudos foi realizada por não acadêmicos ou pesquisadores alternativos/marginais. Na medida em que o campo se desenvolveu e se tornou aceitável, os acadêmicos fizeram uma leitura desse processo de produção de conhecimento a partir de Foucault e a História da Sexualidade.

Na metade dos anos 1970 surgiu pela primeira vez uma abordagem reconhecida como construtivista. Os primeiros estudiosos da história gay e lésbica empreenderam uma busca por raízes históricas, recuperando narrativas e biografias que estavam perdidas ou que tinham se tornado invisíveis. Estes mesmos pesquisadores que começaram a tarefa a partir de categorias sexuais fixas, passaram a levar em conta outras formas de focar seu material e a formular perguntas mais amplas. Entre estes autores se destacam: Jeffrey Weeks, historiador e sociólogo inglês que foi um dos primeiros a articular esta transição teórica. Ele estabeleceu a distinção entre comportamento homossexual (universal) e identidade homossexual (construção sociocultural). Diversos estudos passaram a se desenvolver nesta mesma perspectiva levantando questões muito interessantes a respeito da construção das categorias homossexual/lésbica, sobre os significados sexuais, etc. Estas perguntas vinculadas então a

identidade e história homossexual também eram aplicáveis à identidade e a história heterossexual que começam a ser exploradas.

Os trabalhos realizados sobre a história da sexualidade mostram que esta é uma área simbólica e política ativamente disputada, onde grupos lutam para implementar plataformas sexuais e alterar modelos e ideologias. O aumento do interesse do Estado em regular a sexualidade transformou, nos séculos XIX e XX, as áreas legislativas e de políticas públicas em campos atraentes para as lutas políticas e teóricas em torno da sexualidade. Como esta intervenção do estado se configura cada vez mais numa linguagem da saúde, os médicos e os cientistas são os atores principais na conformação dos discursos reguladores.

Também grupos minoritários participaram destas lutas sexuais promovendo mudanças no modo de pensar e organizar a sexualidade, como as subculturas sexuais. Por essa razão o enfoque construtivista tem sido valioso ao explorar a ação e a criatividade humana em relação à sexualidade, se afastando dos modelos unidirecionais da mudança social para descrever relacionamentos complexos e dinâmicos entre o Estado, os especialistas e a subculturas. Esta tentativa de historicizar a sexualidade produziu trabalhos bastante inovadores de áreas diversas, num diálogo interdisciplinar.

Ainda segundo a antropóloga Carole Vance, o desenvolvimento dos modelos teóricos de construção social se deu principalmente no período de 1975-1990, chamando a atenção para a diversidade/heterogeneidade dentro do que se chama construtivismo social. Os pontos em comum entre as diferentes abordagens são que: rejeitam definições de sexualidade universais e a-históricas, ou seja, consideram que a sexualidade é mediada por fatores históricos e culturais; e entendem que os atos sexuais podem ser definidos e compreendidos de forma bastante diferenciada nos diversos contextos culturais e históricos.

Já as divergências são: diferem sobre o que pode ser construído (os atos sexuais? as identidades sexuais? comunidades sexuais? a escolha do objeto de interesse erótico? ou o próprio desejo sexual?). Segundo a autora, existe uma corrente que pensa que a direção do próprio interesse erótico (escolha do objeto sexual: homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade) não é inerente ao indivíduo e sim construída segundo possibilidades mais polimorfos (multiforme). Outros construtivistas não pensam assim, pois acreditam que o interesse erótico é algo fixo sobre o qual vão ser construídas as formas comportamentais.

A perspectiva radical considera que o próprio desejo sexual é construído pela cultura e pela história, não existindo a “pulsão ou instinto sexual” natural/essencial. Já a perspectiva moderada, aceita a existência de um desejo inerente que é construído em termos de atos, identidade, comunidade e escolha do objeto sexual. Desta forma, fica claro que há divergências

dentro do construtivismo e não só deste com relação à perspectiva essencialista e com a teoria da influência cultural.

Os modelos de influência cultural da sexualidade se desenvolveram no período de 1920 a 1990. Para Vance as abordagens convencionais da antropologia sobre a sexualidade permaneceram estáveis entre 1920 e 1990. Ela sugere a expressão “modelo de influência cultural” para determinar o paradigma hegemônico nesta área. Aqui a “a sexualidade é vista como o material básico - uma espécie de massa de modelar- sobre a qual a cultura trabalha, uma categoria naturalizada que permanece fechada a investigação e à análise” (VANCE, 1995, p. 18).

Assim este modelo enfatiza o papel da cultura e rejeita formas óbvias de essencialismo e universalização, persistindo na questão da variabilidade, entretanto, por vezes afirma que o fundamento da sexualidade é universal e biologicamente determinado. Este modelo também coloca como núcleo da sexualidade a reprodução em detrimento de outras práticas sexuais, resumindo, muitas vezes, o domínio da sexualidade à reprodução, ao casamento e organização familiar. Ademais, neste modelo sexualidade abrange diversos significados/elementos: às vezes algo natural, cujo sentido é compartilhado entre o leitor e o autor; relações sexuais; fantasias; histórias eróticas, diferenças de sexo e organização da masculinidade/feminilidade; relações de gênero (papéis sexuais), etc.

A sexualidade aparece não só como relacionada ao gênero, mas se mistura a ele e por vezes se funde, considerando que a sexualidade, os arranjos de gênero, a masculinidade e a feminilidade sejam conectados ou mesmo intercambiáveis. (Ibidem, p. 20). Além disso, este modelo tem pressupostos universais e etnocêntricos acerca de determinados comportamentos sexuais entendidos por ele a partir da referência cultural dos observadores, como por exemplo, quando pesquisadores caracterizam determinadas práticas/comportamento sexual de heterossexual, homossexual, etc., transformando práticas sexuais em significados e identidades sexuais. Embora possua inúmeros problemas, este modelo foi bastante positivo em seu contexto intelectual, histórico e político, já que ao afirmar que a sexualidade humana seria maleável e capaz de assumir formas diversas, minou alguns argumentos da medicina, mais mecanicistas, que consideravam a sexualidade uma função da biologia.

Os pontos que diferenciam este modelo da perspectiva da construção social se referem ao fato de que apesar deste modelo ter influenciado aos construtivistas, há uma ruptura entre eles, segundo a antropóloga, e não uma continuidade como sugerem/pensam alguns outros estudiosos, pois no modelo da influência cultural se utilizariam ainda muitos elementos essencialistas. Não é porque este modelo reconhece a variabilidade cultural que ele seja

construtivista. Uma abordagem da sexualidade segundo esta teoria abrangeria “os significados subjetivos, a esfera do comportamento e da ideologia, além de analisar o corpo, suas funções e sensações como potências (e limites) incorporadas e mediadas pela cultura” (Ibidem, p. 22) e, portanto, sujeitos a mudança.

Por fim, a autora ressalta o impacto da epidemia da AIDS nos estudos da área, questão muito relevante que será retomada por outros autores também, como J. Weeks. Logo no início da epidemia ficou claro que havia um grande desamparo científico com relação à sexualidade, não havia quase nenhuma informação, dessa forma surgiu a necessidade de se desenvolver pesquisas sobre esta temática. Entretanto, por mais que tenha sido uma iniciativa positiva e que ampliou as possibilidades de conhecimento, gerou a possibilidade que “modelos de sexualidade inadequados, essencialistas e seguidores da teoria da influência cultural sejam revividos e fortalecidos” (Ibidem, p. 24). Além disso, permitiu o ressurgimento de abordagens biomédicas da sexualidade que repetem a associação com a doença. Estas abordagens consideram a sexualidade como um derivativo da fisiologia e acreditam que o corpo possui um funcionamento universal. Pesquisas nesta linha têm com frequência equiparado identidades sexuais e atos sexuais (tomando “homens gays” e heterossexuais como categorias não problematizadas). Outra preocupação vinculada a isso é o fato de a medicina historicamente ter estreita relação com as ideologias dominantes, o que pode promover a invisibilidade, nesta abordagem, das subculturas e sensibilidades sexuais marginais.

Esta medicalização ou repatologização da sexualidade poderia recolocar a sexualidade no âmbito das discussões sobre moralidade, gênero e ordem social (posição que ocupava no final do séc. XIX e início do XX). Esta questão toma importância devido ao fato de a medicina e a ciência serem vistas como desprovidas de valores. Desta forma, esse discurso percebido como não ideológico se difunde amplamente e abre caminho para o aumento das intervenções governamentais e de profissionais da saúde. Outra preocupação de Vance, na época de publicação do artigo, anos 1980, era com a ênfase nos gays e no seu comportamento sexual, salientando as diferenças, naturalizando as identidades e reforçando os estereótipos (a discussão sobre pânico moral/sexual aparece também em outros pesquisadores no período). A autora afirma que “atos sexuais só podem ser compreendidos em um contexto cultural e subcultural, e que uma consideração cuidadosa do significado e do simbolismo permite a possibilidade de mudança” (Ibidem, p. 28). Os agentes sexuais são conscientes do seu universo simbólico e podem manipulá-lo ao invés de apenas receberem passivamente uma socialização sexual estática. “No meio da criação de novos discursos sobre a sexualidade, é crucial que nos

conscientizemos de como eles são criados e de nossa própria participação neste processo” (Ibidem, p. 28-29).

2.2 Essencialismo X Contruccionismo e mais...

Para começar, vamos definir os conceitos de gênero e suas implicações na obra de duas autoras: Joan Scott e Linda Nicholson. Acredito que nestes dois importantes artigos “Gênero: uma categoria de análise histórica” e “Interpretando o gênero”, o conceito de gênero será definido dentro da discussão mais ampla do construtivismo social e da perspectiva essencialista.

A construção do conceito de gênero como uma categoria de análise histórica empreendida por Joan Scott implica em entender o gênero como os significados atribuídos social e historicamente às diferenças anatômicas percebidas entre homens e mulheres. A historiadora norte-americana entende gênero como um campo no qual o poder é articulado, devendo o pesquisador/a/historiadora/o dar ênfase aos símbolos culturais, as normas que definem a interpretação dos símbolos, as questões políticas imbricadas neste processo e a questão da identidade subjetiva.

Scott apresenta em seu seminal artigo as diversas perspectivas teóricas feministas produzidas até aquele momento, meados dos anos 1980, explorando suas limitações. A autora critica as abordagens transculturais e a-históricas por seu essencialismo e ênfase nas questões biológicas: como as perspectivas que buscam encontrar as causas/origens da subordinação feminina e que, na maioria das vezes, encontra na reprodução (condição biológica da mulher) a origem e a solução do problema. A história privilegia entender as relações de gênero como construções sociais e históricas, passíveis de transformação, por isso ela coloca ênfase na contextualização e na compreensão dos sentidos atribuídos nas sociedades e culturas específicas, naquele determinado período histórico. Estabelecendo uma relação entre construção social, linguagem e constituição dos sentidos. A autora feminista também critica a permanência das posições binárias e dicotomias que são percebidas como naturais, mas na verdade são construções históricas e ideológicas.

Em suas palavras, o conceito de gênero:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: 1) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre

os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

Na continuidade de seu texto, Scott afirma que seu conceito de gênero implica em quatro elementos ou aspectos que devem ser levados em consideração pelos historiadores em suas análises, de forma conjunta: a questão dos símbolos culturais disponíveis e que dizem respeito às representações simbólicas da sociedade; os conceitos normativos que possibilitam a interpretação dos símbolos; inclusão da noção de política e referencia as instituições e a organização social; e a identidade subjetiva (construção das identidades de gênero). Segundo ela, a teorização recai sob a segunda proposição “o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”, lançando mão do pensador francês Michel Foucault, a autora afirma que gênero, desta forma, está implicado na concepção e na construção do poder.

Linda Nicholson propõe em seu texto a desconstrução da categoria mulher e da categoria gênero para entender melhor como estas noções tem sido construídas e utilizadas por grande parte das teóricas feministas. Neste processo de reconstrução histórica e crítica a estas teorias, a autora também aborda a questão do corpo, algo que ficou de “fora” da análise do construcionismo cultural - crítica esta também realizada por outras teóricas feministas como J. Butler e principalmente as teóricas feministas da ciência, como Donna Haraway, A. Fauto-Sterling, L. Schimbiarguer, entre outras - e que, portanto, interessa nesta discussão.

O feminismo dos anos 1960, segundo Nicholson, se ancorou na distinção entre sexo e gênero, o ponto positivo é que isso permitiu que as feministas desafiassem a ideia de um determinismo biológico, mas teria sido negativo por ter preservado o pensamento dualista sobre a identidade da mulher. O marco teórico binário possibilitou enfatizar profundas diferenças entre as experiências culturais de homens e mulheres, mas não permitiu a articulação entre as experiências de homens e mulheres e também não conseguiu captar o nível de desvio das normas, reforçando os estereótipos culturais, além de não ter rompido com o dualismo de gênero.

Isso se dá pela manutenção da oposição do gênero em relação ao sexo, por definir o que é socialmente construído em oposição ao que é biologicamente dado. Dessa forma, gênero é pensado como referência ao comportamento e não ao corpo. Outra forma de definir gênero foi tomá-lo como referência a qualquer distinção entre feminino e masculino, incluindo as que separam os corpos, esta perspectiva surgiu quando se percebeu que a sociedade não forma só a personalidade ou o comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparecem. Logo, se o corpo é visto através de uma interpretação social, o sexo não

pode ser independente do gênero (aqui, fica evidente a imbricação e relação entre os dois conceitos, novamente).

Para Nicholson, esta abordagem prevalece, mas o sexo (e se pode dizer que o corpo) permanece na teoria feminista como algo fora da cultura e da história, enquadrando as diferenças entre feminino e masculino. Para refletir sobre isso, a autora resgata as origens do termo gênero, que seria fruto de duas importantes ideias do pensamento ocidental moderno: a noção de que existe uma base material da identidade e a noção de que o caráter humano é construído socialmente. Nos anos 1960, para escapar dos argumentos biológicos que embasavam o sexismo, as feministas teriam apostado na segunda ideia, utilizando a noção gênero para diminuir a abrangência de “sexo”, entretanto sexo ainda era essencial a esta definição de gênero, pois a crença nas diferenças biológicas permaneceu intocada.

Desta forma, o biológico é assumido como a base sobre a qual os significados culturais são construídos, e assim, ao mesmo tempo em que a influência biológica está sendo minada, também está sendo invocada. Para explicitar esta relação, ela lança mão da metáfora do “porta-casacos da identidade” que relaciona biologia e socialização, onde o corpo é visto como um cabide sobre o qual os diferentes artefatos culturais são jogados. Segundo Nicholson, o feminismo desta forma aproveitava as vantagens do determinismo biológico e dispensava as desvantagens. É esta relação entre corpo, personalidade e comportamento que ela denomina fundacionalismo biológico, diferenciando-o do determinismo biológico, por suas especificidades apontadas.

Para esta autora, tal perspectiva é um obstáculo à verdadeira compreensão das diferenças entre: as mulheres, homens e mulheres, e entre os homens. Além disso, a noção de identidade sexual seria uma generalização do que é específico da cultura ocidental moderna. Ela aponta que as alianças entre o fundacionalismo biológico e o construcionismo social trazem uma série de limitações como a tendência a pensar as diferenças entre as mulheres como coexistentes, dificultando a possibilidade de pensar nas intersecções com outras diferenças, como raça, classe e etc. que passam a ser percebidas a partir de uma análise aditiva das identidades, obliterando as diferentes experiências, impossibilitando também compreender aqueles que se desviam das normas.

Por isso, Nicholson acredita que se devem abandonar ambas as perspectivas e suas alianças, já que a sociedade humana difere dentro de si mesma não só no que tange as expectativas sociais, mas no modo de compreensão do corpo, desta forma ele deixa de ser uma constante e torna-se uma variável. Além disso, a noção de identidade deixa de ser algo dado e comum e passa a ser percebida como um produto de um sistema de crenças própria da

nossa sociedade. Isso porque na emergência da ciência moderna se produziu uma noção de identidade (um “eu” abrigado num corpo) baseada em duas perspectivas que depois seriam vistas como antitéticas: biologia x socialização (educação). De onde vem as diferenças entre homens e mulheres? (são diferenças físicas primordiais – como causas - ou são fruto da socialização e da ideia de identidade em oposição ao corpo?). Segundo Jordanova, foi essa percepção que sustentou o relacionamento entre natureza, cultura e gênero, e a tendência de ver o corporal e o cultural de forma interrelacionada.

Esse debate aparentemente contraditório permanece hoje em relação às questões de gênero e sexualidade⁵⁶, como se percebe nas polêmicas públicas atuais no Brasil. envolvendo alguns militantes religiosos de igrejas evangélicas neopentecostais e fundamentalistas, e em pesquisas acadêmicas, como a de Fabíola Rohden (2004) que percebeu estes dois modelos “discursivos” na medicina brasileira do início do século XX.

Em resumo, Nicholson defende em sua análise que é necessário romper com o essencialismo do determinismo biológico e com o fundacionismo biológico. Por fundacionismo biológico a autora compreende a pressuposição de que há uma base natural, biológica, fixa e universal sobre a qual a cultura age, ou seja, mantém um discurso essencialista ao mesmo tempo em que invoca uma influência social e cultural, mais forte do que acidental, porém ainda fraca. Enquanto que uma abordagem construcionista mais radical (ou forte) acredita que tudo é construído, não se preocupando com questões biológicas.

Nicholson critica uma noção identitária que pressupõe uma base biológica, pois ela também mantém o essencialismo. Para responder as críticas de que o abandono de uma noção identitária implicaria num esvaziamento político da categoria mulher como sujeito, importante para o feminismo, a autora propõe uma política de coalização.

2.3 Sexualidades...

Embora algumas questões referentes à sexualidade já tenham sido abordadas até aqui, ao menos de forma tangencial, neste subcapítulo apresento esta noção de forma mais específica, realizando, como foi feito com relação aos conceitos de gênero (e corpo) as

⁵⁶ o exemplo atual no Brasil das campanhas conservadoras contra o que “eles” chamam de “ideologia do gênero” e “ditadura gay”. Se por um lado, acreditam que exista “cura gay” e logo, seria algo da natureza por ser uma doença, algo “anormal” que poderia ser resolvida com tratamento psicológico (uma espécie de reprogramação mental) e, ao mesmo tempo, temem a influência cultural sobre as crianças, como foi perceptível pela perseguição ao material anti-homofobia nas escolas que recebeu o famigerado apelido de “kit gay”. Estas acusações persistem nas discussões em torno do plano nacional de educação.

diferentes perspectivas teóricas que o informam, um recorte específico de uma vasta literatura, conforme interesses e perspectiva teórico-metodológica.

Início com a obra de Michel Foucault porque esta linha de pesquisa e a perspectiva aqui adotada muito se alimentam do seu trabalho desbravador. Faço alguma breves considerações sobre seu livro, “História da sexualidade, volume 1, a vontade de Saber”, porque se trata de um texto muito conhecido e recorrente na bibliografia.

Em sua argumentação a respeito da sexualidade e do sexo, Foucault teve por princípio o objetivo de romper com algumas perspectivas em voga na época, como a hipótese repressiva sobre o sexo, de Sigmund Freud. Para isso o pensador francês remonta à era vitoriana e ao desenvolvimento do capitalismo e equipara a confissão religiosa à metodologia de falar de si, própria da psicanálise, mostrando a importância da ideia de confissão para a ciência. Estas perspectivas obtiveram sucesso porque, segundo Foucault, seria gratificante abordar, em termos de repressão, as relações do sexo com o poder, já que se o sexo era reprimido, falar sobre ele pareceria transgressão. Este autor também se opõe a ideia do sexo como uma força positiva da natureza, tal qual postulava Reich, e sua promessa de felicidade. Sua proposta não é somente ou principalmente demonstrar que esta hipótese é falsa e sim recolocá-la:

[...] numa economia geral dos discursos sobre o sexo no seio das sociedades modernas a partir do século XVIII. Por que se falou da sexualidade, e o que se disse? Quais as relações entre esses discursos, esses efeitos de poder e os prazeres nos quais se investiam? Que saber se formava a partir daí? Em suma, trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana (FOUCAULT, 1997, p. 16).

Para este autor, importava entender as técnicas polimorfas de poder (recusa, bloqueio, incitação, intensificação...) revelando que “vontade de saber” é essa que lhe embasa, para isso ele vai atrás da produção da ciência da sexualidade que colocou, cada vez mais, a sexualidade em discurso. Seu objetivo é fazer a história das instâncias de produção discursiva, de produção de poder, produções de saber e suas transformações (Ibidem, p. 17). Assim ele demonstra as demarcações que foram sendo realizadas entre o legal e o ilegal em termos de sexo, o policiamento sobre estas práticas, o surgimento da ideia de população, que unia uma questão econômica e política tendo como cerne, o sexo, tudo isso que constitui a sexualidade como objeto de estudo e intervenção (Ibidem, p. 29). Isso se estende ao campo da medicina e psiquiatria e passa a constituir as noções de perversidade, a perseguição às sexualidades periféricas e a transformações de certas práticas em categorias, como acontece em relação à homossexualidade.

Neste célebre livro também estão formuladas, no capítulo denominado “método”, seu conceito de poder, que, em resumo: é onipresente, está em toda parte porque provém de todos os lugares (e não de um local, organização ou indivíduo/grupo em específico), devendo ser compreendido como “a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização” (Ibidem, p. 88). A partir destas formulações, o autor lista um conjunto de proposições do que o poder não é: não é estrutura e tampouco potencial; ou algo que se pode possuir ou se adquirir, já que se exerce a partir de pontos em meio a relações desiguais e móveis; as relações de poder não são exteriores, mas sim imanentes, ou seja, inerentes, sendo ao mesmo tempo os efeitos e as condições que as produzem; seus efeitos atravessam o corpo social; e por fim, algo que é muito relevante para esta pesquisa, “onde há poder há resistência” (Ibidem, p. 91), como um interlocutor irreduzível, pois a resistência não é exterior ao poder, ambos se constituem em correlações de poder interdependentes.

Foucault ressalta que devemos “imersão a produção exuberante de discursos sobre o sexo no campo das relações de poder, múltiplas e móveis” (Ibidem, p. 93). Aqui ele destaca quatro regras como prescrições metodológicas: regra da imanência (relação saber-poder); regra das variações contínuas (processos que passam por modificações e deslocamentos contínuos); regra do duplo condicionamento (interações entre o local/global, a descontinuidade e a homogeneidade); regra da polivalência tática dos discursos “deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme e nem estável” (Ibidem, p. 95) “o discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo” (Ibidem, p. 96) e por fim, ele destaca que dentro de uma mesma estratégia podem coexistir discursos diferentes e mesmo contraditórios.

Do século XVIII em diante, é possível, segundo ele, identificar “quatro conjuntos estratégicos, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo” (Ibidem, p.99). Que seriam: a histerização do corpo da mulher; a pedagogização do sexo da criança; a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Assim, ele define o famoso conceito “A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico [...] segundo algumas estratégias de saber e de poder” (Ibidem, p. 100).

As relações de sexo, segundo ele, abrem espaço para o dispositivo de aliança: que se refere ao estabelecimento do matrimônio, parentesco e transmissão de bens, sistema de regras que prescreve o permitido e o proibido. Este dispositivo vai cedendo lugar (mas não é substituído) na medida em que não dá mais conta dos processos econômicos e sociais, e a partir do século XVIII emerge o dispositivo da sexualidade, articulado aos parceiros sexuais

também, mas diferente do outro dispositivo, por “opô-los termo a termo” (Ibidem, p. 101), tendo outros enfoques. “O dispositivo de sexualidade se liga a economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal - corpo que produz e consome” (Ibidem, p. 101). Se o dispositivo da aliança tinha como função principal a reprodução, “O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (Ibidem, p. 101).

A partir da influente obra de Michel Foucault, se tornam perceptíveis as imbricações entre sexo, sexualidade e corpo. Este autor nos dá a base para entender estes fenômenos para além das questões biológicas, já que postula que a sexualidade não é um ímpeto, mas algo “inventado”, para ele a “sexualidade” é o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa” (Ibidem, p. 120).

O historiador, sociólogo e ativista gay Jeffrey Weeks, em seu importante artigo “O corpo e a sexualidade” publicado originalmente em 1996 e traduzido e publicado no Brasil no fim dos anos 1990, define o conceito de sexualidade e suas dimensões face à relação com o corpo e propõe uma contextualização da história da sexualidade. Para ele a sexualidade é um aparato, um constructo histórico e por isso deve ser abordado do ponto de vista histórico e sociológico. A sexualidade é tanto um problema individual quanto político (da população) e estes dois aspectos se articulam através do corpo e suas potencialidades e possibilidades. Por isto, segundo o autor britânico, a sexualidade se transformou num campo de disputas e lutas políticas na modernidade e podemos perceber um interesse, cada vez maior, por parte do estado, na questão da sexualidade, pois esta tem a ver com a regulação dos sujeitos (controle/biopoder) e determinação das relações de poder. Muitas destas lutas e disputas se cristalizam nos discursos científicos, morais e etc. que possam estabelecer os limites e o estabelecimento do normal e do anormal.

Para Weeks, que dialoga com a obra de Michel Foucault, é preciso salientar que o “nosso” conceito de sexualidade (ocidental/moderno) tem uma história e que, segundo ele, é a história da emergência das identidades sexuais (heterossexual, homossexual, etc.) construídas social e historicamente. Ele propõe a genealogia do seu surgimento. Entendendo este processo, se poderia compreender como e porquê a sexualidade se tornou tão importante na modernidade. Para isso, ele sugere o rompimento com a ideia de um comportamento sexual que determina a identidade sexual, não há uma relação direta e além do mais, esta é uma

perspectiva - construção de uma determinada sociedade e época- que não pode ser generalizada e tomada como universal/natural.

Em seu ensaio ele percorre uma série de temas, afirmando que seu interesse é “os modos pelos quais têm se atribuído, nas sociedades modernas, extrema importância e denso significado ao corpo e à sexualidade” (p. 38) argumentando que os corpos não têm nenhum sentido intrínseco e que a melhor forma de entender a sexualidade é como um “construto histórico”. Ele analisa também a literatura sobre a sexualidade e a emergência da sexologia no final do séc. XIX que vai ter um impacto no debate sobre o comportamento sexual. Desta maneira, para Weeks, a sexualidade vai além de uma preocupação individual e é uma questão crítica e política. Analisando a obra de Krafft-Ebing um dos precursores da sexologia, o sociólogo inglês percebe como este autor descreve e entende o sexo – como um instinto natural, ligado à fisiologia do corpo, uma verdadeira pulsão ligada à constituição do sujeito (revelando uma verdade sobre si), argumento claramente essencialista, além disso, a linguagem da sexualidade é expressamente masculina. Weeks se pergunta então: “porque vemos a sexualidade dessa forma?” (WEEKS, 2000, p. 41).

Ele parte deste exemplo para demonstrar que “nosso conceito de sexualidade tem uma história”. Como exemplo ele cita o termo sexo que no início servia para se referir à divisão da sociedade humana em feminino e masculino, mencionava as diferenças, mas também o modo de relação entre ambos. Já nos últimos dois séculos, sexo significa algo mais preciso: as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, corpos marcadamente diferenciados, ou seja, o que nos separa e não o que nos une. Estas mudanças acarretaram numa grande importância social dada a diferença sexual e a atividade sexual. Desta forma, pode-se pensar que estas questões estão longe de serem naturais, elas têm sido construídas dentro de relações de poder bem definidas. A sexualidade tem sido alvo da Igreja, do Estado, da medicina, etc. que criam suas formas de regulação. Entretanto, têm surgido outras forças, como o feminismo e os movimentos de reforma sexual que tentam resistir a estas prescrições. Este amplo processo de luta torna “a moderna sexualidade central para o modo como o poder atua na sociedade moderna” (Ibidem, p. 42).

O autor procura definir os termos básicos de seu interesse. Sexo será usado como um termo descritivo que se refere às diferenças anatômicas básicas entre homens e mulheres, cujos significados atribuídos são históricos e sociais; Gênero remete à diferenciação social entre homens e mulheres; Sexualidade descreve as crenças, comportamentos, relações e identidades construídas social e historicamente (Foucault – o corpo e os seus prazeres); e Construcionismo social serve para definir a abordagem que argumenta que:

[...] só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e a sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída a sexualidade num momento particular e apreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável (Ibidem, p. 43).

Esta corrente teórica, como já apresentado, se opõe ao essencialismo; o essencialismo é a perspectiva que busca explicar as propriedades de um todo complexo por alusão a uma verdade ou essência interior.

Para Weeks, Foucault pode ser considerado um teórico do construcionismo social, mas também seguidor de uma tradição de crítica ao essencialismo que inclui várias abordagens, entre elas: a) antropologia/sociologia – Chama a atenção para a diversidade de padrões sexuais nas diferentes culturas e também no interior destas, crítica ao etnocentrismo; b) A influência de Freud – questiona os argumentos naturalizantes de gênero e necessidade sexual ao dar ênfase ao complexo desenvolvimento psicossocial; c) nova história social – explora a história do gênero e do corpo, investigando o desenvolvimento de determinadas categorias; d) nova política da sexualidade (movimento gay/lésbico) – questionamento da heterossexualidade como padrão e a repressão da homossexualidade. O ponto em comum entre as diferentes abordagens seria a rejeição de definições transculturais e trans-históricas da sexualidade, mas se distinguem no que diz respeito ao que pode ser construído em termos de sexualidade. Para Weeks, o construcionismo social coloca outra questão central: “por que nossa cultura atribui tanta importância à sexualidade e como isso veio a acontecer” (Ibidem, p. 49).

A discussão que envolve a sexualidade, as normas sexuais e o estabelecimento do “normal e o anormal” interessam Weeks, que para isso, lança mão de outra obra de Foucault, que abordou o caso de Herculine Barbin, hermafrodita francês do século XIX. Este episódio serve para marcar a emergência de uma preocupação com a classificação e a fixação de diferentes características e tipos sexuais. Surge a noção de “sexo verdadeiro”. Desta forma, os discursos jurídicos, médicos e políticos passam a definir o que é verdadeiramente “normal” ou “anormal” e também instauram uma correspondência entre o corpo e a identidade de gênero. Esse processo é o resultado de uma nova configuração de poder.

Weeks afirma, em síntese, que para Foucault a história da sexualidade é a história de novos discursos sobre a sexualidade, através dos quais a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo. Esse incitamento ao discurso faz parte de um aumento do controle sobre os indivíduos, não através da negação ou proibição, mas através da produção com a imposição de uma grade de

possibilidades do corpo (dispositivo da sexualidade). Esta análise está relacionada à noção de “sociedade disciplinar” que seria a forma moderna de regulação social (presente em seu outro livro, *Vigiar e Punir*) que entende o poder como uma força positiva, ligada ao conceito de biopoder - preocupação com a administração e cultivo da vida (“fazer viver” e não mais o “deixar morrer”). Desta forma, o sexo é muito importante neste modelo, pois permite a regulação tanto dos corpos individuais quanto do corpo político (a população). No que tange as dimensões sociais da sexualidade, o autor sugere que:

[...] a sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos) e com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo). As duas estão intimamente conectadas, porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades (Ibidem, p. 52).

Weeks aponta diferentes períodos históricos onde isso se apresentou fortemente e de forma diversificada como no período vitoriano repressivo e hipócrita, o contexto anterior a I Guerra Mundial com a questão da eugenia em voga, os anos 1960 com o novo liberalismo (permissivo) e a redefinição da divisão público/privado, etc. “O que está em jogo nesses recorrentes debates sobre a moralidade e o comportamento sexual?” (Ibidem, p. 54). A resposta é: “[...] preocupações diferentes, mas relacionadas: as relações entre homens e mulheres; o problema do desvio sexual; a questão da família e de outros relacionamentos; as relações entre adultos e crianças, a questão da diferença, seja de classe, gênero ou raça” (Ibidem, p. 54).

A ideia é que o poder age por meio de mecanismos complexos e superpostos e às vezes contraditórios que produzem dominação e oposições, subordinação e resistências. Dentre outros, três elementos se destacam: classe, gênero e raça. Para o autor as diferenças de classe se tornaram mais aparentes nos últimos duzentos anos, até porque a noção de sexualidade unificada seria, segundo Foucault, uma ideia burguesa, classe (um grupo da população) que precisava se firmar naquela sociedade e se distinguir da aristocracia e das classes populares. Existem evidências históricas que demonstram que as classes operárias se mostraram bastante resistentes às condutas da classe média. Assim, os padrões de vida sexual atuais são fruto de uma luta social na qual classe e sexualidade estão interligadas. Classe é um fator categórico, mas nem sempre definitivo, na modelação das escolhas da atividade sexual.

Para Weeks o gênero é a divisão crucial, já que as classes são constituídas de homens e mulheres, mas esta diferença pode não ter o mesmo significado para ambos os sexos. O gênero está além de uma categoria analítica, é uma relação de poder historicamente enraizada, os padrões de sexualidade feminina são um produto do poder dos homens para definir o que

era necessário e desejável. O autor retoma a questão da importância das diferenças corporais citando a obra de Thomas Laqueur sobre as transformações ocorridas nos conceitos de corpo, gênero e sexo. Isto porque no centro destas redefinições estavam colocadas novas relações culturais e políticas que marcavam câmbios no equilíbrio de poder entre homens e mulheres (mesmo que a dominação masculina marque a sociedade moderna, as mulheres têm, cada vez mais, possibilidades de determinar suas próprias vidas).

Jeffrey Weeks também afirma que as classificações por classe e gênero se cruzam com as de etnia/raça, embora, esta questão tenha sido desvalorizada por cientistas sociais e historiadores até pouco tempo. Até o fim do século XIX as ideologias sexuais ocidentais representavam a pessoa negra como selvagem, abaixo na escala evolutiva, ou seja, mais perto da natureza. Esta perspectiva se manteve presente até mesmo na obra de antropólogos culturalmente relativistas que nos demonstraram a existência de outras culturas e costumes sexuais. Entretanto, se pode perceber que as definições ocidentais de sexualidade e modelos de feminino e masculino se constituíram, em certa medida, na comparação com esse outro, que representava um desafio e uma ameaça. Para concluir, Weeks cita duas feministas negras contemporâneas, Amos e Parmar, que criticam o feminismo das mulheres brancas, burguesas e ocidentais que muitas vezes reforçam o preconceito e tem consequências importantes “A análise das relações de poder em torno da classe, do gênero, e da raça demonstra a complexidade das forças que modelam as atitudes e o comportamento sexual” (Ibidem, p. 61).

O sociólogo e historiador britânico propõe ainda o exame da história de dois termos: heterossexualidade e homossexualidade, percebidos hoje como dados e universais, mas que têm uma história recente. A invenção destes termos marca um estágio crucial na delimitação e definição moderna de sexualidade. Cunhados por um escritor austro-húngaro em 1869 no contexto de reforma sexual da “futura Alemanha” e da crescente sexologia, que percebia a homossexualidade como uma forma benigna da sexualidade considerada “normal”. Este processo representa uma mudança no que era antes percebido como sodomia (pecado) e passa a ser percebido como uma atividade de um tipo particular de pessoa (o homossexual como uma nova espécie, como ressaltou Foucault).

Neste processo de definição estreita dos tipos e das formas de comportamento e de identidades sexuais, as implicações das palavras mudam. Assim, a homossexualidade se tornou na mão dos sexólogos uma descrição médico-moral. Já a heterossexualidade – como norma – não precisou de tanta teorização, pois representava o padrão de referência natural. Este processo de redefinição de normas necessitava, também, definir o que se constitui como anormal (classificação das perversões). Aqui se dá a institucionalização da heterossexualidade

nos séc. XIX e XX, um empreendimento da sexologia, mas que vai além desta, sendo mais complexo, o autor também sugere que a instituição heterossexualidade é, por definição, historicamente cambiante.

Weeks acredita que compreender a história da homossexualidade significa uma nova apreensão a respeito da construção da heterossexualidade e da sexualidade como um todo. Ele parte da seguinte afirmação para continuar seus argumentos: “antes do final do século XIX a homossexualidade existia, mas o/a homossexual não”, ou seja, existia a “homossexualidade” (como práticas) em diferentes sociedades, mas foi apenas nas sociedades industrializadas ao final do séc. XIX que surgiu esta categoria distintiva junto a uma identidade, definindo um tipo de pessoa (inclusive, surgindo a noção de terceiro gênero na sexologia). Para o autor, isto simboliza uma ruptura determinante nos significados dados à diferença sexual. Antes desse processo, segundo pesquisas históricas, existiam outros padrões para a interação “homossexual”: o antigo modelo grego (adulto ativo/jovem passivo que na vida adulta, ao se tornar ativo, não perdia seu status) e a partir do século XVIII um segundo modelo que associava qualquer comportamento homossexual masculino com ser efeminado (comportamento de gênero esperado). A partir daí começa a se desenvolver um sentido de diferença e identidade, constituindo-se subculturas sexuais.

Retornando ao fim do séc. XIX, o autor aponta que “a homossexualidade se torna uma categoria científica e sociológica, classificando a perversidade sexual de um novo modo [...] construindo a ideia de uma natureza distinta” (Ibidem, p. 68). Para Weeks, a “nova história da sexualidade é uma história de identidades: sua emergência, suas complexidades e suas transformações” (Ibidem, p. 68).

Muitos consideram que a identidade é um conceito central na modernidade, pois possibilita um sentimento de unidade pessoal, de localização e compromisso político, assumir uma posição. No entanto, se sabe que a sexualidade é um produto da linguagem e da cultura tanto quanto da natureza, e mesmo assim, há um esforço para fixá-la (para dizer o que somos). Interessado em saber o quanto a identidade sexual é importante e o que elas nos dizem do mundo moderno/pós-moderno, Weeks expõe algumas dessas possibilidades: identidade como destino (essencialista); identidade como resistência (crise de identidade, identidade pessoal entendida como individualidade); identidade como escolha (se explora as etapas possíveis de construção de uma identidade pessoal estigmatizada: sensibilização, significação, subculturização, estabilização). Mas isto não é automático, não “existe nenhuma conexão necessária entre comportamento e identidade sexual. Por isto, ele acredita que no mundo moderno as identidades podem ser escolhidas, e geralmente sua escolha é motivada por razões políticas.

Esta definição é muito importante e relevante para esta pesquisa, já que é um discurso similar ao encontrado nas entrevistas de Laerte, em suas críticas a colagem entre sexo, gênero e orientação sexual e na escolha das categorias variáveis para se definir e constituir “identidades”, como ocorre com os termos *crossdresser*, travesti e transgênero, utilizados, em diferentes momentos, para nomear suas práticas e sua “identidade”.

A crise sobre os significados da sexualidade tensiona o problema sobre como devemos regulá-la e controlá-la. Para Weeks, é difícil distinguir os significados que damos à sexualidade das formas de controle que defendemos. Desta forma ele apresenta as diferentes abordagens que tem influência na nossa história: a abordagem absolutista é a que considera o sexo perigoso o que resulta numa posição moral autoritária e rígida. A posição libertária é caracterizada por uma ideia de desejo sexual como algo benigno e liberador, que possibilita a adoção de um conjunto de valores flexíveis e talvez radicais; já a posição liberal seria um meio-termo, não afirmando que o sexo é bom ou ruim, mas certa das desvantagens do autoritarismo e do excesso.

Ao fim do seu ensaio, o autor aponta para os sinais de que atitudes menos autoritárias em relação à sexualidade continuam a crescer (apesar dos ataques conservadores). Isso se deve a uma série de importantes mudanças nas relações familiares com relação ao casamento (não é mais visto como para toda a vida e pode se tentar várias vezes) e a família (percepção de que há famílias de diferentes tipos). Isto pode ser entendido como um crescente reconhecimento da diversidade social e sexual, porém ainda com restrições.

Para concluir, Weeks se questiona se a sexualidade ainda será o tema central para os debates sociais e morais já que Coward sugere que o corpo estaria deslocando o sexo do centro principal. Como a organização social da sexualidade é sempre instável e modelada em contextos históricos, podemos pensar que ao entrarmos na pós-modernidade possa ocorrer uma mudança radical na maneira como lidamos com nossos corpos e necessidades sexuais. O importante então será compreender esses processos em ação de forma mais efetiva do que foi feito antes (ou até agora). É neste sentido que o trabalho de Weeks é inspirador para a minha pesquisa, pelo interesse na emergência das categorias e as transformações atuais.

As questões de sexo, gênero e sexualidade também aparecem discutidas em conjunto em outra obra “A invenção do sexo” importante livro do historiador norte-americano Thomas Laqueur. Já no prefácio de sua obra, o autor relata que durante sua pesquisa o foco do seu trabalho mudou devido a uma série de descobertas e assim seu trabalho passou do desaparecimento do orgasmo feminino nos manuais médicos para a história de como o sexo, assim como o gênero foram construídos. Só essa informação inicial já coloca questionamentos

na separação entre sexo/gênero, pois desloca a dicotomia sexo/gênero mais “clássica” onde se lia o sexo como natureza e base sobre a qual a cultura constituiria o gênero.

Tanto Nicholson quanto Vance criticam essa abordagem que Laqueur desloca: sexo/gênero, que está presente segundo elas, além de no chamado essencialismo, em partes do chamado construtivismo (ou construcionismo). Essas questões reaparecem em Laqueur que levará o debate sobre as transformações ocorridas no conceito de sexo a fundo. De suas pesquisas sobre a questão do orgasmo feminino e sua relação com a concepção, ele demonstra que a presença ou ausência de orgasmo tornou-se um marco biológico da diferença sexual⁵⁷ o que significou uma reinterpretação radical do corpo feminino em relação ao masculino. A partir de 1800 assistimos a insistência nas diferenças fundamentais entre o sexo masculino e o feminino. Assim, o antigo modelo de corpos masculino e feminino semelhantes e hierarquizados foi substituído pelo diformismo radical. Nesta nova retórica os médicos se proclamavam capazes de identificar a essência feminina e se converteram nos “tradutores da natureza”.

Laqueur também chama a atenção para a mudança no significado da diferença sexual: desde o séc. XVIII a visão dominante é que existem dois corpos estáveis, incomensuráveis e opostos e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres e seus “papéis” de gênero, estão embasados nestes dados (na biologia encontramos o fundamento da vida social). Mas a partir da análise de textos pré-iluministas este autor propõe uma mudança nesta compreensão⁵⁸. Laqueur sugere que nestes textos, o sexo (ou o corpo), deve ser compreendido como um epifenômeno, enquanto que o gênero, que “nós” consideramos uma categoria cultural, era primário ou real, ou seja, ocorre uma mudança na perspectiva do que é construído.

Assim, “ser homem ou ser mulher era posição social [...] assumir um papel cultural e não ser organicamente um ou outro dos dois sexos incomensuráveis [...] o sexo antes do século XVIII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica” (LAQUEUR, 2001, p. 19) Esta compreensão além de subverter toda a discussão baseada na dicotomia sexo/gênero mais “fundacionista”/modelo de influência cultural”, poderia se inscrever no construtivismo que Vance e Weeks defendiam, que rompe com a base natural e abrange os significados subjetivos, a esfera do comportamento e da ideologia e leva em conta o corpo

⁵⁷ Hoje em dia persistem outros marcos dessa diferença, como os cromossomos e os hormônios, como apontado por Fausto-Sterling (2001).

⁵⁸ Que embasa a desigualdade de gênero que o feminismo visa combater, mas que ao mesmo tempo serviu em parte a este mesmo movimento nas suas elaborações teóricas – contra esta “contradição” é que Nicholson (2000) e Vance (1995) escrevem suas críticas.

(potências/limites) incorporado e mediado pela cultura? Ou romperia também com esta perspectiva no momento que historiciza o sexo e o corpo?

Estas questões são importantes no diálogo com as entrevistas de Laerte, quando aparecem concepções sobre sexo, gênero e sexualidade (o que é construído? e o que é natural? o que não pode ser problematizado? que concepções são perceptíveis nestes diferentes discursos?). Sobre os sentidos e o significado de ser homem e mulher, como isso se modificou ao longo da história e como depende do contexto cultural, também é relevante na análise sobre o caso Laerte, e as implicações de sua transgeneridade em sua experiência cotidiana e na forma como é vista e interpretada pela sociedade.

Cabe destacar ainda no texto de Laqueur a seguinte pergunta: “Como teria ocorrido à mudança do que eu chamei de modelo de sexo único/carne única para o modelo dos dois sexos/duas carnes?” (Ibidem, p. 20). Ele responde que não se deve apenas a meras evidências científicas, mas, sobretudo a interesses políticos e culturais na diferenciação sexual. Quando se descobriu essas diferenças elas já eram profundamente marcadas pela política de poder de gênero. As novas formas de interpretar o corpo resultaram de dois grandes desenvolvimentos: epistemológico (revolução científica, nova relação com a natureza – objeto de conhecimento - e noção do corpo como morada da verdade) e político: que criou novas formas de constituir o sujeito e as realidades sociais dentro das quais ele vivia. Dessa forma, a sexualidade se liga a ordem social.

Por fim, o autor afirma que a construção do sexo não deseja negar a realidade do “sexo” e do diformismo sexual, mas sim demonstrar que de qualquer forma que o sexo seja compreendido, ele já contém uma reivindicação sobre o gênero. Assim, o sexo, tanto no modelo do sexo único quanto no de dois sexos, é situacional, explicável apenas dentro do contexto de luta sobre gênero e poder. Laqueur também ressalta as implicações de sua análise sobre as dicotomias, no feminismo e na noção de identidade. Esta discussão que envolve a importância da materialidade do corpo (com uma história e não fora do discurso) vai ser levada adiante em Fausto-Sterling (2001) e principalmente em Butler (2000), que tenta romper com as dicotomias e ir além do construcionismo. Esta autora também problematizará a noção de identidade.

O que se viu até aqui foi um conjunto de discussões e concepções a respeito de sexo, gênero, sexualidade e corpo que me permite dialogar com o “caso” Laerte e que auxilia na compreensão da complexidade destes temas e como eles são essenciais para a sociedade ocidental, e por isso merecem ser questionados e pesquisados. Mesmo as ideias mais consolidadas, os binarismos já alvo de críticas, são complexificados na medida em que

percebemos como estas coisas estão inter-relacionadas. A partir da obra de autores como Laqueur e os demais citados até aqui, é possível perceber em que momento histórico, a partir da “lente epistemológica do iluminismo” se passou a perceber o “corpo” como real “enquanto seus significados culturais são considerados epifenômenos” (Ibidem, p. 18). Ao mostrar que em períodos históricos anteriores à modernidade não havia a rigidez com relação ao corpo e as “diferenças” (meninos podiam facilmente se transformar em meninas e vice-versa, homens em contato intenso com mulheres poderiam se efeminar, etc.), Laqueur afirma que “Em suma, a cultura difundiu-se e mudou o corpo que para a sensibilidade moderna, parece tão fechado, autárquico e fora do reinado da significação” (Ibidem, p. 19).

A centralidade e fixidez que construímos em torno das definições de gênero e sexualidade, sexo e corpo, como construções históricas que são, podem muito bem, não somente serem questionadas e problematizadas, mas também transformadas e modificadas, na medida em que não dão conta das experiências e subjetividades de muitos indivíduos, limitando as possibilidades humanas e restringindo nossas formas de viver. É com estas concepções que empreendo este diálogo com as propostas de Laerte. Seguindo com esse intento, destaco mais algumas discussões que demonstram as complexidades em torno destes temas e como elas ajudam, dão pistas, para refletir sobre as possibilidades de atravessar as normas estabelecidas em torno destes termos e em torno do corpo.

A bióloga e teórica feminista Anne Fausto-Sterling (2002) reúne em seu artigo intitulado “Dualismos em duelo” uma série de questões que permeiam a maioria dos conceitos e categorias que nos interessa aqui - gênero, sexo, corpo e sexualidade- de forma clara e explícita. Inicia questionando a ideia de sexo, como ele pode ser definido? (fixação científica, médica, etc.). Para esta autora sexo é muito complexo para ser definido por testes científicos, segundo ela rotular alguém de mulher ou homem é uma decisão social, são as nossas crenças de gênero que definem o sexo.

Esta noção é próxima de Laqueur, pois aborda a construção social do próprio sexo, e novamente aqui temos a discussão acerca das velhas dicotomias que separam sexo/gênero e que segundo a argumentação destes autores não se sustenta, pois se o sexo é mediado pelo social não pode estar separado do gênero e muito menos no campo de uma natureza estática. A própria Fausto-Sterling vai abordar as discussões científicas sobre essas dicotomias e a ênfase na relação entre a expressão social da masculinidade e da feminilidade e os aspectos físicos subjacentes, que buscavam definir e separar o domínio do sexo e o domínio do gênero. Assim, estes cientistas e também boa parte das feministas “colocaram os termos de tal maneira que sexo passou a representar a anatomia e funcionamento fisiológico do corpo e

gênero passou a representar as forças sociais que moldam o comportamento” (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 16), tal como vimos em outras autoras.

São estas crenças, dicotomias e saberes científicos que constituem as práticas discursivas que permeiam as entrevistas com Laerte, elas informam tanto o entrevistador, quanto o entrevistado e o leitor. É sobre elas que se embasam a maioria das interpretações e é contra estas, que Laerte por vezes se coloca. Quem pode defini-lo? E por que esta vontade de saber? De classificar? O que importa?

Fausto-Sterling também afirma que o tipo de conhecimento produzido pelos cientistas é afetado pelas crenças de gênero e que as verdades sobre a sexualidade humana são um componente das lutas morais, sociais e políticas travadas em nossas culturas⁵⁹. Assim, para ela, a imposição da norma de gênero tem um motor social e não científico. Tomando a perspectiva de Foucault acerca da nossa transformação em “uma sociedade da normalização” ela aborda a intervenção médica sobre a intersexualidade como uma manutenção do normal “Ao ajudarem o normal a assumir a precedência em relação ao natural, os médicos também contribuíram para a biopolítica populacional”, para eles deve haver só dois escaninhos: macho e fêmea.⁶⁰

Fausto-Sterling ressalta ainda que “A fim de manter as divisões de gênero, precisamos controlar aqueles corpos que são tão refratários que chegam a apagar as fronteiras. Como os intersexuais literalmente corporificam os dois sexos, contribuem para enfraquecer as informações sobre diferenças sexuais” (Ibidem, 2002, p. 27). Assim para mudar a política do corpo, precisaríamos mudar a própria política da ciência.

Nesta pesquisa o “objeto” também pode ser compreendido como um corpo refratário, embora não seja propriamente um intersexual, se afirma transgênero, renegando, pelo menos em parte, os “dois escaninhos” como afirma Fausto-Sterling, desafiando as fronteiras do desejável e do permitido, embaralhando a classificação, podendo inclusive ameaçá-la. Este ponto é fundamental para pensar na curiosidade que Laerte enseja, mas também nos temores e repúdios e nas implicações políticas de sua visibilidade.

Entre outras questões, esta autora aponta os problemas de se tomar uma identidade sexual como uma realidade fundamental ligada a constituição de um conjunto de novas pessoas, a partir da criação de novas categorias, como heterossexual e homossexual (para ela

⁵⁹ Retorna a agenda de crítica à ciência e suas relações com o mundo que o cerca – ideologias dominantes e sobre as lutas neste campo, ponto já trazido a tona por Vance, Nicholson, Weeks (2000), Laqueur (2001), Rohden (2004) e que também será abordado por Butler (2000, 2001, 2011).

⁶⁰ Esta questão da normatização também estava presente das discussões de Weeks e será abordada também por Butler.

é importante contestar a heteronormatividade). A bióloga também questiona o construtivismo, mesmo o mais radical, pois segundo ela a maioria argumenta a partir da suposição de que há uma divisão fundamental entre natureza e cultura, entre “corpos reais” e sua interpretação cultural e ela quer dar ênfase a materialidade do corpo.

Outro ponto importante de seu texto é a discussão acerca dos dualismos (dicotomias) que aqui, são abordados como um sistema de pensamento ocidental que para esta autora deve ser abandonado, pois limita a nossa compreensão da realidade, sendo os dualismos sexo/gênero e real/construído um obstáculo para os estudos feministas, pois coloca o gênero num dos polos e exclui a biologia e também coloca o real ligado à natureza e o construído ligado à cultura.⁶¹

A partir disso a autora vai abordar estudos feministas que procuram romper com a perspectiva dualista do corpo, sendo uma das mais importantes a filósofa Judith Butler. Segundo Fausto-Sterling esta autora “tenta reivindicar o corpo material para o pensamento feminista” perguntando por que “a idéia de materialidade passou a significar aquilo que é irredutível, aquilo que pode dar suporte à construção, mas não pode ser construído?”

E assim, Fausto- Sterling passa a abordar o corpo material e a dificuldades desta perspectiva, segundo ela, “Cada vez que tentamos voltar para o corpo como algo que existe antes da socialização, antes do discurso sobre macho e fêmea”, diz Butler “descobrimos que a matéria está inteiramente sedimentada com discursos sobre sexo e a sexualidade que prefiguram e limitam os usos que podemos fazer desse termo” (BUTLER apud FAUSTO-STERLING, 2002, p. 62). Neste ponto, as questões colocadas por esta autora, juntamente com Butler, se ligam as questões colocadas por Laqueur, que mostra que a construção do sexo se dá a partir de nossas concepções sobre gênero, ou seja, ele não existe como uma realidade pura, mesmo que os cientistas neguem este aspecto.

Fausto-Sterling prossegue sua análise “E se os pontos de vista sobre o sexo e a sexualidade já estão embutidos em nossos conceitos filosóficos de como a matéria forma os corpos, a matéria dos corpos não pode constituir um campo neutro e pré-existente a partir do qual compreendemos as origens da diferença sexual” (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 63). Por fim, a autora afirma que “Parece difícil evitar a ideia de que nosso próprio entendimento científico dos hormônios, do desenvolvimento do cérebro e do comportamento sexual são, da

⁶¹ Aqui novamente temos uma problematização do construtivismo e uma abordagem que procura ir além desta perspectiva (isso está ligado a tudo que já vínhamos discutindo e será levado mais adiante com Butler e a desconstrução).

mesma forma, construídos em contextos sociais e históricos específicos, e carregam suas marcas[...]” (Ibidem, p. 79).

A filósofa Judith Butler em seu texto, *Corpos que pesam*, já inicia questionando aspectos centrais do construtivismo que ela visa “ultrapassar”, assim como o abandono das dicotomias, então ela destaca que a diferença sexual não pode ser apenas uma questão de diferenças materiais (anatômicas) percebidas (como pareciam entender Scott e outros teóricos vinculados ao construtivismo), pois estas são “simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas”.

Para Butler sexo é “um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o sexo e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 2000, p. 154).

Butler retoma a discussão sobre diferença sexual afirmando que as normas regulatórias do sexo trabalham para materializar o sexo do corpo, a diferença sexual e para consolidar o imperativo heterossexual. Assim esta materialidade é percebida como efeito do poder e, portanto, segundo ela, não se pode conceber o gênero como construto cultural “que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria – quer se entenda essa como o corpo, quer como suposto sexo”. (Ibidem, p. 154). É perceptível nesta autora o interesse na desconstrução do conceito de gênero e no deslocamento da dicotomia sexo/gênero na medida em que ela “inverte” estas categorias e sai da matriz de pensamento construtivistas/dualista⁶².

Assim, segundo a filósofa norte-americana, o sexo não é aquilo que alguém tem, ou a descrição estática do que alguém é, mas uma das normas que torna alguém viável, inteligível. Outra vez, é possível fazer conexões entre os diferentes textos, pois esta questão se relaciona a Laqueur (história da invenção do sexo), a Fausto–Sterling (2001) quando aborda o papel dos médicos ao decidir se alguém é homem ou mulher e na intervenção sobre os corpos intersexuais como necessidade de normalização, se não for macho ou fêmea será considerado “inteligível”/não- viável (abjeto para Butler). Borrar essas fronteiras é algo percebido como extremamente perigoso.

⁶² Esta crítica ao conceito de gênero e das dicotomias já foi abordada por outros autores e referida neste capítulo.

Laerte, como já dito, ao se negar entrar ou permanecer em um dos escaninhos (macho/fêmea), borra a fronteira e se junta a um conjunto grande de pessoas que também não se sentem ou não querem pertencer as duas categorias (ou somente a uma das duas): homem x mulher (mas também se dizer, cishomem e cismulher). Estes outrxs são: transexuais (tranhomens e transmulheres), travestis, intersex, “sem gênero”, *queer*, *crossdressers*, transgêneros, etc. É neste sentido que sua experiência não é algo apenas individual, é coletiva porque é compartilhada com um conjunto amplo de pessoas, cada uma com suas especificidades. Laerte sabe que sua posição pode ser considerada privilegiada por alguns e que suas outras características de classe, raça/etnia, etc. que o atravessam e o constituem podem lhe colocar numa situação menos desconfortável ou de risco⁶³, mas é consciente disso e se mantém crítico e se expõe, luta por si mesma e pelos demais.

Butler visa embasar suas afirmações iniciais aprofundando a crítica ao modelo que distingue sexo/gênero, que embora interessante e importante para o feminismo, vêm sendo alvo de críticas por relegar o “natural” como aquilo que existe antes da inteligibilidade e que precisa da marca do social para adquirir valor.

Resumidamente, o que estes autores abordados até aqui tem em comum é a crítica às dicotomias e a distinção sexo/gênero que fixa o que é natural e o que é cultural e, assim, entre o que é real e o que é construído (como se este não fosse real) e limita as análises e uma compreensão mais aprofundada das relações de gênero, sexualidade e corpo (sexo).

⁶³ Isso pode ser relativizado na medida em que mesmo “sendo Laerte” uma artista reconhecida e que aparece na mídia, foi impedida de usar o banheiro feminino. Embora se saiba que este episódio foi algo isolado na vida de Laerte e que virou notícia, enquanto é algo corriqueiro na vida de muitas outras pessoas.

3 DIÁLOGO COM AS ENTREVISTAS DE LAERTE: EXPERIMENTAÇÃO E SUBVERSÕES DAS NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

As pedagogias de gênero e sexualidade exercidas pela escola, entre outras instituições (igreja, família, etc.) e também pelos artefatos culturais (mídia, revistas, jornais, TV, rádio, propagandas, músicas, filmes, HQs...) de forma sutil, contínua e eficiente constituem sujeitos e subjetividades. Tais pedagogias ensinam, informam, regulam e estabilizam práticas, normas e desejos de forma a constituir identidades de gênero e sexualidade que possam dar uma referência “segura” sobre os indivíduos (LOURO, 2000).

Tais artefatos culturais nos ensinam formas de ser homem e mulher, de construir nossas identidades sociais, de gênero e sexualidade, são constitutivas de nossa subjetividade. Além de veicular os discursos hegemônicos e naturalizados a respeito dessas questões, também possibilitam e veiculam discursos que se opõe e/ou causam contradições, subvertendo lógicas e promovendo conflitos. É nesse sentido que reflito acerca das pedagogias de gênero e sexualidade e que pretendo descrever e compreender os sentidos - presente em revistas e jornais - que veicularam entrevistas com o/a cartunista Laerte.

Se por um lado, a grande maioria dessas revistas promove, apresenta, ensina a sexualidade “normal” e os gêneros “naturais”, classificando e hierarquizando as diferenças e as diferentes identidades, estabelecendo o “outro” e criando as fronteiras e margens que visibilizam e excluem, essas revistas também, por vezes, dão espaço para esses “outros”, seja para subverter estas normas (pensar, questionar, trazer à tona), seja para, ao mostrar “o outro” (diferente, esquisito, “anormal”) fortalecer as classificações e manter as normas e fronteiras bem definidas. Ao mostrar estes tipos “exóticos” ou considerados “bizarros”, dependendo da forma como se faz isso, se reforçam as fronteiras de gênero e a noção de normalidade, alertando para os perigos das transgressões, mas ao mesmo tempo se estimula a curiosidade com estes desvios, que fascinam.

Ao refletir sobre as pedagogias de gênero e sexualidade é importante ressaltar que elas estão muito implicadas no que ficou conhecido como política das identidades, conforme a denominação de Stuart Hall (apud LOURO, 2000) descrevendo o contexto de surgimento de novas identidades sociais – de gênero e sexualidade – a partir do movimento feminista, gay e lésbico. Estas transformações, que todos nós assistimos nos últimos anos, modificam as formas possíveis de vida e de constituição de identidades sexuais e de gênero (Louro, 2010), possibilitando novas formas de existência para todos, mesmo para quem não esteja envolvido diretamente, pois provoca novas questões e principalmente permite questionar, problematiza,

ou seja, desnaturalizar a ideia de que a sexualidade é algo apenas do âmbito pessoal, mas sobretudo é social e política. E por isso é histórica e apreendida por todos. Isso tudo permite o alargamento dos limites do “vivível” e nos parece que Laerte faz parte disso, ao mesmo tempo em que pode ser visto como algo a ser evitado.

Neste embate cultural importante, estas “minorias” entram para disputar espaços, para lutar pela atribuição de significados e pela diferença produzida em meio a relações de poder (LOURO, 2008). Seguindo as considerações de Honneth (2011), vale lembrar que a base da interação social é o conflito, e sua gramática é a luta por reconhecimento. Desta forma, a busca por respeito e dignidade envolve ações que buscam restaurar relações de reconhecimento mútuo, e a elas está agregada certa gramática moral, em particular nas demandas que envolvem elementos de gênero e sexualidade.

Ainda no âmbito dos embates culturais provenientes da emergência das novas identidades sociais e dos sujeitos “ex-cêntricos” e da precariedade e instabilidade que marcam profundamente a sociedade contemporânea, é importante salientar que estas identidades à margem se tornam muitas vezes o centro das atenções, a partir dos novos movimentos teóricos e políticos que passam a questionar as noções de centro, fronteira e margem. Por isso é importante estar atento aos códigos, práticas discursivas e representações que atribuem o significado de diferença a esses corpos e identidades, principalmente no que tange as diferenças sexuais, que se instituem sempre numa relação, já que o diferente é indispensável para indicar a identidade central (LOURO, 2003).

Estas preposições são fundamentais no contexto desta pesquisa. Entendo que ao se pronunciar e expor publicamente, falando (para microfones e posando para fotos e câmeras) sobre suas transformações de gênero, seu questionamento das identidades sexuais e de gênero binárias, de sua “performance”, de sua travestilidade ou transgeneridade⁶⁴, Laerte reitera o caráter sociocultural da sexualidade e a instabilidade das identidades, promovendo importantes deslocamentos. Sua atitude não é mera expressão pública de algo “pessoal”, mas sim um ato político de afirmação da diferença que tem consequências para a vida de sujeitos e para a construção de um horizonte de expectativas. E acarreta questionamentos e dúvidas. Sua inscrição num campo de disputas ferrenhas (na medida em que por um lado há grupos diversos reunidos sob estas “novas identidades” ou mesmo a crítica e a tentativa de implodir estas identidades – política *queer* – por outro lado há um recrudescimento de movimentos conservadores e de sujeitos reacionários e preconceituosos) acerca de como podemos viver

⁶⁴ Mantenho as duas categorias porque elas são utilizadas às vezes simultaneamente para se referir a Laerte e também são utilizadas, como num jogo, por Laerte em suas entrevistas.

nosso “gênero e sexualidade”, impacta, fascina, desperta curiosidades, paixões e ódios, desprezo e admiração. Como essa irreverente crítica à sociedade e suas normas será “apresentada” pela mídia?

Pela visibilidade alcançada por Laerte por meio da mídia, me parece que, aparentemente, que não há uma tentativa de invisibilizá-lo, mas sim de mostrar, entender, classificar, nomear, normalizar (ou patologizar), fixá-lo como a margem, mostrar o “estranho” para reforçar o “normal”? Apresentá-lo como um caso único? (invisibilizando outros sujeitos?). Essas questões mostram que nem sempre a visibilidade - muitas vezes conclamada pelos movimentos sociais e ativistas - é sinônima de “avanços”, pois ela pode, ao focar determinando indivíduos/aspectos, aumentar o controle sobre eles e invisibilizar outros indivíduos e situações⁶⁵.

Ademais, ao notar o grande número de entrevistas concedidas por Laerte, sua presença abundante na mídia, a quantidade imensa de perguntas (quase sempre iguais com algumas variações) me remeto à ideia de confissão, como técnica de produção de sujeitos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 101). Ao falar de si de forma profusa, revelando seus “segredos sexuais” e de gênero não estaria Laerte abrindo brechas para sua “normalização”, para tentarem “extrair dele uma verdade”? tal qual nas confissões religiosas e nas sessões psicanalíticas como problematizado por Foucault? (MISKOLCI, 2009, p. 326), será que na vida privada do *crossdresser* criticada posteriormente por Laerte não há mais privacidade ao não precisa se expor? Talvez ambas as posições (“dentro” e “fora” do armário) sejam de liberdades restritas.

É importante destacar que, na descrição e análise das entrevistas orientada principalmente pelas questões de gênero e sexualidade, optei por não “misturar” as entrevistas por tema – quais trataram de *crossdresser* e juntá-las, por exemplo – era uma possibilidade metodológica, mas optei por analisar cada entrevista dentro de uma “linha cronológica” por achar que ela daria conta de uma forma mais eficaz do processo vivido por Laerte na sua experiência, das mudanças ao longo do tempo em seus “discursos”, e também por cada entrevista ter a sua especificidade (jornal/revista), seu tipo de abordagem e interesse.

Dessa forma, resolvi trazer para este diálogo diferentes tipos de entrevista: seja na forma, tamanho, tipos de perguntas e abordagens (quem entrevistou?), etc. Entretanto, a análise acaba “trazendo para o presente” todas as entrevistas, que estão sendo lidas agora e em

⁶⁵ Esta problemática se assemelha àquela abordada por E. Sedwick (2007) ao utilizar a metáfora do armário e mostrar as implicações das dicotomias associadas a ele: dentro/fora, se assumir ou não, mostrando que ao optar por um dos polos não estamos rompendo com o “armário”, ou seja, com a ordem social vigente.

relação umas com as outras, as mais antigas estão sendo relidas a partir do que foi dito nas últimas, e claro, isso tem consequências para o diálogo que pretendo empreender, que leva em consideração o contexto social e histórico onde estas entrevistas se inserem.

3.1 “Tenho vergonha de quase tudo que desenhei”⁶⁶

Este é o título da primeira entrevista de Laerte falando abertamente sobre o assunto da transgeneridade⁶⁷, em Setembro de 2010, início desse pronunciamento público, que despertou curiosidade (depois da entrevista à Bravo, Laerte concedeu pelo menos mais três entrevistas para jornais e revistas de grande circulação, nos meses posteriores daquele ano) e nos dois anos seguintes seguiu concedendo entrevistas, principalmente para a televisão e rádio e para demais revistas e jornais (2011, 2012, 2013 e 2014).

Dessa forma, há uma mudança desde este primeiro momento em 2010, para o contexto atual em 2014, onde já há um acumulado de entrevistas com o cartunista abordando, entre outros assuntos, principalmente a questão do *crossdressing*, travestismo e/ou transgeneridade e grande parte do público com acesso a esses meios de comunicação, já leu, viu ou escutou Laerte falar desses assuntos, vestido com roupas e acessórios femininos.

Além disso, há diferenças com relação aos tipos de entrevistas: algumas são mais curtas e diretas, outras bem mais extensas, outras têm foco na produção de fotografias e imagens, etc. A primeira entrevista analisada aqui é mais pontual, mais focada em sua obra como cartunista e só mais para o final da conversa o entrevistador da Bravo questiona o fato de Laerte estar vestindo alguns adereços femininos, fazendo relação entre ele e uma personagem de seu livro *Muchacha* (2010), lançado naquele ano.

De alguma forma, essa diferença é significativa com relação à mudança de status ou visibilidade que Laerte alcançou posteriormente. Se em determinado contexto ele já era reconhecido como cartunista e indagado numa revista de perfil cultural (focada nas diferentes artes) em 2014 ele já é uma espécie de “personagem” icônico vinculado à transgeneridade, que passa a interessar ou a despertar a curiosidade de um público mais amplo, nem sempre necessariamente interessado em toda sua extensa e reconhecida obra como cartunista (e em suas antigas personagens), mas curiosa por saber mais sobre Laerte e suas “excêntricas”

⁶⁶ Entrevista concedida a Armando Antenore (2010).

⁶⁷ Em minhas pesquisas, encontrei uma entrevista com Laerte na TV (MTV) onde aparece com vestimentas femininas e aborda brevemente a questão, antes de ser publicada a revista (um mês antes), mas como a entrevista da Bravo tem sido referida como a primeira e foi a que obteve mais visibilidade, é ela que nos servirá de referência também.

aparições, ou sobre sua personagem, a Muriel, se tornando uma espécie de “ídolo” de pessoas vinculadas às questões LGBTQI ou aos direitos humanos de modo geral, sendo criticado por setores conservadores da sociedade.

Na entrevista concedida a revista Bravo, há uma imagem de Laerte, sem maquiagem, com cabelo em corte Chanel, unhas pintadas próximas ao rosto e brincos, uma imagem bem discreta e diferente da atualmente divulgada. Na capa, como um dos destaques da edição há uma foto pequena e similar àquela com a chamada “Quadrinhos: o feminino e masculino na vida e na obra de Laerte”. A matéria começa com um pequeno texto introdutório, relatando que Laerte havia chegado atrasado ao encontro com o jornalista, que estava vestido de mulher e “esclareceu o motivo do visual peculiar: desde 2009, como resultado de uma profunda crise, mantém o hábito de se vestir de mulher, total ou parcialmente” questão semelhante ao personagem Djalma (*gay* e ator, nas palavras da revista) que protagonizava espetáculos como uma transexual cubana, da HQ intitulada *Muchacha* (2010) lançada naquele ano, como destaca a revista.

Laerte afirma que não costuma se atrasar para seus compromissos e que isso se deu provavelmente pelo fato de não querer dar entrevista, por estar passando por uma fase complicada de sua vida, tanto pessoalmente como profissionalmente. Afirma a frase que dá título à entrevista, o que espanta o entrevistador, que elogia sua obra. Laerte afirma que não queria seguir fazendo a mesma coisa, desenhando os mesmos personagens, que queria se reinventar. As mudanças nas suas tiras foram percebidas e criticadas e ele perdeu o posto em alguns jornais. Já mais para o final da entrevista surge a questão que relaciona seu livro *Muchacha* (2010), e a personagem Djalma, com sua própria aparência (utilização de vestuário e acessórios femininos).

Não tenho conhecimento se o entrevistador já sabia desse hábito e preferência de Laerte ou não, se foi pego de surpresa, o fato é que ele pergunta isso mais para o final da entrevista, mas é este tema que se tornará mais importante, que será lembrado posteriormente (referido em outras entrevistas) e que se torna destaque na própria revista (capa). Esta questão já estará dada para os futuros entrevistadores de Laerte. Outro aspecto interessante e que merece ser destacado, pois torna essa entrevista uma fase de transição da relação de Laerte com a mídia é o fato de ele afirmar que não queria dar entrevista, que não queria falar sobre a sua obra naquele contexto, mas logo depois passa a conceder diversas entrevistas, para diversos meios e canais de comunicação, em geral, e no princípio, falando sobre a questão da transgeneridade, tema que desperta muito interesse e é algo recente na vida da cartunista.

Dessa forma não deixa de ser curioso o fato de que Laerte, nesta época, não queria dar entrevista, estar em crise pessoal, com o que acontecerá logo depois, quando se tornará um tipo ícone “do movimento trans” se é que dá pra chamar assim, e passará a dar inúmeras entrevistas (ter uma agenda muito cheia, como dirão seus futuros entrevistadores), além disso, depois dessa visibilidade e notoriedade alcançada, obra comentada e elogiada, ele voltará a publicar em jornais que antes lhe haviam dispensado⁶⁸. Nesta entrevista à revista Bravo, o jornalista faz três perguntas relacionadas diretamente à temática de gênero/sexualidade, resumidamente: pergunta se Laerte aprecia o guarda-roupa feminino tal qual seu personagem Djalma (tendo em vista seu cabelo, unhas e roupas). Depois, “o que ele sente ao se travestir”? e por fim pergunta se há alguma relação entre sua crise, os novos hábitos e a morte de seu filho Diogo, anos antes (pergunta que vai se tornar recorrente em outras entrevistas).

Posso dizer, grosso modo, que ao final da entrevista, depois de abordar outros assuntos e falar sobre a obra do cartunista, tentando encontrar uma forma de abordar tal questão “delicada” o jornalista inicia uma aproximação, comparando uma personagem da obra do artista com sua própria aparência/vida. Logo depois questiona o sentimento de Laerte ao utilizar as roupas consideradas femininas e depois indaga sobre a morte do filho, como se procurando causas e explicações possíveis para aquela situação presenciada, para aquela experiência da cartunista.

Bravo: Recém-lançada, a coletânea *Muchacha* leva o nome da cantora e dançarina que o ator gay Djalma interpreta na trama. Ele se traveste. Você, à semelhança de Djalma, está usando brincos e um corte de cabelo bem femininos. Também aprecia o guarda-roupa das mulheres?

Laerte: Também. É uma descoberta nova, uma predileção que se insinua há séculos, mas que se manifestou com todas as letras apenas em 2009. Cinco anos antes, um dos meus personagens, o Hugo (veja acima), decidiu "se montar". Não sei exatamente por quê. Só sei que, de uma hora para outra, arranjou vestido, batom, salto alto e se jogou no mundo. Desde que nasceu, o Hugo se porta como um alter ego do Laerte. Ele costuma assumir nos quadrinhos grilos e desejos que se confundem com os meus. O fato de imitar o visual das mulheres certamente denunciava algo sobre mim - sobre ambições que eu me negava a explorar às claras. Foi quando recebi o e-mail de uma arquiteta, fã do Hugo. Quer dizer: de um arquiteto que abraçou a identidade feminina. O sujeito me perguntava se ouvira falar dos crossdressers, pessoas que gostam de botar roupas ou adereços do sexo oposto. Na época, não dei muita bola. Mas em 2009, por causa do aguçamento de minhas neuras existenciais, procurei um clube de crossdressers, frequentei reuniões organizadas pelo grupo e li a respeito do assunto. Depois, lentamente, agreguei enfeites femininos à indumentária masculina - brincos, colares, unhas pintadas. Hoje, dependendo da ocasião, me visto como mulher dos pés à cabeça, mesmo em lugares públicos, onde acabo passando despercebido. Outras vezes, ponho somente uma bijuteria, um esmalte. De início, meus filhos, minha namorada e meus amigos

⁶⁸ Como no caso do jornal gaúcho Zero Hora, que o readmitiu em 2013, esta questão também é abordada na referida entrevista, quando cita os jornais que lhe haviam dispensado na época.

chiamam. Agora, já se acostumaram. Ou quase. (*risos*) (ANTENORE, 2010, grifos meus).

As respostas de Laerte à questão são muito interessantes e algumas elaborações serão recorrentes a partir dali, como o fato de já ter vontade de fazer isso há muito tempo, a questão da sua personagem Hugo, uma espécie de alter-ego seu, ter se travestido nas tirinhas, um fã “que abraçou a identidade feminina” ter falado para ele sobre *crossdresser* e ele ter ido conhecer, passou a frequentar o clube e se informar sobre o assunto. O fato de ter começado “a montagem” aos poucos, primeiro mesclando indumentária considerada masculina com a feminina, acessórios, até se vestir totalmente de mulher, pintar as unhas e sair em público. Ele também fala do “estranhamento” e da “aceitação” que ocorria naquele momento por parte dos filhos e da namorada. Ao se referir ao fã *crossdresser* ele enfatiza a questão da identidade feminina que foi adotada (abraçada), ou seja, compreendida como escolha e algo não necessariamente vinculada a sexualidade, numa perspectiva que podemos considerar construcionista social/cultural.

A primeira palavra que emerge aqui para se referir a sua experimentação de gênero é a categoria *crossdresser*, que é explicada de maneira mais geral, e pelo próprio Laerte, como pessoas que gostam de se vestir com roupas do considerado sexo oposto e mais frequentemente como homens que gostam de se vestir de mulher, mas que nos parece ser mais complexo que isso. Entretanto, esta categoria não será problematizada extensamente aqui porque o próprio Laerte abandonará este termo e o próprio clube tempos depois. A crítica ao termo e ao grupo será abordada em outras entrevistas de Laerte, onde afirma que aquela fase de frequentar o clube, se “montar” de forma privada em um ambiente de classe média, passou porque não fazia mais sentido, a partir daí se expõe publicamente e passa então a utilizar as categorias transgênero e travesti, como uma forma de posição política⁶⁹.

É interessante perceber que Laerte utiliza a expressão “se montar” (isso também aparece em outras entrevistas) quando se refere ao processo de começar a se vestir, usar sapatos e acessórios femininos, adotar um novo corte de cabelo, se depilar, se maquiar, etc. tal qual ocorre no linguajar de alguns grupos de travestis e também de *Drag Queens*. Não deixa de ser relevante para pensarmos sua concepção de gênero, sexualidade e corpo. Em outros contextos ele fala de si como “travestido”- depois se corrige e fala vestido de mulher - suas ações e práticas não parecem ser apenas uma mera imitação de um gênero, mas também não é uma paródia (LOURO, 2009, p. 138), já que não há uma representação exagerada ou

⁶⁹ Ver a respeito, entre outras, na entrevista a Revista Piauí (SILVA, 2013).

hipersexualizada ou reprodutora de uma determinada aparência/comportamento⁷⁰. Parece ser mais uma aproximação do feminino, uma performatização de algo que é arbitrário, uma leitura, um diálogo com um tipo específico de feminilidade, que se vincula às questões geracionais também (uma viagem ao planeta “desconhecido” das mulheres e/ou do universo feminino mais próximo dele).

Estas mudanças nos termos e categorias utilizadas para se narrar, se apresentar e constituir uma “identidade” (ou tentar escapar desta classificação) ao longo do processo por parte de Laerte parecem não mostrar, necessariamente, o fim da “identidade” neste contexto (como alguns sugerem com relação à questão do pós-identitário ou pós-gênero), mas demonstram a instabilidade, provisoriedade e/ou insuficiência desta categoria. Durante sua experimentação, Laerte vai utilizando termos que depois, ao não servirem mais, são descartados ou criticados, na medida em que não dão conta do que ele “é” ou faz, talvez porque isso não exista.

Seu processo parece ser mais vinculado a práticas do que aparentes “essências” que expressam o que se é. Por mais que Laerte invista em estratégias de adiamento (de classificação), acaba, por insistência da mídia (e talvez até mesmo por uma questão pessoal, vinculadas a suas relações sociais) tendo que dizer o que ele é, ou pelo menos o que ele não é. “É *crossdresser*? não é mais, então o que é? Travesti? mas não parece ser bem isso, ah, é transgênero? mas o que é isso?” Demonstrando como é difícil escapar do “dispositivo” da identidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 101), pois na tentativa de nos afastarmos, acabamos fazendo isso em relação à identidade, tomando-a como referência, nem que seja por meio de uma “não identidade” ou por uma que se constitua na sua negativa “não é homem e nem mulher – é algo que passa no meio, no interdito, no entredito, ser no limbo” (Ibidem, p. 112)⁷¹.

Assim percebemos que esse processo de experimentação é lento e gradual. Iniciou com a personagem Hugo se travestindo de Muriel, o contato com uma fã *crossdresser*, a ida

⁷⁰ É interessante retomar a cena inicial da dissertação, quando comparam Laerte a uma “tia velha” em relação à outra cena, quando Fernando Seffner participou do Congresso Brasileiro sobre Prevenção das DST e AIDS em 2012, no qual Laerte esteve presente como palestrante convidado, lá presenciou e ouviu comentários “maldosos” de algumas travesti e transexuais sobre a aparência e o modo de se vestir de Laerte, que segundo elas não combinava e “não tinha nada a ver, estava errado”. O modo de Laerte de se vestir vai se modificando ao longo do processo, sendo tema até de perguntas e entrevistas, onde afirma estar se conhecendo, vendo o que fica bem e construindo seu guarda-roupas feminino, contando com assessoria das mulheres com quem se relaciona. O “gosto” de Laerte me parece ser coerente com suas outras dimensões: de classe, raça/etnia, geração, nível cultural, ambientes que frequenta, etc. que o constituem (seu estilo de vida) e que provavelmente o diferencia esteticamente da maioria das travestis presentes no evento, por exemplo.

⁷¹ Esta citação faz referência a uma discussão sobre identidade feita pelo autor, lançando mão, dentre outros, do caso “da hermafrodita” Herculine Barbin/Alexina apresentado e discutido por Michel Foucault (1983).

ao grupo, conhecer, pesquisar e passar a experimentar as roupas e adereços atribuídos ao feminino aos poucos, até se expor publicamente através da entrevista a uma revista, um processo de anos, mas que não está encerrado, muito pelo contrário, como é perceptível no restante da entrevista. No que tange a terceira pergunta, Laerte explica que a crise provocada pela morte do filho não se relaciona a sua experimentação do universo feminino, que era uma questão anterior, mas que acabou sendo retardada pelo trágico acontecimento.

A resposta à segunda questão é muito instigante e não nos parece ser algo que será reiterado dessa forma nas entrevistas mais recentes. Ela expressa uma ideia de experiência em processo, de improvisação, de experimentação cultural radical e talvez provisória/instável, e por isso, vale ser transcrita aqui.

Bravo: O que você sente quando se traveste?

Laerte: Um prazer indescritível, que nunca cogitei sentir. Recorrendo à prática, não planejo mudar de gênero definitivamente nem colocar em xeque a minha bissexualidade. O *crossdressing*, no meu caso, se refere menos à atividade sexual e mais à transposição de limites. É uma necessidade imperiosa de perscrutar e vivenciar os códigos femininos. Há ocidentais que se deleitam em investigar o Oriente. Experimentam comidas exóticas, fazem ioga, visitam a China. Da mesma maneira, por que um homem não pode empreender uma viagem radical pelo planeta insondável das mulheres? (ANTENORE, 2010, grifo nosso).

A experiência de se vestir de mulher, de vivenciar o gênero feminino é equiparada a uma viagem a terra estrangeira, a outro planeta. Ele assim explicita as diferenças atribuídas às experiências de ser homem e mulher na nossa sociedade, que de tão grandes, parecem pertencer a mundos distintos (a diferença corporal que passa a conceber dois opostos e incomensuráveis, como vimos com Laqueur, mas que nem sempre foi assim...). Ele reitera que não pretende “mudar de gênero definitivamente” e nem abandonar a bissexualidade. Laerte, aqui anuncia que não se enquadrará facilmente em nenhuma dicotomia presente nos binômios hegemônicos: homossexual ou heterossexual, feminino e masculino, homem ou mulher, antes e depois... que ter vontade de se vestir de mulher e vivenciar o “gênero” feminino não necessariamente significa mudança de orientação sexual ou do objeto de seu desejo ou mesmo de “gênero” definitivamente (mostrando que este termo não é estável, e sim maleável por ser uma construção social/cultural). Mas isso poder ser interpretado também de outra forma, ao falar de “planeta das mulheres” ele parece reificar a diferença entre os gêneros/sexos⁷².

⁷² Ademais, se pode questionar o fato dele afirmar que não abre mão de sua bissexualidade, de mencionar o fato de ter uma namorada, o que pode lhe garantir certa masculinidade/heterossexualidade.

Laerte em sua resposta deixa bem claro a diferença entre gênero e sexualidade, entre identidade de gênero e identidade sexual e orientação sexual e se referindo ao “travestismo” como uma prática e não uma identidade, vinculada a uma vontade urgente mais relacionada a ultrapassar “limites” (regras/normas – e portando ação política e de resistência) do que uma questão de sexualidade. Também deslocando de forma criativa a questão da identidade associada a gênero e sexualidade, ou identidade de gênero e orientação sexual (mas mantendo em parte a dicotomia homem x mulher, ocidente x oriente) ao mesmo tempo em que sugere que as subjetividades se constituem de ambos os polos. Podemos dizer que sua posição é claramente não essencialista, uma possibilidade de tentar escapar das posições estanques e dos argumentos e respostas hegemônicas (baseadas na biologia e na “natureza”) que ligam sexo/gênero e orientação sexual, como a ordem natural? Ou parece que ele reifica o essencialismo pelo menos em parte?

Outra subversão importante proposta por Laerte especialmente aqui neste contexto, a partir do deslocamento exposto acima, é contrariar a heteronormatividade e assim contribuir nas propostas de elaboração de novas formas de vida:

A estética da existência recusa o assujeitamento aos modelos de corpos e identidades socialmente impostos e é necessário perceber que identidades hegemônicas e marginais não se opõem, antes constituem uma relação de interdependência. Não há heterossexualidade sem homossexualidade. A adesão a uma definição nesses dois pólos aprisiona os indivíduos no mesmo jogo de poder. Apenas a transgressão do dispositivo de sexualidade vigente aponta para a constituição de algo diverso (MISKOLCI, 2006, p. 690).

Neste primeiro momento de seu processo, Laerte parece recusar as categorias de heterossexual ou homossexual, na verdade ele tenta se afastar do âmbito da sexualidade, das perguntas e concepções que ligam gênero, modo de se vestir e se comportar com interesses sexuais, escolha do objeto de desejo, compreendendo, talvez, que estas classificações são formas de aprisionamento das experiências e possibilidades diversas, (tal qual ocorre com as normas de gênero) que contrariar isso permite transformações na sua vida e na sociedade, mudanças, construção de algo diferenciado, tal qual a proposta da estética da existência. Embora se saiba das limitações da questão da resistência, já que a margem é o exterior constitutivo do centro e que a resistência é parte dos jogos de poder, não é algo externo (Foucault, 1997). Mas é possível separar de forma tão radical o gênero e a sexualidade? Por que será que Laerte enfatiza tanto este aspecto (pelo menos no início do processo)?

Entretanto, ao propor demonstrar algumas afinidades e tensões entre a obra de Foucault e a teoria *queer*, Miskolci (2009) afirma é que na “intersecção entre subjetividade e

norma social, ou seja, entre o desejo e o que é socialmente qualificado de abjeto que repousa a principal afinidade e tensão” (Ibidem, p. 325) segundo ele a proposta *queer* foca o desejo e sua possibilidade criativa, que não apenas resiste ou reage as relações de poder do qual faz parte, como uma leitura literal do filósofo francês poderia fazer crer, mas sim pode modificar, romper e deslocar as normas, combater o “adversário estratégico” – “o fascismo que está em todos nós, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa coisa que nos domina e nos explora” (FOUCAULT, 1997 apud MISKOLCI, 2009, p. 337). Será que poderemos afirmar que a experimentação de Laerte é “só resistência” (o que já é algo importante) ou algo que consegue romper e modificar normas?

Laerte explicita que sua experiência está em processo, em devir, essa vivência não significa que chegará a um dos polos socialmente desejados, necessariamente, é mais um *estar* do que um *ser* (mais uma prática do que uma identidade, algo similar às transformações históricas e a emergência dos dispositivos e categorias, como o homossexual, mostrados por Foucault). Este aspecto de seu “discurso” é o que objetivei enfatizar para refletir sobre as possibilidades de experimentação, de vida alternativa, que se abrem com estas entrevistas (entre outros/em conjunto com outros artefatos) para conformar outras pedagogias de gênero e sexualidade, outras formas de vida, outras relações éticas e políticas, ou seja, relações consigo mesmo, e com as formas de conduzir a sua vida e as relações públicas/com os outros (GALLO, 2009).

Ao ler esta entrevista, com este questionamento das fronteiras de gênero e normas sexuais, é possível ao leitor vislumbrar outros modos de vida possíveis? Será que pensa que se trata de um caso único e isolado, uma experiência maluca de um artista excêntrico? Ou algo que pode abrir brechas, abrir caminhos para tentar romper com as dicotomias e fronteiras rígidas de sexo, corpo e gênero, possibilidades de habitar, pelo menos provisoriamente a margem, a fronteira, como nos chama a atenção os estudos *queer*? (LOURO, 2004) Uma proposta de construção da vida como obra de arte?

É interessante que este aspecto de processo que Laerte defende, de experimentação não definitiva vai em parte se perdendo ao longo do tempo e do processo, na medida em que ele parece (e afirma) se afastar cada vez mais do gênero masculino (abandono das roupas e do gênero) em direção ao feminino e repensando também as questões referentes à sexualidade. Estas diferenças são insistentemente provocas e abordadas pela imprensa, que nota as mudanças.

Isso evidencia o caráter dinâmico do processo, as transformações na experimentação, as tensões enfrentadas pelo sujeito com relação a sua experiência ética, estética e política, mas

também, de alguma forma, revelam (ou podem apontar) para algumas capturas das práticas e políticas *queer* que “rapidamente” são contornadas, adaptadas, domesticadas, adaptadas as lógicas dicotômicas, e heteronormativas na medida em que passam a ser lidas e compreendidas sobre esta ótica/lógica, assim são apresentadas e muitas vezes se deixam apresentar ou reproduzem isso “mesmo sem querer”.

3.2 Emergência do estudos *queer*

Diversos autores tem se dedicado a contextualizar a emergência dos estudos e das políticas *queer* como Guacira Louro (2004, 2009) e Richard Miskolci (2009, 2012). De modo geral e resumido, é possível afirmar que seu início remete aos anos de 1980, no contexto norte-americano, vinculado a um conjunto de crises vividas pelas concepções liberacionistas e identitárias dos movimentos sociais e o surgimento da epidemia da AIDS e suas consequências sociais e políticas. Do ponto de vista teórico, estes autores sustentam que os estudos *queer* se conformaram a partir do encontro entre diferentes vertentes teóricas: estudos culturais (estudos subalternos), pós-estruturalismo francês, feminismo da terceira onda (pós-coloniais) e os estudos gays e lésbicos.

Entre as obras inaugurais e principais, destacam-se: *Problemas de gênero* de Judith Butler (1990) e *Between men* (1985) de Eve Sedgwick, sendo a nomenclatura cunhada em 1991 por Teresa de Lauretis numa conferência que foi publicada na revista *Differences*. Estas obras trouxeram à tona conceitos importantes como o conceito de performatividade de gênero, o contexto social de surgimento da misoginia e homofobia (interdependentes/relacionais) e o início do questionamento da heterossexualidade (binômio heterossexual/homossexual) a partir das propostas da heterossexualidade compulsória de Adrienne Rich e da heterossexualidade obrigatória discutida por Gayle Rubin que contribuíram para o surgimento do conceito-chave de heteronormatividade de Michael Warner (1991).

Este conceito pode ser resumido como um sistema que naturaliza a heterossexualidade, a partir de uma organização social, relacional e psicológica que pressupõe que todos são ou deveriam ser heterossexuais operando como um sistema opressor e que homogeniza, implicando na percepção de que não haveria possibilidades outras fora desta lógica. Outras obras importantes e que serviram de base/inspiração para teoria *queer* são: *A história da sexualidade*, de Michel Foucault (1997) e *a Gramatologia*, de Jacques Derrida (2008). Como precursores desta discussão, Miskolci também destaca Néstor Perlonguer, na América Latina e Guy Hocquenghem, na Europa.

A partir das discussões possibilitadas pela noção de heteronormatividade e da própria história do termo *queer* - e sua vinculação com a estigmatização e a experiência da vergonha, injúria e que é ressignificado por estes grupos *queer*, reapropriado de forma positiva - um dos objetos de estudo principais que se destacam nesta perspectiva é a ideia de abjeção (fobia do inominável), de corpos abjetos, a partir das concepções de Julia Kristeva (1982). A teoria *queer* toma esta concepção para falar daquele que vive além da norma e das fronteiras do definível e do indefinível. J. Butler (2000) dá prosseguimento a esta discussão quando estende esta noção para falar de todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas e cuja materialidade não é importante e também com a discussão sobre vida precária (BUTLER, 2001) e sua preocupação sobre que constitui a nossa humanidade.

Richard Miskolci destaca *queer* como uma nova política de gênero, conforme a proposta de Judith Butler, que “se materializa no questionamento das demandas feitas a partir dos sujeitos; em outras palavras, chama a atenção para as normas que os criam” (MISKOLCI, 2012, p. 27). Assim, esta perspectiva estaria associada a uma política crítica aos regimes de normalização na perspectiva da diferença, com uma concepção do regime de verdade mais preocupada com a constituição da normalidade e da anormalidade e com um entendimento de poder diferenciado (disciplinar/controlado) se distanciando da perspectiva da diversidade e da defesa da homossexualidade, que por sua vez, tem uma concepção de poder como repressor e com enfoque no binário hetero-homo, que estaria mais associada às políticas identitárias “pró-homossexualidade” (Ibidem, 2012).

Mas como essa discussão contribui para analisarmos Laerte? De que forma as questões trazidas pelos estudos *queer* se relacionam a este objeto de estudo? De diversas formas, para começar a proposta política e teórica *queer* objetiva contestar as normas sociais vigentes em nossa sociedade relativas aos padrões de gênero, sexo e sexualidade, que definem as formas consideradas “naturais e normais” de existência. Estas normas indicam que as “únicas” possibilidades de vida são as daqueles indivíduos que se enquadram em papéis e identidades pré-estabelecidas, aqueles que são “homem” ou “mulher” e que correspondem ao que se espera seguindo a lógica: sexo, identidade de gênero e desejo sexual. Assim, parece que Laerte mescla as duas perspectivas (diversidade – igualdade/diferença).

Desta forma, a experiência ética, estética e política de Laerte pode ser compreendida; como argumento ao tentar multiplicar os sentidos da primeira entrevista dada por Laerte, como uma proposta mais interessada em contestar estas normas, as identidades restritas, as dicotomias e a heteronormatividade, na medida em que questiona os modos estabelecidos e as diferenças entre masculinidade e feminilidade como construções culturais, como verdadeiros

“tabus”. Além de sua vivência, a obra de Laerte como cartunista também busca dar visibilidade a essas questões, problematizando e criticando esses valores e normas, apresentando e celebrando outras formas de vida e outras maneiras de se expressar no que diz respeito ao seu corpo, a gênero e sexualidade, que acabam borrando as fronteiras classificatórias e constituindo atravessamentos entre estas normas e identidades fixas ou mesmo tentando implodir estes binarismos.

Tais ações evidenciam que estas normas são fluidas, transitórias, históricas, sociais, culturais, e, portanto, passíveis de modificação; essas ações podem e têm promovido intensos debates, gerando muitas polêmicas. A problematização acerca da importância dada às definições de sexo e gênero (ser homem ou mulher – feminino/masculino), juntamente com os posicionamentos “na fronteira”, ambíguos ou múltiplos (“travesti”, “*crossdresser*”, “transgênero”), têm marcado o “discurso” e as atitudes de Laerte que são de grande interesse por parte da imprensa, alcançando bastante visibilidade.

Em segundo lugar, parece que este objeto de estudo guarda estrita vinculação com as concepções de abjeção, tendo em vista que se refere à experiência de um sujeito em relação a gênero e sexualidade, que “escapa” das classificações hegemônicas e que perturba o sistema heteronormativo. Desta forma, ao não seguir a “norma”, se torna “anormal” e por isso pode ser pensado à luz desta discussão. Entretanto, não é fácil afirmar que Laerte é abjeto, na medida em que ele não é invisibilizado e nem excluído de todos os contextos, não é “invalidado” (ou desconsiderado) pela maioria da sociedade, já que possui algum reconhecimento, entretanto, ao demarcar a fronteira/“margem” também se constitui como abjeto.

Assim, pode-se pensar que há outras marcas/sinais que tornam ou podem tornar alguém abjeto ou não, que podem precarizar sua vida? Que podem minimizar sua abjeção? Laerte “era”, até então, um homem “hétero” (depois bissexual), branco, de classe média, casado, paulistano, pai de família e artista reconhecido profissionalmente e aparentemente esta “bagagem”/posição, lhe permitiu certas coisas impossíveis ou improváveis para outras pessoas “comuns”. E ele é consciente disso (como vai falar em outras entrevistas), e é também por isso que ele politiza sua ação buscando dar visibilidade para o tema auxiliando (e se associando, constituindo redes de amizade) com outros transgêneros, fundando a ABRAT, desenhando a Muriel, se denominando travesti.

Não restam dúvidas de que há pessoas que o abominam/desconsideram, mas nas relações de poder vigentes não se encontram em posição de excluí-lo, negá-lo, exterminá-lo. Mas existem outras formas de lidar com este “problema”. Se não se pode apagá-lo, talvez seja

“melhor” dar visibilidade, por em discurso, examinar para tentar entender, enquadrar, classificar, nominar e explicar. Tornando-o “nominável e inteligível”, o que de alguma forma, se por um lado lhe dá visibilidade, por outro podemos pensar que diminui seu potencial ofensivo, disruptivo, subversivo, sua resistência e potência. Enquadrá-lo é, em parte, fazer deixá-lo de ser *queer* (esquisito, perturbador, problemático...), domesticá-lo e assimilá-lo. Ao invés de não falar, proibir, ou reprimir, se pode colocar em discurso e normatizar. Assim, quem sabe, ele deixará de ser perigoso e estranho. Também assim visibilizado e enquadrado, de uma determinada forma, ele se torna um caso único, um sujeito “estranho”, mas não se discute as diferentes práticas que se realizam por diferentes sujeitos (inclusive Laerte).

Há ainda outras formas de se lidar com corpos abjetos, estranhos e perturbadores, como no caso de Laerte, como por exemplo: o extermínio, a classificação, desqualificação por meio da precarização de sua humanidade, deslegitimá-lo ao classificá-lo como louco. Dessa forma, percebo que nas distintas entrevistas, diferentes possibilidades de “apresentar” Laerte são possíveis. Se por um lado há uma “pretensa/presumível” aceitação (e despertar de curiosidade) por Laerte também se lida com o temor e a rejeição (novamente como no caso do banheiro e as críticas na “internet”).

Então, a partir disso, se pode dizer que há um jogo relacional entre aceitação e abjeção, entre fascínio e desprezo. Onde se recorrem a “valores morais” que fazem valer a linha da abjeção: entre quem é aceito socialmente e quem não é, quem é humilhado e desprezado e entre quem é respeitado. A partir deste “caso” parece que se pode pensar que esta linha que separa não é tão forte, ela é mais tênue, há relações e interações, é possível, às vezes, andar dos dois lados, cruzar as fronteiras, dependendo do contexto.

3.3 História do termo *queer*

Guacira Louro (2012), ao abordar as contribuições da teoria e da política *queer* para a construção de uma política pós-identitária, traça um pouco da história dos movimentos LGBT e das políticas identitárias, passando pela sua inicial saída do armário nos anos 1970 (com contestação e irreverência, com luta e subversão⁷³), de sua reconfiguração nos anos 1980 com o advento dramático da AIDS e seus efeitos negativos e positivos para os movimentos identitários, pânico moral como destaca Miskolci (2008, 2012), a ênfase na luta por direitos e

⁷³ A autora cita que no contexto brasileiro, surgem nos anos 70, artistas como Ney Matogrosso e o grupo Dzi Croquetes que inspirados no que havia de mais questionador no movimento internacional, trouxeram para o Brasil performances que misturavam o masculino e feminino, tendo importante impacto nas políticas sexuais do país. Esta perspectiva se aproxima das estratégias de “genderfuck” citadas por Eve Sedgwick (2007) ao falar da aposta de músicos pop em performances andróginas, como por exemplo, David Bowie.

igualdade, por integração e aceitação na sociedade - luta importante, mas não suficiente - e a perda de certa transgressão, que provocou uma crise.

Louro também demonstra seus limites e as críticas que se insurgiram contra elas dentro do próprio movimento a partir daqueles que eram novamente excluídas a partir da definição e delimitação de novas normas (bissexuais, travestis, transexuais, sadomasoquistas...), de uma normalização binária com base na heteronormatividade que se perpetua também com relação às chamadas “minorias sexuais”. A autora também traz algumas das condições de emergência que possibilitaram que estes novos sujeitos e práticas *queer* surgissem. Sobre as mudanças dentro do próprio movimento a autora ressalta que:

Em termos globais, multiplicam-se os seus movimentos e seus propósitos: alguns grupos homossexuais permanecem lutando por reconhecimento e por legitimação, buscando sua inclusão, em termos igualitários, ao conjunto da sociedade; outros estão preocupados em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, pondo em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual; e ainda outros não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira. A nova dinâmica dos movimentos sexuais e de gênero provoca mudanças nas teorias e, ao mesmo tempo, é alimentado por elas (LOURO, 2004, p. 37).

A partir destas questões a autora apresenta o que seria o *queer* e sua política pós-identitária se apoiando em autores como Judith Butler e Steven Seidman. *Queer* é um insulto, um termo pejorativo utilizado contra homossexuais, que significa também estranho, raro, ridículo, excêntrico. Toda vez que este termo é repetido como insulto ele traz consigo uma história que ecoa e reitera a homofobia, a discriminação e abjeção contra aqueles a quem se dirige. Este mesmo termo é adotado pelos grupos discriminados para demarcar sua posição de “oposição e contestação”. Desta forma *queer* “significa colocar-se contra a normalização”, criticar a heteronormatividade compulsória, representa a diferença que não quer se integrar ou que não deseja ser tolerada, desta forma, sua ação “é muito mais transgressiva e perturbadora”. (Ibidem, p. 38-39).

A partir de autores como Butler (2001), Preciado (2009, 2011), Louro (2007) e Miskolci (2010) compreendo *queer* como uma posição política que contesta as normas regulatórias do sexo, que afronta as normas de gênero e sexualidade, e não como uma identidade fixa e estável. “O *queer*, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha de abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo”. (MISKOLCI, 2012, p. 25)

A discussão a respeito das políticas identitárias *versus* as políticas pós-identitárias no contexto brasileiro é embasada, por sua vez, em autores como Miguel Valle de Almeida (2009), Richard Miskolci (2010) e também Louro, acima citada, que abordam as disputas e tensões entre estas duas posições políticas e teóricas, entre estes sujeitos, os “estabelecidos” e os “outsiders”, os que priorizam a identidade como uma estratégia política importante e necessária e aqueles que questionam essas escolhas, optando por novas formas de luta, chamadas de *queer*.

Tais autores destacam a importância de se estudar a história dos movimentos identitários (LGBT, Feminismo...) e o contexto onde se estabelecem as políticas e abordam também a discussão sobre os efeitos da adoção de uma perspectiva ou outra, os limites e as possibilidades de cada uma das vertentes, suas diferenças e também suas possibilidades de conciliação. Cada um destes autores defende uma posição, e é difícil mesmo refletir sobre os efeitos que uma política pós-identitária que não é ancorada em um sujeito específico (a mulher, os gays, etc.) pode repercutir nos movimentos sociais, desmobiliza ou não? Que políticas podem ser feitas a partir daí? De qualquer forma este ainda é um ponto central nas discussões contemporâneas e também é muito importante nesta pesquisa.

O conceito de gênero que embasa esta pesquisa, como já largamente discutido em outro capítulo, é aquele que entende gênero como algo que vem antes do sexo (não há corpo natural-pré-discursivo), como algo que possibilita a condição de se tornar sujeito, inteligível no mundo social, algo que é performativo, que se conforma pela reiteração e citacionalidade da linguagem que conforma os corpos (Butler, 2001).

Um dos aspectos que me parecem vincular a proposta ética, estética e política de Laerte às políticas *queer* é a questão do insulto, da experiência da vergonha, da abjeção. Sobre isso, Miskolci afirma que:

[...] a experiência da vergonha – Ser chamado de sapatão, bicha, travesti, degenerado... é a experiência fundadora da descoberta da homossexualidade ou do que a nossa sociedade ainda atribui a ela, o espaço da humilhação e do sofrimento. Transformar esta experiência em força política de resistência é o objetivo da proposta original queer (MISKOLCI, 2010, p. 11).

Desta forma, segundo este autor, a política *queer* não prega a divisão (com relação a perspectiva identitária), mas antes é um chamado unificador a experiência comum de gays, lésbicas, bi, trans, travesti e outr@s . Esta experiência seria definidora para a apropriação e o deslocamento semântico do insulto que ocorreu com o termo *queer* nos Estados Unidos dos anos 1980 que propiciou um engajamento para além das questões identitárias e categorias fixas, que acabam excluindo quem não se identifica ou não se enquadra nelas e permitiu

iluminar estas normas, forçando seus limites e abrindo novos caminhos, para quem sabe subverter as normas, para criar outros modos de vida, para implodir os gêneros e os armários.

A condição de subordinação, de humilhação, de vida precarizada, abjeta, menos humana é a condição de muitas mulheres (heterossexuais e lésbicas), de gays, de travestis, de transexuais, etc. A heteronormatização da vida social atinge a todos, com a produção de diferenças e desigualdades entre (e internas) os grupos de gays e lésbicas, e entre os transgêneros, como, por exemplo, quando Laerte critica as divisões entre travesti e *crossdresser*.

Seguindo a argumentação de autores como Miguel Valle de Almeida (2009), o papel de Laerte pode ser compreendido como de uma crítica cultural *queer* contundente e radical as normas de gênero e sexualidade, por meio de sua posição, da visibilidade midiática e sua obra como cartunista. Ao me referirmos as diferentes estratégias utilizadas por Laerte para tentar “escapar”, “driblar” ou “adiar” as classificações, me inspiro na sugestão de Butler:

De fato, pode ocorrer que tanto a política feminista quanto a política *queer* sejam mobilizadas precisamente através de práticas que enfatizem a desidentificação com aquelas normas regulatórias pelas quais a diferença sexual é materializada. Essas desidentificações coletivas podem facilitar uma recontextualização da questão de se saber quais corpos pesam e quais corpos ainda devem emergir como preocupações que possam ter um peso crítico (BUTLER, 2001, p. 156).

O termo *queer* que era utilizado para ofender os gays, lésbicas, transexuais, etc. (os estranhos, “viados”, “sapatão”...) e que passou a ser utilizado de forma positiva através de um discurso reverso (BUTLER, 2001), de forma positivada, ganhando espaço na militância política e na academia⁷⁴. Segundo a comentadora Sara Salih, a filósofa e teórica *queer* Judith Butler se embasa no conceito de performatividade do filósofo da linguagem J. L. Austin e o amplia (se apropria) para evidenciar este processo afirmando que “embora a linguagem seja performativa”, ela nem sempre é “bem-sucedida” este “fracasso” representa para Butler “a possibilidade radical de ressignificação do signo” (SALIH, 2012, p. 140), neste caso, utiliza a noção de performatividade para falar do gênero e do sexo.

As reivindicações construídas em torno do termo *queer* evidenciam as disputas em torno do uso de uma categoria, lutas políticas e éticas em torno de uma palavra que carrega uma história e, portanto deixa um rastro. (SALIH, 2012). Ao se denominar *queer*, e ao se denominar travesti (no caso específico de Laerte), é necessário lembrar que a fala e seu significado já existiam, ou seja, precedem e excedem o falante. (Ibidem, p. 140-143), segundo a própria autora: “Um ato de fala não se dá no momento exclusivo de sua enunciação, mas é a

⁷⁴ Sobre a origem e os significados associados ao termo *queer*, ver Guacira Louro (2004).

“condensação” dos significados passados, dos significados presentes e até mesmo de significados futuros e imprevisíveis.” (Ibidem, p. 143). Também podem ser utilizadas e ressignificadas em outros contextos, podem ganhar inclusive significados radicalmente distintos daqueles utilizados no momento do insulto “Se os signos são instáveis, reiteráveis e nunca estão, em última instância, determinados pelo contexto ou pela convenção, deve ser possível ressignificar e recontextualizar as representações e as palavras consideradas ofensivas.” (Ibidem, p. 139).

Beatriz Preciado (2009) faz uma revisão histórica do uso do termo *queer*, demonstrando que os primeiros usos desta palavra serviram para marcar a indefinição (o que não poderia ser marcado como “isto ou aquilo”) o que não era inteligível. Segundo ela, é na era vitoriana, dominada pelos valores burgueses da heteronormatividade, família e reprodução que *queer* passa a ser utilizada para marcar os corpos daqueles que escapam destas normas e ameaçam estas classificações. *Queer* então serve para ofender gays e lésbicas, “viados”, “sapatão”, travestis e todos aqueles considerados abjetos, sem um conteúdo específico.

Porém, para a filósofa espanhola, esta história também é marcada pelas mudanças e pelos diferentes contextos de enunciação, já que algo dá “errado”, “fracassa”, como diria Butler, neste processo de reiteração. Na década de 1980, durante a crise provocada pela AIDS, esta mesma palavra, a injúria *queer*, passa a ser utilizada por diversos grupos como um lugar de ação política e resistência à normalização, uma forma de demonstrar e apontar que a heterossexualidade e a homossexualidade eram categorias políticas, construídas socialmente e historicamente.

Ainda segundo Preciado, *queer* é um movimento pós-gay e pós-identitário, assim não se trata de mais uma identidade dentro da diversidade sexual, mas sim de uma posição crítica às políticas identitárias, apontando seus limites e consequências. Dessa forma, ela faz uma crítica ao uso descontextualizado que o termo *queer* pode receber ao ser utilizado em outros lugares, contextos e traduzidos para outros idiomas⁷⁵ onde o termo não carrega esta história política de transformação e luta, este processo de reapropriação e ressignificação, este passado de injúria. (PRECIADO, 2009).

⁷⁵ Sobre a não tradução de *queer* para o português, ver Lugarinho (2001). Sobre as implicações “efeitos político-culturais da tradução do *queer* na América Latina”, ver o artigo de Sutherland (2014), entre outros autores que problematizam o termo e sua tradução. Existem inúmeras “traduções” do termo: sapatão, viado, bicha (LOURO, 2009) e propostas de nome (teoria cu, etc.).

3.4 *Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher*⁷⁶

No mesmo ano, 2010, em uma entrevista a Folha de São Paulo, Laerte abordou novamente algumas questões que já tinham sido enfrentadas na entrevista à Revista Bravo, mas já se diferencia por ser focada exclusivamente nas questões de gênero e sexualidade, que foram “reveladas” a mídia a partir da entrevista inaugural. Esta é uma entrevista curta, que conta com um conjunto de imagens de Laerte (fotos dele, sozinho e com a então namorada, Tuca), no estilo mais direto de entrevista, com perguntas e respostas.

A entrevista publicada em novembro daquele ano, dois meses depois da primeira, começa com uma brevíssima descrição “De salto médio, meias coloridas, maquiagem leve e namorada a tiracolo, Laerte chega para dar entrevista à Folha sobre seu novo estilo de vida” e uma foto de Laerte sorridente sentado num sofá. São 16 perguntas relativamente curtas e que são respondidas da mesma forma por Laerte, brevemente e de forma direta. Algumas perguntas tem um tom irônico, são provocativas, brincam e fazem piada com Laerte. Isso se deve, em minha opinião, a dois motivos: pode ser compreendido como uma estratégia de aproximação com Laerte e o tema considerado polêmico; uma forma de lidar com o incômodo, de quebrar o gelo, perguntar em tom de brincadeira algo que de outra forma, talvez, pudesse não ser aceito ou compreendido ou nem pudesse ser perguntado; e também com o fato de Laerte ser funcionário do jornal em questão, a folha de São Paulo, onde é quadrinista fixo. A descrição inicial que enfatiza a roupa, os sapatos e a maquiagem de Laerte é recorrente a partir dessa “fase com a mídia” (quando não abordava o tema e não se vestia de mulher, provavelmente não se dava tanta importância a sua vestimenta).

Folha: Diversas possibilidades para a mudança do seu estilo de vida passam pela cabeça. A primeira delas é que você pirou, um processo que teria começado em 2005, com a morte de seu filho num acidente de carro, passou pelas tiras da Ilustrada, cada vez mais estranhas, e agora isso. Você está louco, Laerte?
Laerte: Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada. Comecei a me aproximar do travestimento, ou "cross-dressing", em 2004. Interrompi --e a morte de meu filho tem um peso nisso-- e retomei em 2009. Fiz a minha primeira montagem em 2009. Mas as coisas que se evidenciaram [em meu trabalho] a partir de 2005 já estavam ali, latentes, germinando em 2004 (FINOTTI, 2010).

O processo de mudança de Laerte é vinculado principalmente, neste momento, a questão de gênero, é entendida como um câmbio de “estilo de vida” e o entrevistador expressa claramente algo que era evidente naquele contexto, um interesse na tentativa de explicar “aquilo” e as várias hipóteses, a primeira aventada é a questão da loucura (patologização) que

⁷⁶ Entrevista concedida a Ivan Finotti (2010).

daria conta de compreender a mudança, sem mais explicações e de forma fácil (até porque parece muito estranho para a maioria das pessoas entender essa mudança em um “homem”, “dessa idade”, até então um “respeitável pai de família”). Esta questão reaparece em outras entrevistas e “paira no ar”⁷⁷ geralmente vinculada a morte do filho e também associada as mudanças na sua obra.

Folha: Uma segunda possibilidade é que você se veste porque isso dá tesão.
Laerte: Não, não é um fetiche sexual. Não é, nem é um tema que me interessa agora. O travestimento é uma questão de gênero, não de sexo. São coisas independentes, autônomas, que nem o executivo e o legislativo. É um erro fazer essa mistura. "Ah, está vestido de mulher, então é viado." "Jogou bola, é macho." E eu que gostava de costurar e de jogar bola? O que tenho feito é investigar essa parte de gênero. O que tenho descoberto é que isso é muito arraigado, essa cultura binária, essa divisão do mundo entre mulheres e homens é um dogma muito forte. Não se rompe isso facilmente. Desafiar esses códigos perturba todo o ambiente ao redor de você (Ibidem).

Esta segunda questão, que aventa outra possibilidade de explicação para as mudanças de Laerte, está associada às questões de sexualidade (“fetiche sexual” e coisas do gênero⁷⁸). A cartunista rapidamente nega e faz questão de salientar que sua proposta é o questionamento das normas de gênero, daquilo que é associado sem problematização ao universo masculino e feminino (exemplo: costura e futebol) ou as simplificações dualistas que o “acusam de gay” por usar roupas femininas. Ele parece bem “consciente desta” questão, pesquisa sobre o assunto e aponta o binarismo e a crença forte em “nossa” cultura e sociedade a respeito, criticando. Reafirma que gênero e sexo (e sexualidade) são coisas distintas e separadas, ao contrário do que o discurso hegemônico sustenta, tal qual já havia sugerido na primeira entrevista que deu Também descarta a possibilidade se manter o “status” masculino⁷⁹ que apresenta algum comportamento sexual considerado “inusitado” e mostra reconhecer que sua experiência perturba “todo o ambiente ao redor” dele, e de alguma forma a sociedade como um todo que se confronta com este discurso e imagens na mídia, se choca, demonstra curiosidade e/ou apreensão.

Este aspecto é um dos motivos que desperta o interesse pela experimentação de Laerte. A partir de sua experiência podemos pensar a respeito da sociedade da qual ele faz parte, já que ele parece promover perturbações e incertezas, como as que ocorrem na sua relação com

⁷⁷ Como referido na nota sobre o comentário da profa. Céli Pinto em minha banca de qualificação.

⁷⁸ Fetiche se refere em psicologia a um “objeto ou uma parte do corpo à qual o sujeito atribui qualidades eróticas, é o objeto causador de excitação sexual, por exemplos, sapatos, calcinhas e outras peças do vestuário [...] partes do corpo [...]”, conforme Bretas (2011, p. 100-104). Este comportamento sexual é definido como uma parafilia (desejos e fantasias sexuais, forma de amar paralela) esta palavra venho a substituir em psicologia e em sexologia as noções de perversões e taras sexuais, que eram consideradas desvios/doenças.

⁷⁹ É importante salientar que isso é relativo, uma vez que em outros contextos, Laerte afirma sua masculinidade (ser homem) com relação a questões médicas e familiares, por exemplo.

a imprensa. Sei que Laerte não é um caso único, que outros indivíduos também vivenciam esses processos, mas por sua posição privilegiada, que ganha visibilidade, se torna um caso excelente para a reflexão. O que Laerte pode nos dizer do contexto atual do Brasil? Segundo Albuquerque Jr., Foucault propôs uma “história que dê conta daquilo que a racionalidade iluminista chamou de monstruoso, de anormal, de patológico, tarado, doentio, insano”... só assim podemos “desenhar as bordas de nossa racionalidade moderna” (...) “que cace os fascismos lá onde eles se alojam” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 112).

De alguma forma, ao falar de Laerte, também falo da sociedade que se interessa por isso, que tenta explicar, que dá visibilidade, que se opõe e critica, mas também que apoia e admira. O que Laerte fala “de nós”? Proponho a reflexão sobre a figura de Laerte não (só) porque o quero como projeto ou modelo, mas porque reconheço em sua figura algum “potencial crítico e desconstrutivo da normatização/naturalização dos gêneros” (LOURO, 2009, p. 140).

Não se pode negar que no contexto brasileiro mais recente, temos acompanhado mudanças significativas no campo político e cultural: acesso a direitos civis como a união civil igualitária, nome social a pessoas “trans”, cirurgia de transgenitalização pelo Sistema único de saúde (SUS), visibilidade na mídia (notícias, novelas, publicidade, etc.), através das paradas de orgulho gay, entre outras conquistas do movimento LGBT que produzem mudanças nas percepções das pessoas de modo geral, que afetam ou produzem modificações no conjunto da sociedade e não somente para aquelas a que se referem ou são atingidas diretamente, ou seja, a quem estas mudanças/direitos se dirigem. Estas possibilidades e mudanças, que inclusive atingem o cerne desses movimentos (com críticas ao movimento LGBT identitário e a proposta das *políticas queer*, por exemplo) modificam o horizonte de possibilidade das pessoas, exemplos como o de Laerte (entre outros já citados) servem de inspiração para outros indivíduos.

Tudo isso se multiplica com as novas tecnologias (mídias, internet, comunicação, blogs) e com as questões de inovação na ciência (cirurgias, tratamentos, modificações corporais, próteses, remédios...) que aumentam as possibilidades e número de “modelos” que podem ser adotados e seguidos. A “natureza já não é destino”, até “ela” pode ser modificada. O que se considera humano pode ser alargado e questionado também – questões que já foram questionadas pelas teóricas feministas da ciência, os/as historiadores da ciência, epistemólogas/os, etc. cientistas sociais e etc. como abordamos brevemente nas discussões teóricas apresentadas, mas que de alguma forma passam a fazer parte do cotidiano, das discussões do “senso comum” - além das possibilidades de mudanças culturais, nas

percepções, como esta aposta inicial de Laerte. Tudo pode ser repensando e transformado: o gênero, o sexo, a sexualidade, o corpo.

E claro, por outro lado há resistências a estas mudanças, opiniões contrárias, ações que tentam reverter a situação, ou que tentam deslegitimar estas lutas, como já nos referimos em outro capítulo, principalmente vinculado a setores conservadores, religiosos e da mídia reacionária.

Sigo com mais um trecho da entrevista:

Folha: Mas você é bissexual, certo?

Laerte: Sou.

Folha: E não há ligação entre isso e o "cross-dressing"?

Laerte: Não.

Folha: Você está fazendo isso para espantar o tédio?

Laerte: Não faço isso porque a vida está sem graça. O problema é a vida submetida a essa ditadura dos gêneros, a esses tabus que não podem ser quebrados. É você sentir que sua liberdade está sendo tolhida, que as possibilidades infinitas que você tem de expressão na vida, ao sair, ao se vestir, ao se manifestar, ao tratar as pessoas, seu modo, seu gestual, sua fala, tudo isso é cerceado e limitado por códigos muito fortes e muito restritos. Isso é uma coisa que me incomoda (FINOTTI, 2010).

Novamente, depois da pergunta vinculada a sexualidade/"fetiche" e a resposta de Laerte sobre o questionamento de binarismo de gênero, o entrevistador retorna, insiste na pergunta vinculada a sexualidade, acionando uma informação já sabida sobre Laerte, sua bissexualidade - que podemos entender como uma tentativa de Laerte, já há bastante tempo, de romper com as normas rígidas entre heterossexualidade e homossexualidade⁸⁰ - tentando relacioná-la com a questão do *crossdressing*. Parece que o entrevistador tenta encontrar alguma conexão que "faça sentido em sua cabeça": Laerte não pirou, não é fetiche, então..., mas Laerte responde que não há conexão entre estas "coisas", sem mais explicações. O entrevistador retoma as hipóteses de resposta/interpretação da "mudança de estilo de vida" de Laerte, aventando que isso ocorre por tédio na vida da cartunista.

Mais uma vez Laerte é bem direto ao afirmar que não se trata disso, de algo estritamente pessoal (para passar o tempo ou excentricidade), mas que se relaciona ao binarismo de gênero, que engessa as possibilidades de expressão, não só da dele, mas em sua concepção, de todos ou da maioria das pessoas. Laerte revela o incômodo com os códigos que delimitam, restringem, possibilitam e impedem determinadas roupas, gestos, expressões. Ela fala da "ditadura do gênero" e de tabus, expressando novamente seu interesse pessoal e político de questionar e cruzar estas fronteiras. É interessante notar que Laerte fala de gênero, enquanto o entrevistador parece só falar de sexualidade, não percebendo as diferenças e

⁸⁰ Em outras entrevistas, posteriores, ela afirma que foi em 2004 que começou a "sair do armário", a assumir para si mesmo esse desejo.

distinções entre estas duas esferas, não sabendo lidar ou se negando a lidar com o questionamento de Laerte (que também poderia lhe dizer respeito). Isso também mostra o quanto estas discussões que parecem evidentes, para os estudiosos das teorias sobre gênero e sexualidade, são restritas a alguns grupos, não atingindo pontos centrais da nossa sociedade, como a mídia hegemônica. Parece que gênero e sexualidade são sinônimos ou andam “coladas” para este entrevistador (e para parte da sociedade), já para Laerte parecem ser, ao contrário, âmbitos distintos e muito separados.

Outro aspecto interessante é que Laerte enfatiza as restrições vinculadas às normas, o que elas impedem e proíbem e como engessa as ações e possibilidades. Esta concepção está bastante próxima da usual que temos a respeito de normas, próxima da noção de regra/lei, mas a norma, para Foucault, tem por característica principal (e que lhe diferencia das leis e regras) ser um conjunto de prescrições positivas, que produzem, permitem e orientam as ações, práticas e formas de ser e viver, que abarcam o que se considera “normal” e o que se considera “anormal”, que são constitutivas dos sujeitos e existem na atuação, na medida em que são re-citadas e reiteradas, mas tal qual o gênero e o sexo (BUTLER, 2000), nunca se repetem da mesma forma, e a cada citação, se abre a possibilidade de produção da diferença e da transgressão as normas.

Foi essa característica que permitiu ao próprio Laerte deixar de repetir a mesma “norma” de gênero e sexualidade, que lhe possibilitou tentar romper com as dicotomias: heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino e a também desafiar a coerência entre sexo-gênero-desejo. A separação (e as relações) entre gênero e sexualidade, alvo das discussões entre as feministas e as perspectivas construtivistas diversas, também já foram evidenciadas especificamente na perspectiva pós-estruturalista de compreender o gênero.

Na continuidade da entrevista o foco passa a ser o “estranhamento” por parte das pessoas, na família, na rua, com os amigos (Laerte sai “assim” na rua? foi vestido dessa forma passar o natal com a família? o que Angeli achou? dá pistas antes para não chocar as pessoas que não sabem antes de aparecer “daquele jeito”?, etc.) entre estas, uma pergunta chama a atenção:

Folha: As pessoas aparentam a normalidade e tentam não demonstrar um espanto, certo?

Laerte: Por uma razão: se demonstram espanto, estão ferindo um código de boa conduta intelectual. Demonstram que não são modernos, por exemplo (FINOTTI, 2010).

Esta pergunta parece interessante pelos seguintes motivos: fala de normalidade, neste caso das outras pessoas “normais” em relação à “anormalidade” de Laerte, como elas reagem?

Aqui se demarca a fronteira da abjeção, do que se enquadra na norma e do que não. Tentam não se espantar ou demonstrar isso? Isso serviria para a posição do próprio entrevistador na hora do encontro, e ao mesmo tempo Laerte devolve com uma provocação, quem se “espanta” demonstra que não é “moderno” no sentido de não seguir uma determinada conduta intelectual (de perceber a “diferença” com naturalidade? Não poder aparentar preconceito - transfobia). O entrevistador rebate perguntando e na rua? (onde aparentemente este código não estaria tão demarcado) e Laerte responde de forma um pouco mais enigmática : “Quando eu estou na rua de saia e passa uma kombi e o cara faz "fii-fiu" pra mim, ele não teve dificuldade nenhuma em fazer aquilo. E eu também recebo de forma muito clara”.

O entrevistador logo depois muda de pergunta e não investe mais nisso, o que será que Laerte quer dizer quando fala que o “cara” não teve problema para fazer isso, ou que ele recebe “a cantada” de forma muito clara? Ao usar saia e sair na rua ele assume a identidade e o gênero feminino e passa a ser “lido” dessa forma pelas pessoas? As pessoas (e os homens especificamente) sabem que é uma travesti (no sentido estrito de “um homem” vestido de “mulher”) e demonstram interesse erótico, “estão tirando sarro”, ou Laerte “passa” por “mulher” por se comportar como uma, demonstrando a questão da performance de gênero?

Igualmente relevante é a brincadeira que Laerte faz ao ser perguntado se Angeli, outro cartunista que trabalhou com ele e é funcionário do jornal também, já sabia: primeiro Laerte diz que “está dando para ele” o entrevistador afirma que ele vai adorar ler isso e Laerte rindo diz que está brincando: “O Angeli é uma beleza. Achou superlegal. O Angeli é um exemplo de que uma pessoa pode ser completamente hétero e legal”. Novamente, o entrevistador não investe nesta questão, mas ela é interessante porque é um dos únicos momentos que parte de Laerte falar sobre a sexualidade (mas brincando), ao ser perguntado se já havia falado com Angeli, Laerte faz uma insinuação dizendo que está “dando para ele”, talvez até para testar a reação do entrevistador, e depois afirma que Angeli é hétero (para que não fique nenhuma dúvida sobre a sua sexualidade) e mesmo assim é legal, brincando novamente com a ideia da “normalidade”. Se no regime heteronormativo o “normal” e adequado é ser heterossexual, Laerte por sua vez dá entender que a maioria dos (completamente) heterossexuais não é legal (pode até ser normal) e nesse caso Angeli seria a exceção, por saber lidar com e apreciar a experiência de Laerte (e ao contrário de muitas outras pessoas). Além de questionar a própria ordem social heteronormativa.

As últimas duas perguntas se referem a como Laerte explica “isso” para as pessoas e sobre o clube *crossdresser*:

Folha: Como você explica isso para as pessoas?

Laerte: É como se a vida tivesse me levado a essa circunstância e, quando eu me vi, percebi que aquilo representava uma busca pra mim. Foi mais ou menos isso que senti. Quando vi, comecei a fazer tiras do Hugo virando a Muriel.

Folha: O lema do Brazilian Crossdresser Club, do qual você faz parte, é "existimos pelo prazer de ser mulher". Que prazer é esse, Laerte?

Laerte: Eu não concordo muito com esse lema, porque é uma frase que procura construir uma certa fantasia que eu não partilho. Eu não vou ser mulher nunca. Mas acho que é possível sair na rua e ser aceita como uma pessoa que se veste daquela maneira, que se enfeita e se produz e se apresenta daquela maneira (Ibidem).

A penúltima pergunta parece uma derradeira tentativa de explicação sobre a experiência de Laerte, se as perguntas não ajudaram muito até aqui na definição do que Laerte é ou faz, ou mesmo porque faz, pergunta-se a ele o que diz, já que se supõe que há a necessidade de alguma explicação, por não ser usual ou mesmo “normal” seu comportamento, não é uma coisa que “passa batida” e por isso essa insistência nas consequências do esperado estranhamento (o que a família e os amigos acham, o que dizem na rua, o que você acha ou como explica), ou seja, há algo a ser explicado, que necessita de uma resposta, causa ou explicação. Laerte não se detém muito na questão, responde de forma até vaga e acaba falando de sua obra, de seus personagens, para explicar suas “motivações”, o seu processo é compreendido como uma busca.

A partir do que foi dito até aqui por Laerte e pelas reflexões teóricas que desenvolvo ao longo da pesquisa, afirmo que esse processo talvez se trate de uma busca pela transgressão das normas rígidas, dos binarismos que eram entendidos como limitadores de sua vivência. Uma busca por experimentar aquilo que foi definido em nossa sociedade (historicamente) como feminino, seja as roupas, acessórios, sapatos, maquiagem e demais “aparatos” com compõem e são constitutivos do que se define como feminilidade: os gestos, as formas de pensar e se expressar, etc. e até por uma busca interna, na compreensão de que os dois polos não são excludentes, mas sim estão em relação (homem x mulher, masculino x feminino, homossexual x heterossexual) e que dentro de si também existe estas características que lhe são constitutivas, que há essa possibilidade de ser/estar no mundo.

E a última questão, que aborda a questão do *crossdresser*, é interessante por parecer começar a marcar a ruptura de Laerte com o clube (BCC), com o termo e também por uma discussão que enseja a respeito da categoria mulher (e sexo):

Folha: O lema do Brazilian Crossdresser Club, do qual você faz parte, é "existimos pelo prazer de ser mulher". Que prazer é esse, Laerte?

Laerte: Eu não concordo muito com esse lema, porque é uma frase que procura construir uma certa fantasia que eu não partilho. Eu não vou ser mulher nunca. Mas acho que é possível sair na rua e ser aceita como uma pessoa que se veste daquela maneira, que se enfeita e se produz e se apresenta daquela maneira (Ibidem).

Laerte afirma que não concorda com tal lema, pois ele parece se basear numa fantasia, “ser mulher”, para ele/a isso não parece ser possível, “eu não vou ser mulher nunca⁸¹”, e já mostra sua discordância com relação à perspectiva do grupo. O lema do clube *crossdresser* se refere à noção de mulher, categoria muito restrita, e que pode ser referir ao que especificamente: ao sexo? a sexualidade? ao gênero? Talvez se o lema falasse do desejo ou prazer de experimentar o feminino ou a transgressão dos binarismo, com o foco no gênero (algo construído) Laerte concordasse, mas o que quer dizer com “eu não vou ser mulher nunca”? se refere a sexo? mulher é quem tem vagina? É quem “nasceu mulher” (assim foi designada no nascimento)? São somente as mulheres *cis*? As bio-mulheres? É algo da natureza e por isso é imutável? Não pode ser contestado ou transformado?

A partir do que descrevi na longa discussão teórica a respeito da perspectiva essencialista e da perspectiva construtivista (e sua heterogeneidade), me parece que essa concepção seria vinculada a um construtivismo “fraco”, que acredita que sobre a “natureza dada”, o corpo, se inscreve a cultura, ou seja, mantém o fundacionalismo biológico como afirma Nicholson (2000), mantém intocada esta parte da dicotomia e deixa sempre aberto o flanco para o essencialismo e o discurso biológico/médico. Dessa forma, tanto o clube *crossdresser* que se baseia numa concepção de “mulher” (talvez associada a sexo) quanto Laerte que o critica, parecem se afastar da perspectiva teórica e política do *queer* (e de gênero na perspectiva pós-estruturalista) que tentam deslocar estas dicotomias e categorias e, levando em conta a materialidade do corpo, mostram que ele só existe na cultura, não é algo pré-dado, só ganha sentido por meio da linguagem e, portanto está imbricado nas relações de poder, entre elas, a noção de gênero que informa nossas concepções e que é constitutiva dos sujeitos (assujeitamento) e suas subjetividades.

Quando Laerte diz que não é uma mulher, talvez ele não esteja só dizendo que sexo é algo imutável (contra o qual não se pode lutar, pelo menos nessa altura da vida, quando os hormônios não fazem mais efeito⁸²), mas sim uma negativa em situar em um destes polos: homem ou mulher. Ele se desloca do lugar do masculino em direção ao feminino, mas fica num lugar “entre” – no meio – para tentar escapar das classificações e/ou reconhecendo que não pode ocupar plenamente nenhum dos polos/posições (aliás, quem pode?) deslocando, borrando fronteiras e mostrando sua arbitrariedade, a fragilidade deste binômio. A definição do sexo, segundo visto com Fausto-Sterling (2002), é algo muito complexo para se definir

⁸¹ Em outros momentos, posteriores, afirma ser que “é uma mulher”, mas também é pai, avô, e não há problema nisso.

⁸² Afirmação que será dita em outra entrevista.

seja só pela via biológica, seja somente pela via cultural, pois envolve linguagem e significação, relações de poder, subjetivações, a materialidade do corpo.⁸³

O que seria gênero para Laerte? Modos de se comportar, se vestir, se apresentar, pensar, agir, sentir e assim ser aceito como feminino? Seria algo mais próximo de papéis de gênero? Acho que não, pois ele afirma de forma categórica, nestas duas entrevistas, do início do processo, que questiona o binarismo, a rigidez e fixidez da dicotomia e das categorias homens e mulheres que estabelecem “tabus” que restringem, vigiam e que punem quem ousar não obedecer. Quem sabe nas próximas entrevistas, talvez mais longas, com mais de um entrevistador, se abordem em profundidade estas questões.

3.5 Paradoxo de salto alto

Dialogo com a última entrevista analisada deste ano, me concentrei mais em 2010 por ser o ano inicial de exposição midiática de Laerte em relação às questões de gênero e sexualidade, e selecionei a entrevista da Revista Trip (RODRIGUEZ, 2010), publicada em dezembro de 2010 por diversas razões: ela se diferencia da grande maioria das demais por chamar para a entrevista, além da jornalista, dois “especialistas” para tentar compreender/explicar o paradoxo em questão. Por isso mesmo, ela é extensa, e tem um conjunto de questões muito interessantes, por abordar, inclusive a relação de Laerte com a mídia, algo que nos interessa (dessa forma, o foco será nas perguntas diferenciadas, ou seja, não vou me deter nas perguntas e respostas que se repetem em quase todas as entrevistas); e também porque a TRIP manteve um interesse constante a partir daí na figura de Laerte, publicando notícias sobre ela e sua obra constantemente e o convidando para bate-papos na TRIP TV e TRIP rádio, lhe alçando a categoria de “personalidade/intelectual” importante. Abaixo, o texto inicial da matéria:

Laerte Coutinho está vestido de mulher e todo mundo sabe disso. Sabemos também que ele compra suas roupas em brechós na rua Teodoro Sampaio. Que gosta de fazer as unhas e de salto médio nos pés. E que ele, sim, tem uma namorada. O que ainda não ficou claro, apesar de todo o rebuliço causado por suas aparições com o novo visual, é o porquê de gostar de esmaltes, sapatos femininos, lingerie.

Fruto de um processo que começou em 2004 e só foi se realizar plenamente em 2009, a atitude de Laerte confunde porque embaralha a percepção dos papéis de homens e mulheres. Laerte é um paradoxo de salto alto.

Querendo saber mais sobre isso, a *Trip* não só convidou Laerte para uma entrevista, como também chamou dois especialistas para conversar sobre que está por trás de suas roupas femininas. O filósofo **José Rodrigo Rodriguez** (pesquisador do Centro das Brasileiro de Análise e Planejamento, CEBRAP, e da DIREITO

⁸³ Por isso, a autora recorre à abordagem sistêmica e a metáfora da faixa de Möbius.

GV, coordenador da pesquisa "Mulheres e Políticas de Reconhecimento do Brasil", financiada pelo Ministério da Justiça) e a antropóloga **Heloísa Buarque de Almeida** (pesquisadora da USP, docente de estudos feministas Pagu, da Unicamp e especialista em questões de gênero na mídia) participaram da entrevista. Em um papo que durou quase duas horas, Laerte admitiu uma certa dose de política na sua atitude e explicou como define seu gênero. Mas ficou claro que Laerte é mais do que um militante de qualquer causa específica. Ele vive essa questão teórica no corpo e na cabeça. A formulação das suas ideias é similar ao que diz a filósofa americana Judith Butler, talvez a mais importante crítica do feminismo tradicional e autora do respeitado livro *Gender Trouble*. Butler afirma que a formação das identidades sexuais e de gênero é muito mais complexa do que a que a sociedade ocidental geralmente considera como normal, a heterossexualidade. Para ela, os comportamentos sociais reforçam esse modelo e excluem outras possibilidades de lidar com o desejo e o corpo, como essa que Laerte está apresentando. Como seus quadrinhos transcendem o humor, Laerte parece optar por fugir de definições exatas de como um homem deve se comportar, ser e desejar (RODRIGUEZ, 2010, grifos do autor).

Pelo texto acima, se percebe que a entrevista em questão se diferencia por seu caráter mais acadêmico, por citar uma autora como J. Butler e por lançar mão de pesquisadores/professores para dialogar com Laerte, que também, alcança na entrevista um status de “especialista” na medida em que parece ser alguém da “teoria e prática” (ativista diferenciado/artista). Durante a entrevista muitas vezes se passará a Laerte a palavra (para fazer perguntas e interpretar suas ações). No texto inicial já fica claro para o leitor os temas principais da entrevista e da proposta de Laerte: o questionamento das identidades de gênero e sexuais e a problematização da heterossexualidade como normal.

A primeira pergunta se relaciona ao momento em que Laerte decidiu se vestir de mulher, cuja resposta já se sabe (Hugo/Muriel, leitora crossdresser...), mas ao falar da experiência no estúdio, na sessão de “montagem” um aspecto se destaca, a questão da relação com o corpo:

Laerte: [...] Busquei na rede uma saída, uma possibilidade concreta e achei o estúdio da Dudda Nandez [*estúdio especializado em vestir, maquiagem e fotografar crossdressers*]. Fui muito bem-recebido, fiz a minha primeira montagem lá. Depilar foi a primeira revelação, é compreender seu corpo sem a roupa do pelo.

Trip: É muito diferente?

Laerte: Totalmente. Tudo, a sensação da roupa sobre a pele, do corpo sozinho. É como se eu estivesse vendo outro corpo.

Trip: Como você se sentiu quando percebeu isso? Ficou animado, ansioso?

Laerte: Isso tudo é verdadeiro: as novas possibilidades, o encantamento, a excitação com tudo isso. Como também é verdadeiro o temor, um medo de entrar no palco, que eu já não sinto. Mas sair de vestido, com unha feita e tudo, é como pisar no palco (Ibidem).

Os pelos são percebidos por Laerte como uma espécie de “roupa” que acompanha o corpo, ao se depilar ele afirma ter descoberto outro corpo (como se fosse outra pessoa) um corpo “sozinho”. A ideia de ser “outra pessoa” uma personagem ganha sentido quando ele

fala de palco e montagem. Se constrói a partir disso uma outra/nova pessoa⁸⁴, um novo corpo que vai estreiar num palco e /ou na vida, e como em qualquer estreia surge ansiedade/temor, mas também felicidade, “é tudo”. Como a estreia já ocorreu, Laerte afirma que não tem mais esse medo. Essas afirmações de Laerte também se remetem a construção de gênero, como algo que se dá por meio de um conjunto de tecnologias e aparatos, que estão disponíveis, neste contexto, quase para qualquer um. E se o gênero pode ser construído ou parodiado, pode ser transformado, porque não é estático/fixo e nem natural. Continuando na entrevista:

Trip: Como você se sentiu quando se viu montado pela primeira vez?

Laerte: Um tipo de emoção parecida com saltar de paraquedas.

Trip: Você já saltou de paraquedas?

Laerte: Não. Mas eu sei que é isso. Quando você salta de paraquedas, não tem mais medo de cair, está entregue à maravilha de voar. O medo de cair talvez apareça nos instantes finais, medo de que não abra o paraquedas. Todo mundo que voou relata esse tipo de coisa. Depois que você pula, some o medo de cair, de esborrachar. Foi mais ou menos isso. Na primeira vez em que me vesti, minha vontade era abrir a porta e sair. O estúdio da Duda era na Praça do Arouche. A hora em que eu fui não era muito boa [*risos*].

Trip: Era noite?

Laerte: Não, era dia. De noite é mais seguro. Ela disse: "Não, não vai. Eu sei que deu vontade, mas não vá" (Ibidem).

Ao analisar as entrevistas de Laerte através da passagem do tempo, percebo o quanto sua vivência foi processual, se deu em etapas, exigiu tempo e esforço, mas ao mesmo tempo, esta experiência possui algumas marcas temporais, episódios inaugurais, que são percebidos como muito importantes e que são repetidos e narrados em diversas entrevistas. A montagem no estúdio de *crossdresser* (e a depilação, maquiagem, roupa...) é um desses momentos⁸⁵. A metáfora do armário serve bem para descrevê-lo, pois expressa sua vontade, ao se ver “vestido de mulher” (e se sentindo mulher?): a de abrir a porta e sair... pela cidade, pelo mundo, sem medo, sem precisar se “esconder”. Laerte afirma que não foi (saiu do estúdio montado) por ter sido aconselhado, pela amiga, do contrário (porque poderia ser perigoso ou poderia se arrepender). O outro momento é a publicação da primeira entrevista em que declarou sua experimentação, que também o libertou.

Trip: O que te incomoda no vestuário masculino?

Laerte: É um dado que pede muito pouco da sua vivência ativa. Aquilo é o mundo que se espera de um homem. O cara extremamente vaidoso vai escolher um modelo de terno "xis", que tenha tal e tal caimento, mas basicamente é um terno! É aquela porcaria, calça e paletó, fim de papo. O universo de variações é uma pulga perto das possibilidades do mundo feminino. O efeito que fazia em mim era gerar uma atitude passiva em relação à roupa [...] Você passa a querer só que a roupa esteja limpa.

⁸⁴ Ao mesmo tempo, em outras entrevistas posteriores, ele ressalta que é a “mesma pessoa”.

⁸⁵ Este momento é assim percebido por outros entrevistadores e pelo próprio Laerte, Duda Nandez responsável pelo estúdio é uma das pessoas que será entrevistada na matéria da Piaui (SILVA, 2013) sobre o perfil de Laerte.

Trip: O fato de ser mais velho tem a ver com a liberdade de fazer isso?

Laerte: Não faço ideia. Você quer dizer que ninguém me canta? [*risos*].

Trip: Não. Liberdade de sair montado na rua, de ter coragem de fazer isso?

Laerte: Não sei dizer. Talvez tenha, talvez não. Sou um cara lento para tomar decisões. Depois que eu faço, penso: "Por que eu fiquei dez anos nesse emprego?". "Por que demorei anos para tomar uma decisão em relação a tal e tal coisa?". Esse sou eu, mas não sei dizer. Pela idade que eu tenho não faz sentido ser mais livre. Não pela idade. Talvez pela condição: filhos crescidos, sem esposa. Me sinto dono do meu destino, mas não pela idade, mas pelos processos que eu passei (Ibidem).

A questão das roupas aparece em outras entrevistas vinculadas à questão do modo de expressão e aqui Laerte mostra sua frustração com esse aspecto da masculinidade, o vestuário, algo considerado restritivo e pouco desafiador. O outro aspecto interessante desse trecho é a questão da liberdade. Laerte rejeita a explicação da liberdade dada pela idade⁸⁶, mas explica que sua situação na vida - não mais casado, com filhos crescidos, já estabelecido profissionalmente, um artista – foi o que lhe possibilitou/”facilitou” esta experimentação.

A morte do filho e as relações entre sua obra e sua experiência são o tema da próxima pergunta, por conta disso, vou apenas me deter em alguns pontos específicos da resposta:

Trip: Depois que seu filho morreu, você parou de fazer personagens e se dedicou a quadrinhos mais poéticos. Hoje, o Hugo voltou como Muriel. Você está pensando em voltar a fazer personagens?

Laerte: Não muito. Mantenho o Hugo pela questão de eu me travestir. É um personagem que me ajuda refletir, levantar algumas bolas. Como ele foi a pessoa que me conduziu para esse mundo, eu soltei isso como reconhecimento. Às vezes saem tiras meio bobas, mas também saem coisas que me ajudam a pensar e me fazem pensar. Esse processo de travestilidade é um caminho no escuro, não tem guias. Cada pessoa é representativa de um tipo de gênero. A quantidade de tipos de expressão de gênero é quase uma impressão digital. Embora exista uma linguagem de frequentar o mundo feminino, cada um tem jeito de fazer isso. Resolvi deixar o Hugo me ajudar [...] Essas tiras da "Ilustrada"... Você usou a palavra "poético". Acho que pode ser uma boa palavra para explicar porque eu soltei a franga. Não estou mais fazendo piadas necessariamente. Estou buscando uma linguagem, um lance que é parecido com o que a poesia busca num sentido em que transcende a representação tradicional, a função tradicional que as palavras e a gramática tem. Nas tiras eu tenho sentido presenças e possibilidades parecidas com essas. Faço as tiras e vejo que às vezes elas foram para lugares inesperados. A morte do meu filho funcionou de várias maneiras [...]. Outra delas foi me aproximando dessa possibilidade, porque muitos véus caíram. Acabei percebendo que muitas coisas são convenções, estruturas frágeis, fantasmas, não é nada real. As objeções que eu fazia em relação a isso, especificamente, apareceram como tolas. Isso também funcionou em relação ao meu trabalho. O modo de trabalhar [...] tudo me pareceu sem sustentabilidade depois que o ciclo se cumpriu. Fiz aquilo por trinta e tantos anos. Precisava ir para outro lugar (Ibidem, grifos meus).

A noção de que existem infinitas possibilidades de expressão de gênero e que não há manual de instruções para a experiência de travestilidade é muito potente, pois rompe com a ideia de modelos rígidos, também desloca a própria noção de gênero (que é restrita, na medida

⁸⁶ Posteriormente, em outras entrevistas, Laerte falará mais especificamente sobre o fato de ter se “assumido” só depois dos 60 anos, numa situação mais confortável.

em que parece só existir duas possibilidades de expressão de gênero). Sua proposta é mais condizente com as vivências dos sujeitos, embora se reconheça que há uma linguagem vinculada ao feminino, as maneiras de se apropriar disso são diversas. O Hugo que “virou” Muriel é a sua obra, é uma personagem que de alguma forma encaminhou/guiou Laerte nesse processo e que também é utilizada para expressar esta experimentação pessoal, compartilhando-a com o público. Sobre a morte do filho, tida muitas vezes como “estopim” da mudança, Laerte afirma novamente que esse trágico acontecimento apenas retardou o processo, mas ao mesmo tempo lhe ajudou a perceber a fragilidade de algumas convenções e normas, que antes lhe tolhiam. Outra metáfora frequente, com relação as mudanças pessoais e que tem impacto no seu trabalho, é de ir para outro lugar, de não permanecer fazendo as mesmas coisas, a ideia de uma busca...

Trip: Talvez a roupa feminina tenha a ver com bagunçar as expectativas de gênero.
Laerte: Essa é uma convenção muito forte. Muito mais forte do que eu pensava. Eu vejo que é um pensamento que também frequenta a minha cabeça. Não que eu estou chegando em Marte e resolvi me vestir de um jeito e está todo mundo estranhando. Eu sou igual àquelas pessoas. Estou entrando num caminho no qual elas não estão, mas estamos vivendo o mesmo problema. O problema em relação à política de gênero, códigos, tabus, eu também faço parte disso. Até hoje essa coisa passa pela minha cabeça. Preconceitos. Não virei outra pessoa (Ibidem, grifo nosso).

Aqui, temos uma discussão essencial sobre a experiência de Laerte, que não diz respeito só a ela, sua problematização diz respeito as políticas de gênero, que atingem todas as pessoas, sejam elas cisgêneras ou não, heterossexuais ou não, não importa se estão “bem” enquadradas na norma. Nada é natural, todos estamos envolvidos de uma forma ou de outra com esse “problema” com essa convenção, a diferença é que Laerte - assim como um conjunto cada vez maior de sujeitos - entrou em “outro caminho”: marginal? estranho? Talvez porque questionou e ousou cruzar fronteiras, territórios onde todxs habitamos. O preconceito e o fascismo também estão em todos “nós”. E outro aspecto interessante e que parece, talvez, deslocar o que falamos há pouco sobre personagens e performances, é a frase “não virei outra pessoa”, ou seja, segue sendo Laerte, não é uma personagem...

Por que Laerte afirma ou precisa afirmar isso? Talvez porque perceba que em “nossa” sociedade a ideia de identidade, de “si mesmo” está associada a uma noção de corpo, de sexo, de gênero, de sexualidade, numa correspondência única. Quando mudamos nosso corpo, (principalmente em relação a sexo), quando experimentamos outro gênero e quando expressamos nossos desejos e sexualidades de formas consideradas não convencionais, parece que deixamos de ser “nós mesmos” (o que éramos antes) ou deixamos de corresponder a norma, e logo, deixamos de “existir” socialmente, nos transformamos em outra coisa. Talvez

porque como visto na discussão teórica, o sexo e a sexualidade se tornaram, historicamente, aquilo que expressa a verdade sobre nós mesmos (FOUCAULT, 1997).

Laerte passa a ser compreendido como um até aquele momento, e outro depois da exposição de “seu gesto” (com outra identidade e nome). “Ou será que ele sempre foi assim e apenas escondeu”/enganou”? esse tipo de pressuposição parece estar sempre em volta de Laerte. “Quem ele é”? Como se a própria constituição dos sujeitos fosse “natural” (aquilo que não é fabricado). Todos nós nos constituímos e reiteramos constantemente nossos gêneros. Se não fosse assim, por que tanto temor? E como poderíamos explicar a existência de sujeitos como Laerte? Se não por meio das brechas que se abrem na reiteração da performatividade dos gêneros. Talvez essa seja a chave de tanto interesse e angústia gerados pela experimentação de Laerte, porque ela é acessível a todos (mas mais difícil para uns do que para outros) o que retira a maioria das pessoas da zona de conforto propiciada pela “mãe natureza”, aquela que tudo explica.

Exatamente por ser algo complexo, nem sempre é possível ser totalmente “coerente”. É um processo, Laerte se “montou”, assumiu um nome feminino e uma espécie de personagem que vivia na clandestinidade ou apenas no âmbito privado, mas que um dia, abriu a porta e se expôs, abdicou do outro nome, mas mantém duas “identidades”, e também não quer se fechar em categorias, se “enrincheirar em palavras”. A entrevista continua agora abordando os aspectos políticos da vivência de Laerte:

Trip: Dá para pensar isso em termos políticos, não?

Laerte: É, mexe. Até dentro do fórum [*de crossdressers do qual participa*] eu acho que movimenta o debate. O fato de eu ser uma pessoa que assumo que me visto, isso talvez seja inédito. Lá dentro, a gente tem uma identidade feminina. Eu não gosto de ficar misturando. Não conto em entrevistas como me chamo lá dentro. Mas lá, todo mundo sabe. E não mudou nada. Porém, mudou a natureza do debate. A possibilidade dessa interação com o mundo real é uma novidade dentro do contexto dos *crossdressers*, porque eles são travestis que precisam manter uma determinada vida secreta. O que eu estou fazendo é adotando um modo de vasos comunicantes. Me visto desse jeito aqui, ali [*risos*].

Trip: Um professor universitário, advogado, se assume isso em público, vai ter uma barreira profissional muito forte...

Laerte: Sim, claro! Não estou dizendo que as pessoas são covardes. O que se passa é que as travestis que estão na rua, são a imagem como o preconceito vê.

Trip: As prostitutas...

Laerte: Nem todas são prostitutas. São travestis, transgêneros, e tiveram suas vidas afuniladas para esse tipo de "sevirol". Você jamais vai ser professora na vida, se você quiser ter um salão de cabeleireiro vai ter que dar para metade da cidade. São pessoas que foram mergulhadas numa barra mais pesada por causa do contexto social onde elas vivem. Não é fofinho que nem eu. Eu viro para os meus filhos, meus pais, minha namorada e falo: "Ah, acho que vou me vestir de mulher, beleza?". Rola um estranhamento, mas eu sou aceito. Essas pessoas que, muito jovens, enfrentam essa barra, são expulsos de casa, são violentadas, brutalizadas, viram-se na prostituição por falta de escolhas, mas tem uma coragem muito grande de viver sua travestilidade plenamente e abertamente. O que não se passa com

os *crossdressers*. Sem querer colocar um juízo de valor pessoal, [falar em] coragem, covardia, eu acho que as *crossdressers* são travestis que não tem essa existência pública. Algumas pessoas argumentam que a travesti vive 24 horas, a *crossdresser* só quando quer. Não é bem verdade. Se houvesse esse trânsito livre, muito provavelmente as travestis não se vestiriam o tempo todo ou as *crossdressers* se vestiriam muito mais, não ficariam reduzidas a sessões privadas. Se existe algum trabalho político nessa área, é quebrar códigos de gênero, fazer as pessoas refletirem e debater esse tipo de coisa (RODRIGUEZ, 2010).

É interessante como Laerte assume, neste contexto específico, um papel de tipo mediador entre o “lá” e o “aqui”, o armário e a sessão privada de *crossdresser*, a rua e a exposição pública de sua experiência. Afirmar ensejar debates nestes dois espaços, dentro do clube e fora dele. Aqui também já aparece o afastamento do termo *crossdresser* e o investimento feito por Laerte (e outras pessoas) no termo travesti, o utilizando com o intuito de desmistificar ou diminuir o estigma da categoria, falando do preconceito com relação a esse termo, inclusive por parte do clube. A sociedade vê a travesti, segundo Laerte, de forma restritiva e associada à prostituição. A cartunista passa então a explicitar o contexto onde isso se estabelece, as interações entre ambas as categorias, equiparando-as. Assim, como destacado na última frase, o objetivo é romper “códigos de gênero”, promover reflexões e debates o tema.

Acredito que este objetivo esteja se cumprindo, na medida em que Laerte passou a ganhar tanta visibilidade e que sua obra como cartunista também se debruçou sobre o assunto, pelo menos em parte. Também fundou posteriormente a ABRAT e ensinou inclusive pesquisas acadêmicas⁸⁷. Aqui também se explicita a condição considerada privilegiada de Laerte para “experimentar o gênero feminino”, se travestir, explicada aqui por questões culturais, geracionais e de condições de trabalho, mas que também pode ser compreendida em termos de classe, raça/etnia. Logo depois, vem uma pergunta sobre a mídia e a utilização das categorias de classificação:

Trip: E qual é o papel da mídia na construção do gênero?

Laerte: A mídia é meio apavorante. Conduzir uma conversa, um debate como a gente está fazendo agora, não é uma coisa comum. Normalmente, as pessoas são apresentadas em programas, jornais, reportagens, como uma curiosidade: "Veja só! Ele é homem, mas ele sai por aí, na loja ele vai no provador de mulher e experimenta um vestido. Vejam! Olhem!". Pode ter um sentido positivo nisso, mas, na essência, o que aquele órgão de imprensa está fazendo é uma manutenção do status quo. Ele não está agindo no sentido de transformar nada, ele é conservador.

⁸⁷ Como esta dissertação, a biografia consultada de Claudia Soares e Vivian Fernandes (2012), um trabalho sobre suas tirinhas que foi apresentado no Fazendo Gênero de 2013, na categoria pôster e que recebeu prêmio: “Hugo/Muriel e relações de gênero: montando um debate sério através de adereços de humor”, de Clara Cazarini Trotta, da Universidade Federal de Minas Gerais, e Kênia Araújo Pires, da Universidade Federal de Viçosa.

Trip: Quando você vai para a esfera pública, se arrisca, questiona isso publicamente, começa a mexer com uma série de representações, questões e modos de comportamento que estão cristalizados.

Laerte: O modo como os meios de comunicação representam esses pensamentos cristalizados também é interessante porque ele é sempre conservador, procura tranquilizar o leitor. Uma matéria sobre *crossdressers* numa revista feminina, diz que isso é uma coisa normal: "Querida leitora, se o seu marido começar a mexer nas suas calcinhas, não entre em pânico. Não quer dizer que ele virou uma bichona, ele só está experimentando" [*risos*]. Não fala nesses termos, mas é isso que está sendo dito no subtexto. O que é interessante, porque é verdade, não quer dizer mesmo. Mas, ao mesmo tempo o sub-subtexto é o seguinte: "O normal é o heteroerotismo". Tudo que é desvio é uma exceção. "Você, querida leitora, se seu marido é gay, então salta fora". Tem um livro de duas jornalistas que saiu agora que procura alertar para esse tipo de coisa: sinais de que seu marido no fundo é gay, portanto, você está num casamento do qual deve fugir. Na capa, tem um casal na mesa tomando café, a mulher meio neutra, e o cara na frente dela, tomando café e por baixo do pano da mesa você vê uma perna com um sapato de salto. Quer dizer, está dizendo que o cara é travesti, *crossdresser*, coisa assim, portanto, gay.

Trip: O pessoal não sabe muito o que perguntar para você. Onde é que você se enquadra nisso?

Laerte: É uma tentativa de fechar esse pequeno furacão dentro de alguns compartimentos: sexualidade, parafilias. É muito grande. Vamos baixar esse balão. Por quê? Porque ele está numa área que ninguém entende, gênero. Existe, é a grande lição que a gente explica para as crianças: Você é menino, portanto seu caminho é esse, você é menina, seu caminho é aquele. Não é só questão de vestimenta, mas de uso do corpo. A minha irmã é fisioculturista, além disso é bióloga, socióloga. Ela me diz que as meninas são estimuladas desde cedo a não forçar seus corpos, porque elas vão ficar feias. Isso é uma violência contra o uso do corpo na medida em que os meninos estão se soltando, se expandido, se expressando fisicamente. Eles estão sendo ensinados que eles podem fazer isso e as meninas estão sendo ensinadas que não é adequado. O reflexo disso no uso do corpo no adulto é evidente. Não é só uma questão de roupa, de expressão da sua vontade. As pessoas estranham que tem pouca mulher na política e fazendo charge, cartum, humor de um modo geral. Isso tudo tem um motivo. Elas estão sendo ensinadas desde pequenas. Não tem nenhum motivo real que impeçam elas de fazer qualquer coisa que um homem faz (Ibidem, grifos meus).

Ao ser questionado sobre o papel da mídia na construção do gênero, Laerte fala de sua experiência pessoal, de como alguns veículos o apresentam e dá os exemplos de um livro. No decorrer do diálogo aborda a dificuldade de lidar com o tema gênero, área desconhecida ou não problematizada para a maioria das pessoas. Também discorre sobre a construção dos gêneros na infância e como vai além de vestimenta e comportamento e se expressa no corpo, nas formas de expressão das crianças. Aqui também é interessante a referência à irmã, Marília. Ela também não se enquadra no que se considera a norma padrão de feminilidade, por ser fisioculturista. O diálogo entre ambos e a reflexão que Laerte promove sobre o tema é bem interessante. Experimentações do gênero e discussões semelhantes podem ser feitas por outras pessoas, mas o diferencial principal é a visibilidade alcançada por Laerte, a oportunidade de se pronunciar e de ser considerado um "intelectual midiático". Seguem as questões de gênero e suas possibilidades:

Trip: A gente pensa assim: a criança se tornou homem ou se tornou mulher e aquilo se cristalizou e nunca mais vai mudar. O pai fica tranquilo: o filho arrumou uma namorada e tudo bem.

Laerte: As possibilidades de surgir coisa nova na vida de uma pessoa são muito grandes. É meio aleatório. O sujeito pode passar a vida inteira completamente tranquilo em relação a uma série de pontos e conflitos que são reais, permanecem quietos, na gaveta. Para outros, vem, e sabendo deles, o sujeito sufoca eles. E também é possível que ele dialogue com isso (Ibidem).

Dialogo com as concepções que embasam a ideia que temos sobre essa constituição dos gêneros: algo natural? algo que construímos?, mas no momento que se “estabelece” a heterossexualidade se considera acabada? Ou sempre se está em reelaboração constante, que precisa ser vigiada? Laerte claramente acena para a ideia de que não é algo acabado e imutável, mas um processo, já que há múltiplas possibilidades, “coisas” não previstas, mudanças ao longo da vida. Os desejos diversos podem ser compreendidos, vividos, ou sufocados, de diferentes formas.

Trip: Era uma coisa que você vivia e reprimia?

Laerte: Não é muito claro para mim a presença que esse negócio de vestir roupa de menina ou de mulher tinha. Nos clubes e nas rodas que eu frequento é quase unânime, todo mundo fala: "Eu tinha seis anos de idade...". Praticamente unânime, cinco, seis anos, nessa fase da infância. É a idade em que o cara alcança a gaveta [risos]. É em muita tenra idade que isso acontece para todas e eu fiquei pensando: "Ué, para mim não foi". Pensando retrospectivamente eu vejo coisas. Gostava de me fantasiar de grego no carnaval porque eu usava saiote, túnicas. De alguma forma, a ideia de usar botas de faroeste com salto - que eu equiparava com os calçados femininos. Mas não era nada claro, não. E nebulosa ficou até a adolescência. Ideia clara, só recentemente, adulto, quase idoso.

Trip: A sua identidade quando você se vestia só de homem era tão hétero...?

Laerte: Não. A bissexualidade eu descobri faz bem mais tempo, na minha adolescência. Já descobri que eu não era um heterossexual convicto.

Trip: Essa masculinidade tradicional é muito opressiva?

Laerte: É sim. O fato de eu ter descoberto na adolescência não quer dizer que eu tenha resolvido o assunto. Foi um problema na vida adulta quase inteira, não é tranquilo até hoje (Ibidem).

Laerte responde a primeira pergunta como que se remetendo as origens, causas, indícios no passado que possam explicar algo que acontece hoje. Essa é uma narrativa comum, tanto que Laerte salienta o fato de ser algo frequente no clube e nas rodas de transgêneros. Quando começou? Quando percebi? Quanto me dei conta? A necessidade de encontrar estas verdades escondidas é frequente e diz respeito a construção de identidades, de uma biografia que faça sentido, de encontrar no passado algo que explique o presente. Embora Laerte afirme que não tenha isso claro, que as coisas foram se dando recentemente em sua vida, essas ideias aparecem, sejam suscitadas no grupo ou pela imprensa. Esta é uma questão importante e que aparece em diversas entrevistas. Outro ponto interessante que destaque, é a questão da masculinidade e da heterossexualidade como algo opressivo, mas que

pode ser mais ou menos forte (convicto ou não, bissexual masculino...) embora seja difícil transgredir o padrão (“não é tranquilo”). E a questão da mídia retorna junto à questão do uso das categorias travesti, *crossdresser* e as demais classificações:

Trip: Você comentou que alguns jornais estranharam.

Laerte: Os jornais que me entrevistaram, o modo como a imprensa pauta este assunto, acho que é típico do *status quo* cultural. Em primeiro lugar, a palavra "travesti" é afastada assim que possível. Em segundo lugar, a palavra "*crossdresser*" é transformada numa espécie de moda.

Trip: Uma tribo.

Laerte: Exatamente. Tem a tribo, assim como tem os jovens que se vestem como ingleses do século XIX.

Trip: Você está usando a palavra "travesti", o que é muito interessante de se pensar, porque no Brasil, o travesti supõe uma interferência corporal, digamos, tomar hormônio para desenvolver seios, colocar silicone.

Laerte: Supõe falsamente. Faz parte do modo preconceituoso de encarar o travesti. E é o modo classista também. Travesti é quem fica o tempo inteiro montada e transforma o corpo; *crossdresser* não. No seio dos grupos *crossdressers*... Seio [risos]. Existem várias pessoas que se hormonizam. Várias mesmo. Sem orientação médica, acontece, sofrem problemas de saúde. Se você pinta a unha com intenção de ficar feminina, você está transformando seu corpo. Daí, afinar, a cintura, tomar a cintura, é só uma questão de grandeza. É como a coisa da barba, depilação a laser é quase o passo seguinte, depilar o corpo, tudo isso são transformações corporais. Muitas travestis que estão na rua e fazem parte dessa visão estereotipada que se tem delas, não tem seios. Estão ali com o corpo que nasceram. Tem de tudo. Fazer uma coluna de regras para travestis e *crossdressers*, o que é um, o que é o outro, é falso, não se sustenta. Se você raciocinar sobre essas diferenças todas, você vai ver que *crossdressers* são travestis, uma espécie de subgrupo.

Trip: Se a gente fizer uma coluna para hétero e não-hétero, também não se sustenta.

Laerte: Uma vez uma travesti chamada Carla Melo desenvolveu uma teoria comprida pra cacete. Em resumo, ela se declara uma travesti quântica, ou *crossdresser* quântica, porque a possibilidade de migrar de uma coisa para a outra, de vestir-se "masculinamente", ter uma existência masculina ou vestir-se totalmente "femininamente", ter uma existência feminina, é o que interessa a ela. Por isso, ela defende a distinção entre *crossdresser* e travesti. Ela diz que chamar *crossdresser* de travesti, enquanto ponto de vista de luta política, é válido, mas no ponto de vista dela, ela se considera quântica [risos] (Ibidem).

Laerte demonstra o incômodo com a maneira que alguns meios de comunicação o apresentam, como o “estranho”, ou quando aproximam o termo *crossdresser* de uma “moda”, “hobby” ou “tribo”, o que faz com que sua experiência se torne algo inusitado, mas menos “incômodo”, do ponto de vista do *status quo*, do que utilizar a palavra travesti, que já vem carregada de uma série de representações negativas e /ou sobre práticas vinculadas a mudança corporal. A cartunista rapidamente critica e questiona esta visão, ampliando a concepção do que sejam mudanças corporais (uso de tecnologias de gênero) e mostra que, a partir desta concepção, as diferenças entre estes “grupos” e as representações que se tem não se sustentam, assim como as outras dicotomias e binarismos. Laerte, junto a outras pessoas no grupo/clube, resolve provocar essas significações e criticar essa ênfase no *crossdresser*, rejeitando-o posteriormente. Aqui, ela já afirma que *crossdresser* poderia ser entendido como

um sub-grupo travesti, mas que nem todos concordam com isso. Esse movimento de mudanças e de apropriação ou uso de determinadas categorias é percebido durante o diálogo da entrevista, quando se pergunta sobre este assunto e sobre a questão dos rótulos e classificações, questões que encerram a entrevista:

Trip: Do ponto de vista político é muito interessante, porque se você pensar existem várias histórias desses movimentos sociais. O que faz o movimento negro nos EUA? Vai positivar o termo que era negativo, "black". O que fazem as lésbicas? Positivar um termo que era negativo, "lésbica". Você positivar o termo "travesti", pegar um termo com conotação negativa e virar para o positivo, é o que você está provocando.

Laerte: Estou ajudando uma discussão que me parece importante e que eu defendo. Mas ele não é o ponto de vista da comunidade que eu frequento. Não é unânime. Muita gente pensa que travesti e *crossdresser* são a mesma coisa, e muita gente pensa que não.

Trip: O que você pensa desses rótulos?

Laerte: Rótulos são para a gente trabalhar, acho que tem peso, contexto. Tudo funciona se a gente botar o olho crítico em cima sempre. As pessoas falam em relação a cartuns ou humor, politicamente correto e incorreto, defendendo o incorreto como libertário, justo e certo, e o correto como repressor, autoritário e errado. Eu não concordo. Sei que termos politicamente corretos acabam colados num negócio que eu acho positivo. Quando os movimentos sociais, que não tinham expressão nenhuma, conseguem se organizar e valorizar seus pontos, suas características, seus problemas específicos e impor essa agenda na mídia, isso não é uma coisa negativa. Se em algum momento isso funciona como repressivo, paciência, foda-se! (Ibidem, grifo nosso)

Interessante notar, que se referem a Judith Butler no início e no fim da entrevista, mas não se fala do movimento teórico ou políticas *queer*. Abordam ainda a questão de positivar ou utilizar politicamente o termo *travesti*, que é algo que está se desenhando nas falas de Laerte neste contexto, que demarca seu afastamento do clube. Ao mesmo tempo, a cartunista afirma que rótulos não são coisas fixas, mas que devem ser sempre trabalhados, criticados e contextualizados. Sobre a mídia e seu papel político:

Trip: Agora você está na esfera pública relacionado a essa questão. Você já está sendo rotulado e as pessoas vão te mobilizar, vão te chamar, te citar. Você quer ter um papel ativo nisso?

Laerte: Essa conversa aqui, por exemplo, é uma resposta que eu quero dar para esse tipo de coisa. Você não sabe o que rolou de convite, é um absurdo. Ratinho, SBT, praticamente toda a imprensa e as televisões: Gazeta, Rede TV!, Cultura. Na Cultura eu fui, no *Metrópolis*. Me interessam os vários momentos em que é possível rolar uma conversa lúcida. É isso que me interessa agora. Num primeiro momento eu estava dizendo "oi" para todo mundo. E saíram umas coisas que depois eu fiquei pensando: "Pô, não precisava disso" (Ibidem, grifo nosso).

Ressalto que esta entrevista foi publicada no último mês de 2010, ano que ele publicizou sua experiência, três meses antes. Nesta resposta, ela sinaliza que quando passou a ser muito assediada pela imprensa, depois de algumas experiências negativas (programas sensacionalistas e afins), resolveu “selecionar” que tipo de conversa gostaria de ter, como

gostaria de ser “apresentada” etc., seleção essa vinculada a questões políticas, pelo fato de ser uma pessoa pública, com visibilidade e que ao ser rotulada passaria a “representar” determinados grupos.

Trip: Você não se sente à vontade em nenhum dos rótulos?

Laerte: Travesti, acho. Travesti. Me travisto. Ai é que tá. Eu sou um travesti? Isso é uma forma de fechar o assunto. Eu me travisto. Tu te travestes... [risos]. Eu acho que é isso. A coisa é um processo. Não quero fechar: "Sou uma travesti". Outra coisa: sou um travesti ou uma travesti? [risos].

Esse negócio de uso das palavras, travestilidade, travestismo. Recentemente eu soube de um cara, uma pessoa chamada Norrie May Welby. Essa pessoa é a primeira pessoa do mundo a não ter sexo. Ela fez uma cirurgia, depois mudou de ideia e, a rigor, ela tem uma genitália híbrida por operação. Ela nasceu no sexo masculino. Mas estando na Austrália, que deve ser o país mais louco do mundo, conseguiu uma identidade onde não tem sexo.

[...]

Trip: No seu caso, você sente uma confusão de gente que não sabe se te dá um beijo ou um tapinha nas costas?

Laerte: Existe alguma dificuldade de tratamento, se é "senhor" ou "senhora", mas as pessoas não se enganam quanto ao meu sexo, sabem que sou homem. Ao me verem como eu me represento, às vezes vão direto para o "senhora" por gentileza. Acho muito gentil. (Ibidem, grifos meus).

A penúltima pergunta recortada aqui demonstra bem a percepção de que Laerte não se sente bem em nenhum rótulo, pelo menos não totalmente, na medida em que tentar adiar esta classificação ou mesmo modificar o termo utilizado para se definir, nas diferentes entrevistas. Aqui a categoria travesti vai ser apontada como a escolhida, pelo menos temporariamente, pois é um processo, e Laerte não quer se “fechar” apenas num rótulo.

Ao fim, aparece a questão de como as pessoas o “identificam” e se comportam em relação a ele: senhor ou senhora? Ele afirma que há certa confusão em relação a seu gênero, que talvez não devesse existir, uma vez que se apresenta na/de forma feminina, mas não há confusão em relação ao sexo, já que é visto como um homem. A discussão sobre as categorias homem e mulher é uma das poucas que Laerte não faz e também não é questionado, mesmo tendo citado o caso da pessoa “sem sexo” (neutra) anteriormente. Como se “nasce” parece ser algo que não pode ser discutido. A materialidade do corpo não é abordada, mesmo que a entrevista finalize da seguinte forma:

Para saber mais: *Judith Butler (1956) é uma filósofa e professora da Universidade de Berkley, nos EUA. Envolvida com o que se chama de "pós-estruturalismo" fez uma revisão da teoria feminista tradicional em seu mais importante livro, Gender trouble. Neste trabalho, publicado originalmente em 1990, Butler discute como se formam os padrões que definem o sexo e gênero no Ocidente, apontando uma predominância opressora do heterossexualismo que oprime não só as mulheres e os homossexuais, mas outras formas de sexualidade* (Ibidem, grifos do autor).

3.6 “Eu sou uma travesti”

No ano de 2011, não encontrei tantas entrevistas com Laerte em mídia impressa, talvez porque ele selecionou melhor seus interlocutores, talvez pelas limitações inclusive no número de veículos onde pudesse dialogar sobre o tema ou porque privilegiou, por exemplo, a TV e o rádio. Selecionei uma entrevista extensa, publicada no meio do ano, para refletir sobre mudanças nas falas de Laerte com relação ao primeiro ano e também para perceber se o enfoque das questões mudava ou não, a partir do momento que o processo de Laerte deixava de ser “novidade” e se consolidava.

O título já é significativo das mudanças, sejam de apresentação por parte da mídia, seja na forma de Laerte se apresentar. Quase some a noção de *crossdresser*⁸⁸, mas retornam questões sobre fetiche e a noção de que Laerte está desempenhando uma personagem. A matéria conta também com duas tiras da Muriel e duas fotos de Laerte, de vestido xadrez e sapatilha, brincos, colar e maquiagem discreta.

A entrevista, como quase sempre acontece, inicia com a descrição do momento do encontro e também descreve a vestimenta e gestos de Laerte:

Fiquei na dúvida se era você mesmo”, diz Laerte ao me encontrar. “É que eu não usava chapéu”, explico. Ele senta-se à mesa da Padaria Real, em São Paulo, onde eu o esperava. O garçom, calça preta e camisa branca, tenta disfarçar. Finge receber com naturalidade o pedido de uma pessoa que está de unhas pintadas de vermelho, brincos, colar, braceletes e minissaia jeans, mas ordena com voz de homem:

- Um café carioca, por favor.

Seus dedos gordinhos são bastante femininos. E as unhas impecavelmente vermelhas. Os adereços são étnicos, inspirados em padrões indígenas. O cabelo vem até os ombros. Mas nenhum gesto, nenhum tom de voz, nenhuma palavra lembra o feminino. Laerte pensa como mulher e fala como homem (SOLNIK, 2011).

Como podemos perceber há uma ênfase em descrever a forma de Laerte se vestir e se comportar, como que procurando o que há de feminino e masculino, marcando bem os dois aspectos, para mostrar talvez que não é uma coisa e nem outra. A entrevista inicia com oito perguntas e afirmações sobre sua obra como cartunista, elogiando o seu trabalho e o diferenciando dos demais artistas brasileiros da área. Até que, de repente, surgem as perguntas sobre gênero e sexualidade:

Brasileiros: Agora, escuta, esse personagem que é você... com tua roupa...

Laerte: Não é personagem.

Brasileiros: É o que eu queria saber. É um personagem?

⁸⁸ Neste mesmo ano, em Porto Alegre se publica uma entrevista com Laerte no Jornal Tabaré com o título “eu poderia ser bissexual com qualquer roupa” onde Laerte critica o uso da palavra *crossdresser* para identificá-lo, como a entrevista a princípio supunha e reitera algumas vezes.

Laerte: Não, sou eu atendendo a um desejo íntimo e antigo.

Brasileiros: Mas como pintou esse desejo?

Laerte - Ah, sei lá. É antigo.

Brasileiros: E você se diz tímido... E sai assim por aí?!

Laerte: A timidez é sempre pontual... é seletiva... [...] eu tenho timidez para desenhar em público, mas acabei não tendo mais timidez de me apresentar com roupas femininas, por exemplo. Demorou um certo tempo. Foi gradativo... foi gradual... Primeiro, eu descobri que eu queria, já há alguns anos. (Ibidem)

Rapidamente Laerte descarta a ideia de que está representando uma personagem, também não se aprofunda na discussão sobre o início do desejo. Logo depois o entrevistador relaciona sua obra com a travestilidade e uma parte da resposta de Laerte sobre como começou interessa aqui:

[...] Será que você não tem essa mesma vontade dos seus personagens, eu sei que personagem é uma coisa e criador é outra, mas será que você não tem? Pra mim, é claríssimo isso". Eu pensei bastante no assunto, comecei a comprar umas peças de roupa, calcinhas, peças que não aparecem. E comecei a ver o que é um travestimento. E cheguei à conclusão de que ela estava certa, eu realmente ao me travestir, respondo a tantas coisas antigas... A Marina Silva conta que quando ela foi à Assembleia de Deus, ela sentiu como se encontrasse resposta a uma pergunta que ela nem sabia que estava fazendo. Ela disse: "Não é que eu estivesse em uma busca que me aproximasse disso, eu estava em uma busca secreta, meio difusa e aquela igreja me trouxe a resposta. Como se estivesse procurando aquilo a vida toda". Comigo foi uma coisa parecida. Quando comecei a me travestir, me senti como se tivesse chegando a um país que eu conheço: "Ah, eu falo essa língua". Em 2004, fiz essa descoberta de que não só eu quero, como tem muita gente que faz isso. E é possível. Não é proibido. Eu comecei a me vestir privadamente com roupas femininas, reservadamente, a frequentar reuniões onde pessoas como eu se vestem assim e isso foi indo até que eu comecei a deixar isso transparecer em público. Por exemplo, quando eu faço a unha, gosto de ficar com a unha feita. Não tiro. Comecei a aparecer por aí, brincos comecei a usar, comecei a perceber que eu gosto disso, que eu gosto muito (ri) (Ibidem).

A resposta de Laerte remete a questão de uma busca e sobre o encontro de algo que nem sabia que procurava, discorre sobre as possibilidades que se abrem, as restrições que se fecham, sobre descobertas, questão que aparece em outras entrevistas também.

Brasileiros: Mas isso te dá alguma força extra? Você se sente diferente?

Laerte: Me sinto diferente, me sinto mais perto do que eu gostaria de estar, satisfeita com... Não é muito fácil, não é muito simples de explicar. Quando a pessoa começa a se apresentar em público assim, há uma fase de turbulência de emoções e adrenalina – o que vão achar, o que não vão achar -, mas com o tempo isso vai virando uma coisa normal, vai virando o teu cotidiano, e começa a vir à tona um prazer suave e permanente de estar encontrando mesmo o desejo que sempre existiu, essa vontade de frequentar o gênero feminino, principalmente através de roupa, mas não só através de roupa, não só.

Brasileiros: *Maquiagem?*

Laerte: E também o gestual... Não sei, estou buscando um equilíbrio entre meu modo natural de ser que tenho desde criança e esse modo que também é uma espécie de naturalidade que andou escondida até agora. Eu tenho um diálogo aí, uma confabulação. Mesmo porque, quando eu vou atrás de algo feminino, vou atrás de algo idealizado do que é ser mulher, que é uma visão ideal do que é ser mulher.

Tudo isso são construções culturais mesmo e, quando a gente procura representar isso, necessariamente representa ideias que a gente teve de algumas fantasias também. Até isso virar um modo natural de ser, vai um certo tempo, é um aprendizado (Ibidem, grifo nosso).

As sensações e emoções vivenciadas no início do processo de experimentação são abordadas aqui e em outras entrevistas, como a que vimos antes (sobre saltar de paraquedas), o interessante aqui é a percepção de há um modo “natural” que se tem desde criança, mas que é aprendido (se torna natural), e que um modo “natural” de ser mulher também pode ser aprendido, com o tempo, porque são expressões possíveis a todos. A construção aparece aqui com relação a “visão ideal do que é ser mulher” com fantasias e representações que servem de modelo, mas também pode ser compreendida de forma mais ampla, como aquilo que com o tempo - através de uma aprendizagem, reiteração, etc.- passa a ser concebido como natural.

A questão da performance/personagem volta com a equiparação à proposta de Flávio de Carvalho e seu famoso happening/performance⁸⁹, algo que também é mencionado em outras entrevistas, como para o programa de rádio Supersônica, da Rádio Cultura (que consta na tabela apresentada anteriormente).

Brasileiros: Tem alguma coisa a ver com Flavio de Carvalho?
Laerte: Não, Flavio de Carvalho tinha uma ideia avançada a respeito dos transgêneros, mas a ideia dele. Aquele trabalho de 1956 foi precedido de uma série de ensaios em que ele desenvolveu a ideia de uma roupa, de uma arquitetura e um modo visual condizente com uma cultura que estava ascendendo [...] Ele foi atrás de uma possibilidade de vestimenta, mas também de arquitetura, de cultura, de arte, uma visão geral e discutiu isso com outras pessoas, inclusive aquela roupa não foi desenhada por ele, mas por uma cenógrafa, tinha mais gente envolvida nesse projeto. Só que no dia que ele marcou para sair de saia, os outros arregaram. Ele fez um percurso, foi ao cine Marrocos, fez um discurso, leu um manifesto e foi para casa... (Ibidem)

E sobre a suposta possibilidade de violência que pode sofrer, algo relevante, tendo em vista os índices de violência homofóbica no Brasil, e questão considerada importante e que retorna em outras entrevistas (e na fala de sua mãe na entrevista a Piauí) Laerte responde com ironia, para depois problematizar a situação de muitas travestis no Brasil e sobre as reações das pessoas, nas ruas e na internet:

Brasileiros: Escuta, não é perigoso você andar assim? Em São Paulo já houve casos de ataques violentos.

Laerte: Mas não é perigoso vestir a camisa do Corinthians e ir a um bar da Rua Turiassu, em frente ao Palmeiras?

⁸⁹ Quando o arquiteto, engenheiro, cenógrafo, intelectual, etc. Flávio de Carvalho andou pelo centro da cidade de São Paulo, em 1956, usando o protótipo de seu modelo de vestimenta tropical, que incluía saia. Mais informações em “Flávio de Carvalho”.

Brasileiros: Eu jamais faria isso. Você passou por situações perigosas? O cara anda de saia... e tem voz de homem. Você tem voz de homem.

Laerte: Não tento fazer voz feminina...

Brasileiros: Como as pessoas reagem? Há todo o tipo de pessoas nas ruas.

Laerte: Eu não sou sem noção, eu sei que existe esse perigo. Em uma situação sujeita a riscos, procuro estar com outras pessoas, mas para circular de dia, em um lugar como esse, descobri que não tem problema. Não tem. A possibilidade de aleatoriamente eu ser visto e atacado por homofóbicos é muito pequena.

Brasileiros: Fora as pessoas agressivas, como é a reação dos outros?

Laerte: Especialmente depois que eu apareci no Jô, no Altas Horas, as reações têm sido muito favoráveis, eu tenho sido cumprimentado por pessoas que eu não conheço, elogiam minha atitude, só tenho notícia de boas reações. Reações agressivas só tenho recebido pela rede: “Ééé... veado!”, “O que é isso?”, “É feio!”. Isso, para mim, é moleza, até pelo volume dessas coisas, como na rede o jogo é solto, o volume proporcionalmente é muito pequeno. No blog da Globo tem a entrevista no Jô e os comentários embaixo: “O que é isso? Parece uma tia velha!”, “É desculpa, o cara é veado mesmo!”. Mas muito equilibrado com comentários de apoio. Elogiosos. Ou simplesmente apoio: “É isso aí”. Tem de ter liberdade. Apoios à ideia da coisa, da liberdade de expressão. Comentários agressivos são frequentemente anônimos. Nem sempre. Na rede, onde o jogo é livre, os animais se sentem sem peias, a rede está assim, educadinha... Beleza! Eu me sinto em situação privilegiadíssima em relação às travestis que são objeto de uma agressividade absurda, não fossem também objeto de desejo, de procura comercial, já teria havido um massacre. Na verdade, há um massacre, que é disperso, o ataque e morte de travestis no Brasil é muito grande. Existe uma compreensão meio perversa de que é possível o homem se vestir com roupa feminina, desde que ele esteja em uma situação de prostituição, desde que haja comércio, serviços sexuais. Não se concebe uma travesti que seja médica, ou advogada, compreende-se uma cartunista. É meio aberração, mas o modo de lidar com uma coisa dessas é bem diferente, nesse sentido tem sido uma experiência que me faz pensar muito (Ibidem, grifo nosso).

O comentário sobre a voz de homem de Laerte reitera a descrição inicial. Esta última parte é significativa para a discussão que faço aqui, sobre a reação das pessoas, em geral, à exposição pública de Laerte e sua vivência, e como ela se modificou após as aparições na mídia, principalmente em programas de TV que tem mais alcance de público. Laerte é consciente disso, percebe o assédio positivo das pessoas, o apoio à liberdade de expressão. Já o lado o negativo, das críticas e ofensas, ele percebe, principalmente, pela internet, através dos comentários, a maioria de anônimos, em seus vídeos. Acredito que isso se modifica um pouco no ano seguinte, quando ocorre o episódio do banheiro. A questão de se afirmar como estando em situação privilegiada em relação às travestis que se prostituem, de não ser vítima de preconceito e de ser aceita, também é importante e se repete em outras entrevistas.

Brasileiros: Você se sente um travesti?

Laerte - Eu estou travestido! (ri). É esse o problema da palavra. A palavra é usada quase como um sinônimo de prostituição. Então, a carga de demonização, de preconceito, é muito grande. É tão grande que eu resolvi liberar a palavra. Eu e outras pessoas. Resolvemos usar essa palavra mesmo. Eu sou uma travesti, tá? Na verdade, eu não gosto muito dessa coisa classificatória. Eu sou uma pessoa que se traveste. Eu sou um homem que me visto com roupas femininas, frequento o modo de expressão que é normalmente atribuído às mulheres.

Brasileiros: É qual é a relação desse modo de ser com sexo?

Laerte: Ah, não tem nada a ver. Aí, eu teria de entrar na minha atividade, que eu não vou entrar. Eu só declaro o meu nome, número e batalhão (ri). Para efeitos de visibilidade, eu sempre digo que sou bissexual. A minha história é a história de um bissexual. Mas a relação com a transgeneridade, com a vontade de ser travesti não existe. Dentro do universo das pessoas que se travestem, tem de tudo: homossexuais, héteros e bissexuais, inclusive as travestis que vendem o sexo.

Brasileiros - Antes de se travestir, você já era bissexual?

Laerte: Já. Normal. Dizer normal é exagero, foi meio complicado. A minha história sexual sempre foi com homens e mulheres (Ibidem, grifos meus).

Novamente, temos aqui a discussão sobre as categorias e rótulos de classificação. A modificação que noto é que em 2011 Laerte optou pela nomenclatura travesti, com um intuito político vinculado ao preconceito associado a essa palavra. Laerte junto com outras pessoas (dissidentes do clube *crossdresser* e que vão colaborar na criação da ABRAT) passa a se denominar travesti, embora ela reafirme que não goste das classificações, por compreender que neste momento é um uso estratégico, já que se “traveste de mulher”. Ao fim diz que é um homem que se veste de mulher, que “frequenta um modo de expressão normalmente atribuído às mulheres”. “Ser homem” (sexo) parece algo imutável e intransponível, já o gênero parece ser uma prática, um território que pode ser habitado, frequentado ou visitado. Como em outras entrevistas, Laerte separa gênero e sexo/sexualidade, tentando mostrar como no grupo de pessoas que se travestem há diversas orientações sexuais. A partir de agora, seguem apenas alguns trechos da entrevista, que separo por temas.

Sobre estranhamentos e negociações que Laerte estabelece ao sair na rua travestida:

Brasileiros: Você vai à padaria, por exemplo?

Laerte: Vou... Com vestido, com salto, como eu estiver. Eu não ando em casa de vestido e salto, ando em roupas caseiras. Eu vou aos lugares sempre fazendo uma certa negociação, vou onde eu sei como é o ambiente, parte de mim é ousadia, avançar no território, e parte é respeitar sentimentos e reações. É assim com tudo. Com meus pais é assim... [...]

Sobre diferenças entre os sexos e os corpos:

Brasileiros: Você compra calça feminina? Jeans?

Laerte: Ah, sim.

Brasileiros: A anatomia não é diferente?

Laerte: Não, não é. A mulher tem o quadril mais largo, mas e daí? Você pode comprar uma calça que corresponda ao seu quadril. O meu número é 44. Essa saia jeans também.

Sobre causas e origens

Brasileiros: Você tinha essa tendência desde que nasceu?

Laerte: Não era uma coisa... Não me peça para ir muito fundo nisso. Eu não sei identificar detalhes. Muitas pessoas que se travestem têm claro isso desde a primeira infância, aos 4 ou 5 anos, eles se lembram de pegar a roupa da mãe, da irmã, de passar batom, se ver no espelho, esse tipo de relato é corriqueiro na história de qualquer travesti ou cross dresser, como se fala. A minha não é tão nítida. Eu me lembro de gostar da ideia de saias, mas geralmente combinado com algum tipo de fantasia (...) É uma memória meio confusa e não muito nítida, eu gostava de aprender o que as mulheres faziam, como costurar, cozinhar, mas também gostava

de jogar bola, de brincadeiras tipicamente masculinas. Quando fiquei adolescente e entrou em campo o problema de definição sexual, foi mais confuso. Eu me lembro de ter vivido conflitos bem mais intensos, comigo próprio, reconhecendo um desejo homossexual e seus problemas, isso virou uma área conflituosa durante bons anos. Até hoje, não é uma situação completamente resolvida. O fato, por exemplo, de eu ter tido relações sociais com mulheres – casamentos, namoros oficiais – é meio bandeiroso, meio indicativo disso (Ibidem, grifo meu).

Como se viu, a vontade de saber quando “começou” (infância, adolescência) e quando “percebeu” é recorrente e remete à ideia de uma verdade/essência que precisa ser descoberta. Embora Laerte, num primeiro momento, rejeite se aprofundar nestas questões, sempre acaba respondendo, porque é algo que não emerge só da imprensa, mas também dos grupos que frequenta e da sociedade de modo geral, que costumam estabelecer este tipo de conexão entre sexo, gênero, sexualidade e que considera qualquer coisa que se desencaixe da norma, “anormal”, (este tipo de pergunta é normalmente feita a homossexuais, mas não a heterossexuais).

Sobre parcerias afetivo-sexuais e conexões entre gênero e orientação sexual:

Brasileiros: Você nunca morou com um homem?

Laerte: Morei, mas não era meu parceiro sexual. As minhas transações com homem sempre foram clandestinas. Sempre existiram.

Brasileiros: Mas você nunca quis expor?

Laerte: Reconhecer isso publicamente, para mim também era um problema. De certa forma ainda é.

Brasileiros: Mais difícil que a roupa feminina?

Laerte: São duas coisas diferentes, mas é mais difícil que a roupa (Ibidem).

Sobre estranhamentos e negociações que Laerte estabelece ao sair na rua travestida (novamente), sobre o que lhe é permitido em sua “posição privilegiada” e os “rótulos”:

Brasileiros: E maquiado mesmo com batom?

Laerte: Ontem, por exemplo, fui em um evento da Cia das Letras, fui maquiado completamente, com batom.

Brasileiros: Nesses ambientes mais cultos não há ofensas.

Laerte: Nada, só aplausos. Mas o que é um ambiente mais culto? Essa conversa sempre acaba levando para coisas que são ideias prontas. Ah, porque você é considerado intelectual. Então, você é aceito.

Brasileiros: Artista é maluco. Imagina você como executivo do banco: seria demitido.

Laerte: Deveria poder. Eu acho que a gente cede muito facilmente. O que você está dizendo é verdade. Elas são a prova de que existe a tal ditadura de gênero. Eu sou artista, beleza. Eu seria aceito no serviço público? Se eu fosse professor? Médica? (Ibidem, grifo meu).

Sobre direitos, mobilização e posições políticas e novamente sobre “rótulos”:

Brasileiros: Seria demitido.

Laerte: Não é questão de opinião, é um fato. As transgêneras, que é o nome que se dá às pessoas que têm conflito de gênero, que envolvem inclusive de identidade sexual, envolve travestis, transexuais... As pessoas transgêneras, quando começam na puberdade como transgêneras, em geral são reprimidas. Muito frequentemente

são reprimidas até a agressão física. A maior parte das travestis que está na prostituição hoje, passou por coisas escabrosas, como ser estuprada em casa, jogada na rua, ser quase linchada no bairro. Então, o meio social vai cortando as possibilidades daquelas que não se enquadram nesse ponto, de ser expulsas da escola, de desistir de qualquer educação e vão para a prostituição mesmo. Não que a prostituição não seja uma opção de livre vontade, mas acaba sendo, na maior parte dos casos, a única opção possível. Ela vai atrás de ser cabeleireiro, de moda, de atendimento, de depilação, no salão ou coisa assim. É um estreitamento de opções que corresponde a como a sociedade vê as transgêneras. Ah, você quer ser? Você pode ser. Desde que você seja prostituta ou se limite a fazer as unhas e os cabelos das pessoas. É errado isso. Não estou fundando um partido, nem nada, mas acho importante que se discuta isso. Existe uma proposta não sei de quem sobre quotas para travestis e transgêneras em serviço público. A ideia de cotas raciais começou a ser discutida na área do serviço público(...). É tudo sempre discutível, mas acho positivo que se discuta essa possibilidade, que deixe de ser um problema invisível. Hoje, é um problema invisível. As travestis estão lá na rua dando. As pessoas estão aqui vivendo as suas vidas de famílias de bem. Se os transgêneros passarem a forçar esse caminho, a serem visíveis, talvez seja melhor. Talvez seja o momento de fazer isso. O movimento gay americano só conseguiu sair do buraco e enfrentar a legislação agressiva com a visibilidade, com a política do “foda-se” a sua privacidade, meu amigo, se você não sair do armário, não falar com teus parentes e amigos que você é gay, ninguém vai saber que existem gays no mundo. (grifo meu).

Sobre orientação sexual e identidades:

Brasileiros: Quando se fala “gay”, você se identifica como gay?

Laerte: Eu sou bissexual, faz parte, é um contexto que deve ser encarado de maneira única. É um problema que tem de ser visto de forma unificada, por mais que gênero e orientação sexual sejam coisas diferentes, o problema do preconceito e da hostilidade é o mesmo. Então, tem de ser visto. Eu acho que os transgêneros têm de, aos poucos, conquistar, não podem se submeter a essa tirania. Ah, eu não posso ir de unha pintada porque vão falar de mim. Tem um momento em que essa luta tem de virar coisa real.

Brasileiros: A união gay estável votada no STF, o que você achou?

Laerte: Achei que foi um avanço... O contrário disso é admitir que homossexual seja um cidadão de segunda classe [...] (Ibidem, grifo meu)

Laerte afirma a necessidade de se discutir a situação desta parcela da população, as travestis e demais pessoas transgêneras no Brasil, tendo em vista que elas não têm seus direitos garantidos, essa motivação ganha força com a criação da ABRAT, posteriormente. É importante perceber que o termo gay não é assumido e utilizado por Laerte neste contexto, ela se afirma como bissexual e transgênero na resposta, mas afirma que o preconceito que sofre está associado ao sofrido por gays e lésbicas (compartilhamento da experiência da humilhação e do insulto). Perguntas vinculadas ao tema se repetirão em outras entrevistas, e é interessante prestar atenção na mudança das categorias utilizadas, pela imprensa e por Laerte.

Sobre “abrir mão”⁹⁰ da superioridade masculina (gênero maior e menor?):

Brasileiros: Você falou que a nossa sociedade é machista, o homem manda, o homem ganha mais, etc. Você estava nesse gênero maior e passou para o menor?

Laerte: (Ri) Maior ou menor, você quer dizer privilegiado e...

⁹⁰ Na banca de defesa desta dissertação houve um debate com as avaliadoras sobre o tema: será que Laerte realmente “abriu mão” (totalmente) da identidade masculina e da heterossexualidade?

Brasileiros: Você como homem fica em posição de superioridade. Nem falo de salário, porque na remuneração de artistas não importa o gênero.

Laerte: Pois é, muitas cartunistas mulheres ganham mais que eu, algumas como a Maitena, ganha centenas de vezes mais que eu. Mas eu entendo o que você quis dizer. Para os nossos padrões o ideal é ser homem, e homem branco.

Brasileiros: Quando você se apresenta como homem, tem status mais privilegiado?

Laerte: É difícil aplicar essa hipótese no meu caso, porque eu já vivi quase uma vida inteira de uma forma de gênero até agora. Eu tenho 60 anos. Só daqui a dez anos posso fazer uma avaliação desse tipo. Dez anos de travesti... Qual é o balanço da coisa? Nessa altura do campeonato nem me assusta a possibilidade de perder terreno socialmente, porque eu não estou perdendo. Ao contrário, meu Facebook está estourando (Ibidem).

A superioridade ou privilégio da condição masculina (branca, e dá para acrescentar heterossexual, cristã, ocidental...) parece ser reconhecida por ambas as partes. O fato de um “homem” abdicar de um privilégio (de um título de nobreza, como diria Pierre Bourdieu) e se “rebaixar” a condição feminina (se vestir de mulher) é visto como algo estranho, só compreendido enquanto brincadeira de carnaval (inversão de papéis), porque isso é indesejado? (lembrando que a associação entre misoginia e homofobia já foi explicitada por autores como E. Sedwick), isso é forte e aparece em outras entrevistas, mas ao mesmo tempo, é vista de forma diferente em relação ao “caso Laerte” que afirma que seu *facebook* está “bombando”, que tem dado muitas entrevistas, recebido apoio nas ruas, etc. Embora fosse um cartunista reconhecido, não havia antes recebido tanta visibilidade e despertado tanto interesse, ganhado tanto espaço, mas ao assumir a identidade feminina, Laerte se destacou. Por outro lado, talvez a visibilidade alcançada se dê mais pela “estranheza” do gesto, do que por assumir o feminino em “si”. Esta questão reaparece na entrevista que vou analisar referente ao ano de 2012.

Sobre a visibilidade alcançada e suas consequências:

Brasileiros: De um lado tem o espanto de certas pessoas; de outro, é uma atitude corajosa que desperta admiração.

Laerte: Não fiz nada disso pensando em ser bandeira nem nada. Mas que sirva para isso, eu acho legal. Eu sei de pessoas, porque eu continuo frequentando os grupos de travestis e tal, de pessoas que se sentem autorizadas a ousar mais, nem que seja abrir para a mulher, sabe? Às vezes é isso, abrir para a mulher, para os filhos: “Olha, eu gosto... Sabe o Laerte da televisão? Eu também...”. Se estiver adiantando pra isso, já acho um avanço (Ibidem).

Por meio destas falas de Laerte é que posso afirmar que sua proposta tem impactos políticos na sociedade, que tem servido de exemplo para outras pessoas, que sua visibilidade atinge outros sujeitos e abre possibilidades outras, que antes ficavam restritas a alguns grupos (tal como ocorreu com Laerte quando descobriu o clube de *crossdresser*).

Sobre a sexualidade e as “fantasias sexuais”:

Brasileiros: Por outro lado, um homem que se veste de mulher atrai mulheres?

Laerte: Não sei dizer.

Brasileiros: Por que tem o fetiche... bissexual... Você não é objeto de desejo das mulheres?

Laerte: Francamente, não sei. Mulheres e homens têm manifestado apoio, admiração, mas não sei identificar se ali tem desejo – vamos para um motel? -, francamente não sei. Da experiência que eu sei e conheço, acho que existem mulheres que se sentem atraídas por homens feminilizados ou que frequentam, mas é preciso que eles sejam héteros também. Eu não sei se as mulheres quando sentem uma predominância de orientação homossexual investem. Será que as mulheres têm isso? Vou salvar... Será que as mulheres têm isso? Assim como tem homens que têm aquela coisa do “vamos comer aquela menina, ela é lésbica”.

Brasileiros: Agora, vem cá, Laerte, o que é melhor, homem ou mulher?

Laerte: Eu sei lá, cara! Pra transar?

Brasileiros: É.

Laerte: Não sei. Fiquei pensando mais em uma resposta espirituosa. Não tem melhor. Existem homens e mulheres particulares. Se me perguntam se gosto de mulher eu digo: “De algumas”. Gosta de homem? De alguns.

Brasileiros: Mas é o mesmo prazer com homem e com mulher?

Laerte: O prazer não está no homem ou na mulher. Está no sexo, na atividade sexual. Com quem você está fazendo é outro ponto. Depende de tudo, da pessoa, do momento, da música que está tocando... (ri) “Não sei, esse conhaque, essa lua... Eu fico emocionado como o diabo“, isso é do Drummond ou do Manuel Bandeira? Tem cara de Manuel Bandeira... (Ibidem)

E por fim, novamente a ênfase na sexualidade, nos atos sexuais (com quem? como?) relacionando as práticas adotadas por Laerte, para expressar o gênero feminino, com fetiches e fantasias, com as sexualidades “disparatadas”. Essa insistência nos “fetiches” talvez mostre como são percebidas as sexualidades consideradas “dissidentes” no Brasil.

3.7 O episódio do banheiro

Em janeiro de 2012 Laerte se viu envolvido num episódio considerado polêmico e que virou notícia. Em uma pizzaria no bairro Sumaré, em São Paulo, Laerte sofreu discriminação quando um dos sócios do empreendimento lhe pediu que usasse o banheiro masculino, a pedido de uma cliente que alegou se sentir “constrangida” com sua presença no banheiro feminino.

Na imprensa os fatos narrados são basicamente os mesmos, mas a forma de se referir a Laerte muda: “cartunista que se veste de mulher”, os termos transexual, transgênero e travesti parecem que passam a ser sinônimos. Algumas reportagens entrevistam Laerte, os donos da pizzaria e a cliente, citam também a casos semelhantes e a “leis” sobre o assunto. No portal Terra, a manchete era “Transgênero, Laerte é impedido de usar banheiro feminino em SP” (DIAS, 2012); no site da rede Globo “Cartunista que se veste de mulher quer usar o banheiro feminino: a polêmica surgiu na semana passada, depois que o cartunista Laerte usou o banheiro feminino de um restaurante e foi 'flagrado' por uma cliente” (2012); e na Veja “Cartunista Laerte aciona

Secretaria da Justiça contra pizzaria que o barrou no banheiro feminino” (AZEVEDO, 2012), entre outras. Selecionei alguns trechos das matérias para contextualizar a situação:

[...] A polêmica surgiu na semana passada, depois que o cartunista usou o banheiro feminino de um restaurante e foi, digamos, flagrado por uma cliente. “Ela alegou que eu sou homem e preciso usar o banheiro de homem”, comentou o cartunista. O gerente do restaurante fez o mesmo pedido. Só que Laerte usava maquiagem, roupas femininas e não se sentia à vontade no banheiro dos homens. “Eu sou uma pessoa transgênera e quero usar o banheiro feminino”, defende Laerte Coutinho. O cartunista já foi casado, tem dois filhos e uma namorada. Sim, namorada. Ele se define ao mesmo tempo como travesti e bissexual. “Essas mulheres não podem se sentir constrangidas pelo fato de você ter atração por mulher também?”, pergunta o repórter. “Não importa. Como é que elas se sentiriam com uma lésbica dentro do banheiro?”, rebate o cartunista. Laerte Coutinho compara a luta dos travestis de hoje com a luta histórica dos negros americanos por direitos civis. “Nos Estados Unidos, na década de 1960, teve de vir a força federal. Teve de a guarda nacional garantir o direito de crianças negras entrar na escola”, citou o cartunista. Ainda que o assunto seja incômodo para muita gente, as questões exigidas pelo cartunista Laerte são cada vez mais levadas a sério no Brasil. Já existem leis estaduais prevendo até o fechamento de estabelecimentos comerciais que promovam algum tipo de discriminação. Na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), discute-se – com ânimos exaltados, obviamente – um estatuto que, se aprovado na OAB e depois no Congresso em Brasília, ampliaria os direitos de travestis e transexuais país. Eles poderiam, por exemplo, usar o banheiro feminino em qualquer lugar do país. (...)Depois do incidente, o cartunista procurou a Secretaria de Justiça de São Paulo e foi orientado a exigir o que considera serem os direitos dele. Não vai entrar na Justiça, porque não considera que houve dano moral. “Não é bandeira ou causa. É a minha vida, é a minha vida e eu vou lutar por ela. Vou fazer valer meus direitos”, afirmou Laerte Coutinho. Laerte não pensa em mudança de sexo nem de nome. “Você tem um nome feminino?”, pergunta o repórter. “Eu tenho. É Sonia, mas é mais para o circuito dos clubes e fóruns que eu frequento. Eu uso Laerte mesmo”, comenta. O cartunista pretende brigar pelo direito de ser Hugo ou Muriel no banheiro que bem entender. (2012, grifo meu).

[...] cartunista acionou a Secretaria de Estado da Justiça. O objetivo de Laerte é garantir o direito de usar o banheiro feminino a travestis e cross-dressers como ele. “Minha meta é conseguir o entendimento sobre o direito que foi ferido e o compromisso de uma atitude positiva em relação a ele -- nada de processos, indenizações ou de portas lacradas”, diz. O cartunista, que se veste de mulher, adota por vezes o gênero feminino. No Twitter, por exemplo: na última quarta-feira, comentou o episódio fazendo uso do gênero feminino. “Na pizzaria Real, no Sumaré, sou instada a não usar mais o banheiro feminino, a pedidos de uma freguesa. Não volto mais lá.”

Mediante ação da Secretaria da Justiça, a pizzaria pode receber uma advertência ou uma penalidade, que varia de uma multa à cassação da licença para operar. Procurado, o sócio do estabelecimento, Renato Cunha, se mostrou confuso com a repercussão do caso. “Eu me senti na obrigação de conversar com o Laerte, porque a cliente pediu muito, mas, no meu ponto de vista, ele não fez nada de errado ao usar o banheiro feminino. Ele me explicou que era cross-dresser, travesti, não sei, eu não entendo muito dessas coisas”. (AZEVEDO, 2012)

[...] Laerte, que se veste de mulher desde 2010, afirma que nunca passou por uma situação como essa. “E daí que ela estava com uma criança? O que a criança viu que não poderia ver? Banheiro é uma das áreas mais tabus que existe. Você não vê genitália, gente pelada”, disse. Após o aviso da direção da casa, ele chegou a conversar com a mulher. “Ela não entendeu a existência do transgênero. Para ela, travesti é uma espécie de sem-vergonha, um transformer, um palhaço. Eles estão desinformados. Com boa ou má fé, eles estão praticando o preconceito”, afirmou o cartunista (...) Laerte disse que está estudando acionar a Lei 10.948 sobre o caso. “Estou me instruindo e municiando de informações para saber o que fazer. Queria que a casa compreendesse a violação do meu direito, se retratasse e eu pudesse

voltar a usar o banheiro", pediu. **Polêmica:** Segundo a Lei 10.948, é considerado ato discriminatório proibir o ingresso ou permanência de homossexuais, bissexuais e transgêneros em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado. A questão do uso do banheiro por travestis, transexuais e transgêneros sempre foi polêmica. Em 2008, um travesti ganhou o direito de usar o banheiro feminino na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ainda no Estado, uma proposta chegou a ser aprovada em 2005 para criação de um banheiro exclusivo para travestis (DIAS, 2012, grifo meu).

Estas foram apenas algumas das notícias. Além da imprensa tradicional, Laerte também repercutiu o fato nas redes sociais e desenhou tirinhas da Muriel passando por situação similar, abordou o caso na TV e em revistas e jornais, o episódio rendeu até mote para filme. Laerte, assim como outros intelectuais trans ou *queers*⁹¹ passou, desde então, a problematizar o fato do banheiro ser um dos principais espaços de manutenção dos tabus de gênero e sexualidade se referindo a ele, em outro contexto, como “a altar dos heterossexuais”. Como visto nos trechos selecionados, Laerte reivindicou seus direitos e respondeu problematizando as formulações que pareciam tão “naturais”, vinculadas a sexo, gênero e sexualidade - é homem? mas é hétero? é operado? “mas se fosse uma mulher lésbica?” - ao não se enquadrar em algo reconhecível (não entendo muito dessas coisas, disse o sócio da pizzeria) para algumas pessoas ou mesmo algo não legítimo (*crossdresser*, travesti ou transgênero) para as “famílias”, Laerte passa a ser indesejada em alguns espaços.

Não é em todos os ambientes que sua presença é permitida ou que seus direitos são plenamente reconhecidos. Nas entrevistas vistas antes, Laerte afirma que, pelos menos até então, não havia sofrido violência ou preconceito discriminatório, que tinha sentido mais aceitação do que rejeição, mas não foi o que aconteceu naquele contexto. Em blogs de opinião e nos comentários das notícias em sites de internet, podemos perceber rapidamente como a “pretensa” aceitação de Laerte talvez seja algo que se restrinja a alguns grupos ou algo que pode ser tolerado desde que “não vá ao banheiro” ou que se crie o “terceiro banheiro” (para o terceiro sexo? para os “anormais”?). Laerte, em outros momentos, deixa claro que não quer o terceiro banheiro discriminatório, mas quer banheiro unissex.

As colunas de opinião e comentários ajudam a compreender melhor este aspecto:

Não, Laerte, você não pode! No que diz respeito ao banheiro, você é homem, rapaz!

É quase inacreditável que eu me veja compelido a tratar de determinadas questões aqui, mas fazer o quê? Certas expressões extremistas das minorais agora decidiram que a democracia — que lhes garante, felizmente, a liberdade de expressão — é só uma etapa a ser superada por microditaduras — justamente as microditaduras das minorais. Santo Deus! Vou falar do caso do cartunista Laerte,

⁹¹ Como o texto, intitulado Sujeira e Gênero. Mijar/Cagar. Masculino/Feminino de Beatriz Preciado (2011) que circulou amplamente na internet.

que é “Sônia” de vez em quando. Problema dele! Se ele quer, no entanto, usar o banheiro das mulheres quando está “montado”, aí o problema é nosso, de todos nós: homens, pais, mulheres, mães, filhas, meninas. Laerte vai ter de entender que não é dono do regime democrático. Daqui a pouco (AZEVEDO, 2012).

Comentários:

Adoro as tirinhas do Laerte, mas como mulher ela ou ele ficou ridículo: uma balzaquiana, feia, velha, decadente, inspirada na Re bordosa [sic]... mas que não convence... não se trata certamente de um Roberta Close [sic]... é só uma doida desequilibrada, precisando de tratamento...

Reinaldo,

Laerte [sic], com seus surtos psicóticos/transjecas [sic], anda protagonizando cenas bizarras; verdadeiras Horas do Espanto. laerte é personificação do grotesco: como homem, como pai, como cartunista – sua arte é de um primitivismo grotesco – e agora tentando se passar por mulher; que vergonha para seus filhos. Esse precisa de um tratamento [sic] PP: Psiquiátrico&Policial. Então caso se depararem com a figura ELE&ELA, chamem a ambulância dê um manicômio e acionem o 190. Mas não o deixem entrar no WC Feminino [sic]: Este, é só para meninas e mulheres. Pais, maridos e namorados; caso vejam o malandro e folgado por perto, ponham-no pra correr!!!... Será que é mais um caso de Transtorno Bi....polar [sic]???

Ele e outros como ele, têm o direito de ser o que quiser, mas usar banheiro feminino é extrapolar nos seus direitos. Isso pode inspirar bandidos travestidos entrar para assaltar nos banheiros femininos. Ai minhas jóias! Um terceiro banheiro seria a solução.

Há um excesso na defesas [sic] das “liberdades” que, sinceramente, enche o saco. A anatomia é o destino no banheiro, bebê!

O laerte [sic] já foi um grande cartunista, provavelmente o melhor da safra 80, mas infelizmente fica claro que a demência tomou sua mente... lamentável fim de carreira, ...

Amado tio Rei,

Vc [sic] não sabe com q alegria vejo um posicionamento seu acerca desse episódio! Já fui atacada até aqui no trabalho por me colocar contra o tal Laerte! Tristes costumes estes q nos levam ou a acatar tudo o q queira o movimento gay ou a ser tachado de homofóbico

Ai Reinaldo, que coisa mais século 20 ficar preso aos gêneros! Como vc [sic] é retrógrado!

Essa tal de Laerte não precisa [sic] de lei para defende-lo [sic], mas precisa de saúde mental, o problema dele é pra ser tratado por psiquiatras [sic] e não por juristas. O legislativo precisa [sic] urgentemente parar de taratar [sic] de questões [sic] dessa natureza, porque aqui no Brasil, num futuro não muito distante, quem for normal sera [sic] a coisa mais esquisita do mundo

Ainda existe Juqueri? Manda o Laerte para lá. Podia ir junto com a Rita Lee, os 2 surtando depois e muita carraspana

Aqui fora, homem em banheiro onde entra uma garota de 10 anos é pedofilia ou voyerismo. Isso é coisa de tratamento psiquiátrico.

Tempos atrás vi o Laerte em entrevista à Marília Gabriela: escatológico. O grande problema, entretanto, é que isso não é simples desvairio [sic] do sujeito. Isso tudo é método. É o movimento revolucionário na essência, o kit gay para as crianças, as máquinas de camisinha nas escolas, o abortismo... A subversão e destruição dos valores para criação de um estado de amoralidade e anomia [sic] em que o único norte é o partido... (Ibidem, grifos meus).

Selecionei alguns comentários que sintetizam bem o que se disse sobre o episódio narrado. Abaixo da coluna da revista *Veja*, muitas opiniões se repetem e por isso selecionei algumas que sintetizam as ideias principais (repetidas): a atitude de Laerte é considerada ou associada predominantemente à loucura, pedofilia, “ditadura gay”, sem-vergonhice, etc. Apenas um comentário, dos primeiros sessenta, se mostra discrepante dessa opinião. As noções de transgeneridade, travestismo ou transexualidade passam longe desta argumentação e do respeito ao direito de usar o banheiro que se quiser. Grande parte dos argumentos apela para a noção de sexo (o verdadeiro?), biologia como destino e também questiona o fato de Laerte não ter “se operado”, se dizer heterossexual ou bissexual (não gay), logo, não pode usar o banheiro feminino, destinado as “mulheres de verdade” (ou, no máximo, para as “operadas”).

Colunas com opiniões semelhantes as do Reinaldo Azevedo se espalharam pela internet, em blogs independentes diversos (alguns com posições religiosas) e mesmo em veículos de comunicação considerados mais “progressistas” há opiniões semelhantes, que consideram absurdas as reivindicações de Laerte e deslegitimam sua experimentação⁹². O objetivo foi apenas mostrar outro lado da visibilidade alcançada por Laerte, a maneira como parte importante da imprensa (e alguns leitores) o compreendem/analisa, mostrar que além da aceitação e curiosidade, que notamos nas entrevistas, também ocorrem notícias e opiniões que o retratam como “anormal”, “louco” ou “estranho” sem demonstrar interesse por seus argumentos e seu ponto de vista. Diferente das entrevistas e de parte dos entrevistadores que analisei até aqui, estes acima não percebem nada de interessante na experimentação de Laerte, até porque não objetivam e nem querem que ocorram mudanças na área de gênero e sexualidade. A posição essencialista, mais reducionista, é a preponderante aqui. Não há espaço para questionamento de normas e muito menos para a subversão. Só parece haver espaço para o preconceito e o desrespeito, para a construção da abjeção, das margens e das fronteiras.

⁹² Ver a coluna “O cartunista fantasiado” de Luciano Martins Costa (2012).

3.8 “Me trate com respeito”: em um depoimentos exclusivo, Laerte questiona padrões e diz que o conceito de gênero não passa de uma construção cultural

A entrevista com Laerte foi matéria de capa da Revista Continuum (Itaú Cultural) (COSTA; MENDES, 2012)⁹³ e, portanto, a principal. Laerte aparece em uma grande foto de seu rosto e colo em primeiro plano: com maquiagem discreta, vestindo camisa xadrez, blusa com renda e usando colar colorido e brincos, com a mão na face, tapando parte da boca. Com destaque para a sua pulseira, anel e as unhas pintadas.

A “reportagem” que mistura descrições, perguntas, respostas, temas e um box⁹⁴ com outras informações sobre a entrevistada, também lança mão das tiras da Muriel e de fotografias de Laerte para construir um quadro amplo sobre a sua experimentação. Com relação ao contexto, é importante destacar que esta edição de Outubro-Novembro de 2012 já se dá ao final do ano onde a “exposição midiática” de Laerte teve um fato marcante, o episódio do banheiro, que como apresentado anteriormente, gerou muita polêmica e debates.

A descrição inicial é bem convidativa, apresenta Laerte em linhas gerais atraindo o leitor/a a conhecer melhor sua proposta:

As questões de gênero não cabem mais em conceitos simplistas. Homens fazem a sobrelha e mulheres governam nações. Mesmo assim, no guarda-roupa masculino não cabem laços, rendas e babados e, para um garoto, ser feminino costuma gerar repreensão.

Imagine então ser um bem-sucedido profissional, pai de família, e resolver vestir-se de mulher. Se a proposta parece improvável, conheça mais sobre o cartunista Laerte Coutinho, de 61 anos.

Ele é um mito dos quadrinhos brasileiros, com uma trajetória de luta contra a ditadura militar e produção admirável. Acaba de concorrer ao prêmio de melhor atriz em um festival de cinema brasileiro e conversou com a Continuum sobre sua experiência pessoal e impressões a respeito de como a sociedade determina e tolhe o comportamento das pessoas (...)

(descrição sobre a roupa que Laerte vestia)

Em sua fala, mescla o próprio gênero, empregando ora o artigo masculino, ora o feminino, com naturalidade. “Estou farta de ouvir: não sei como devo chamar você, de ele ou ela. Isso não importa! Me tratem com respeito” (Ibidem, grifos meus).

A utilização do pronome masculino ao se referir a Laerte é algo que chama atenção e é tema inclusive de perguntas que originam o título dado a entrevista “me tratem com respeito” Esta também é a escolha da maioria das entrevistas, inclusive as da televisão. Outro detalhe

⁹³ Era uma revista impressa de distribuição gratuita e disponibilizada também online no site do instituto Itaú cultural, que existiu de 2007 a 2013, voltada para o mundo das artes em geral.

Disponível em <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/10/Revista_Continuum-39.pdf> Acesso em: 21 jun. 2014.

⁹⁴ Box ou caixa: Um box é um espaço graficamente delimitado que normalmente inclui um texto explicativo ou sobre assunto relacionado à matéria principal. Sobre isso ver “Diagramação”.

recorrente e que também aparece nesta entrevista é a ênfase na descrição da roupa utilizada por Laerte, a maquiagem, os acessórios femininos.

A matéria mescla questões diretas com tópicos temáticos, e inicia com a já clássica pergunta “O que é crossdressing?” que como já discutido, é recorrente desde 2010, embora Laerte já tenha começado a se afastar do termo e tenha declarado isso desde 2011, em outras entrevistas. E segue com questões sobre o “começo”, a transformação do corpo, a “mudança de costumes”...

Laerte começa reiterando sua crítica ao termo *crossdresser*, afirmando que o “detona” discutindo as noções de transgeneridade e de travesti e abordando o conceito de gênero:

O que é crossdressing?

Detono o conceito crossdressing. É um termo que nasceu nos Estados Unidos para grupos de homens heterossexuais transgêneros. A transgeneridade é um termo guarda-chuva, define pessoas que manifestam conflito de gênero ou identidade sexual e as separa das travestis. Ou seja, os caras mantiveram o estigma sobre a homossexualidade e criaram os clubes de crossdressing.

A palavra migrou para o Brasil. Perdeu muito do sentido sexista e ganhou um conteúdo classista, típico da nossa cultura. Quem se diz crossdresser quer manter um status de normalidade, não quer ser visto como travesti, homossexual. Aí parece um hobby, do tipo ‘faço escalada e crossdressing’. Isso não me serve porque esse é o modo como me visto normalmente, não é mais algo que eu pratique, é o meu modo de expressão. Não tenho mais roupas masculinas.

Se você digitar CD ou crossdressing, no Google, vai achar sites de pessoas que fazem programa, implantes e modificações corporais. Se aprofundar o conhecimento sobre as travestis, vai saber que muitas não alteram o corpo, não fazem programa, ou não gostariam de estar fazendo. São contingências sociais que precisam ser reconhecidas. Não podemos fazer das palavras trincheiras ou usá-las para isolar determinados grupos.

Meu objetivo é uma situação na qual não existam separações. Essa vivência me leva a pensar e descobrir a dimensão do gênero. Por que as condições biológicas determinaram um edifício cultural tão absolutamente sólido e muros intransponíveis?

Gênero é uma construção social que faz parte da cultura e não da biologia. As possibilidades são inúmeras. Que tipo de futuro aguarda o ser humano em relação a esses costumes? Vamos continuar chamando determinadas coisas de femininas e masculinas? (Ibidem, grifos meus).

Neste contexto é evidente que Laerte já rompeu com a perspectiva e com o clube *crossdresser*, não só afirma que o termo não lhe serve mais, como o problematiza com relação a sua história e a sua apropriação no Brasil. O termo serviu, segundo Laerte, para não abordar a questão da homossexualidade e afastar este grupo das travestis, esta separação é vinculada a questões sexistas e classistas, que tentam manter a “normalidade” do grupo/clube. Além disso, a expressão designa quem utiliza roupas femininas de forma restrita, em determinados espaços e tempos, como uma prática, diferente da proposta de Laerte, que já nesta fase, em que não possui mais roupas masculinas, se expressa desta forma em tempo integral. Não é

algo que se faz, mas é um “modo de expressão”. Interessante esta escolha, Laerte também não diz que é algo que ele “é”, mas sim como se expressa.

Além disso, ele problematiza e mostra como este universo é mais amplo e complexo, o que é *crossdressing* mesmo? E travesti? São múltiplas definições, as pessoas se apropriam do termo, o utilizam de diferentes formas e conforme as contingências sociais, uma proposição que demonstra extrema lucidez e compreensão da “realidade”. Mas pensando que estes dois termos, *crossdressing* e travesti, também se referem à categorias identitárias, quando Laerte afirma que não se pode fazer das “palavras” trincheiras e nem usá-las para excluir as pessoas/grupos, ele parece (ou assim pode ser lido) estar falando de identidade também, mas como algo que não pode ser fixo, estável, exclusivo e excludente, com um único significado. A identidade assume outro significado, mais amplo e próximo daquilo que Stuart Hall denominou identidade sob rasura. A discussão sobre os problemas da lógica identitária faz parte dos debates teóricos dos estudos e das políticas *queer* que demonstram que, embora as identidades tenham sido necessárias em determinados contextos, elas também demarcam, excluem e capturam as pessoas e suas vivências, restringindo, normalizando.

Acredito que posso compreender ou ler desta forma a afirmação porque ela se relaciona a ideias que perpassam diversas entrevistas com Laerte, a estratégia inicial de tentar fugir ou adiar estas classificações, as perguntas sobre o que é. Esta definição e classificação é algo complexo, múltiplo, volátil, em processo, sempre em discussão, avaliação, sobre o qual se pensa, se reflete, se critica. Essa relação consigo mesmo e com sua conduta, ética e política, aproxima Laerte, ao meu ver, da tentativa de criar um modo de vida não fascista, ou seja, reflexivo, coerente, que não “se apaixona pelo poder”, que tenta combater o fascismo macropolítico e histórico e domar os microfascismos cotidianos e “internos/pessoais” “o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora” (FOUCAULT, 1977). Uma “Arte de viver contrária a todas as formas de fascismo” a isso se denomina estéticas da existência “constituição de si e das relações com o outro orientadas pela temperança, pela autonomia, e pela expansão das práticas da liberdade” que dessa forma possibilitaria a “criação de modos de vida libertários” (RAGO & VEIGA-NETO, 2009, p. 10).

Isso se reflete ainda em outras partes das respostas de Laerte “meu objetivo é uma situação na qual não existam separações” esta discussão o levou ao termo gênero e aos binômios masculino x feminino e cultura x biologia, questionando o que o futuro nos aguarda, já que as possibilidades são múltiplas, o que vai mudar em relação a esses “costumes”? Claramente ela ambiciona outra vivência, outra forma de vida, outra sociedade, outra maneira

de compreender estas “diferenças”, embora não questione totalmente esta dicotomia entre o que é “natural” e o que é “cultural” (abordado extensamente a respeito das perspectivas teóricas construcionistas, em outro capítulo).

A entrevista segue explorando “o começo” onde Laerte aborda assuntos que já apresentados em outras entrevistas: as mudanças em sua obra, crises, a transformação de Hugo em Muriel (que agora esta mais para Muriel e esse é o nome do blog) que serve como reflexão para o que ele esta fazendo nessa direção. Descreve sua iniciação no *crossdresser* com a visita a um estúdio exclusivo para isso, tema que será explorado longamente na entrevista a revista Piauí (SILVA, 2013), no ano seguinte, onde se depilou, se maquiou, se “montou” e tirou fotos:

O primeiro passo foi a depilação, com cera quente. Um momento de redenção, de se sentir descoberto. Ver meu corpo sem pelo foi como me ver sem uma coberta. Na segunda sessão, eu me vesti com tudo que ela propôs: sutiã com prótese, maquiagem etc. Ela fotografou, me deu liberdade.

Normalmente o homem transgênero não tem muita noção e explora determinados modelos, personagens. Tenta parecer Marilyn Monroe, atrizes, cantoras. Nesse ponto, está muito perto da realização de uma fantasia...

Tenho 61 anos e é agora que estou assumindo essa expressão. Roupas, maquiagem. Isso vem desde que me entendo por gente, mas sempre falou muito forte o lado da regra, da proibição, do crime e do pecado. Não só na questão de gênero como também na da orientação sexual. Demorei muito tempo até ficar em paz com a ideia de que também sou gay, que há isso em mim.

Provavelmente, muito do desejo de aproximação que sentia por mulheres era um desejo de aproximação do modo de ser feminino. Eu me pergunto se isso também não é o que move os famosos “casanovas” por aí. Quanto de um garanhão, comedor, não é também transgeneralidade? (Ibidem, grifos meus).

Permeando suas falas aparece a questão do corpo, vinculado às percepções de gênero, se aproximar da experiência feminina é se aproximar também de um conjunto de práticas que constituem o que se considera a feminilidade. Entre estas, uma marcante na sociedade⁹⁵ é a depilação. Para Laerte esta experiência que, para muitas pessoas, é considerada traumática, é vista como “redenção” e “descoberta” (do corpo descoberto, de si mesmo), a partir desta sensação e descoberta, a cartunista pode começar a se cobrir com as roupas femininas, já que os pelos são vistos como uma espécie de “roupa” que veste os corpos (no caso, somente os masculinos⁹⁶) e também constitui a masculinidade. Dessa forma, a prática da depilação pode

⁹⁵ E contra a qual o feminismo contemporâneo tem sido muito crítico, considerando inclusive tortura e submissão. Entretanto, esta tem sido uma prática também cada vez mais procurada por homens (heterossexuais e homossexuais), mas sem a necessária obrigação, como ocorre com as mulheres.

⁹⁶ Para uma discussão interessante sobre pelos, ou melhor, sobre como nos tornamos “mamíferos” ver o interessante artigo de Londa Schienbinger (1998), sobre os debates na taxonomia e como Lineu venceu a disputa científica de denominar nossa espécie com a característica da fêmea (no contexto de campanha pelo aleitamento materno na França), ao invés de uma denominação mais coerente com ambos os sexos da espécie, entre elas, uma característica predominante é a existência de pelos, nos machos e nas fêmeas.

ser vista como uma tecnologia de gênero⁹⁷, que produz gêneros e corpos, e diferencia os “sexos”. Laerte também fala da adoção de modelos femininos, como por exemplo, Marilyn Monroe, por parte de homens transgêneros, o que para muitos tem um viés de fantasia, mas que não parece ser o caso dele. Não posso deixar de notar que uma questão semelhante a essa, sobre “fetiche”, foi abordada em outra entrevista e foi rapidamente recusada por Laerte, em relação ao seu “caso”.

É interessante notar como neste contexto Laerte aborda a questão da sexualidade de forma diferenciada, se antes frisava a diferença entre gênero e sexo/orientação sexual e sexualidade, agora ele aborda isso de forma mais “tranquila” (não sei se houve uma pergunta direta em relação a isso, esta parte da matéria se divide em tópicos temáticos e não em perguntas), ao invés de dizer que ele é bissexual, ele afirma que “também é gay”, “também é homossexual”, que também há isso nele. Poderia ser compreendido como quase a mesma coisa, mas não parece ser (as escolhas sobre as definições são cuidadosas), não é que apenas ele goste ou se relacione com pessoas de ambos os sexos, se definindo na categoria bissexual, mas afirma que também é gay (entre outras coisas que ele também é ou não é), também é heterossexual, também é homossexual, também é bissexual... assim como qualquer pessoa também pode ter tudo isso em si ou “ser/praticar”. Como diria a filósofa Beatriz Preciado, “a sexualidade é como as línguas, todos podem aprender várias” (2010).

Sobre o tema da bissexualidade como identidade e as acusações de ser algo ambíguo e problemático, Fernando Seffner (2003), em sua tese de doutorado, “encontrou” não a bissexualidade masculina como pensou que encontraria no início da pesquisa, mas sim a masculinidade bissexual, porque embora apresentassem diferentes discursos e motivações a respeito de suas escolhas sexuais, todos os grupos pesquisados demonstravam temor em atravessar o domínio de gênero, ou seja, em serem vistos e/ou percebidos como femininos/mulheres, e enfatizavam a manutenção de sua masculinidade, desconectando sexualidade e gênero de forma diversa e inversa em relação ao caso de Laerte.

Como discutido a partir de outras entrevistas, a cartunista insiste em afirmar que as categorias gênero e sexualidade não andam juntas necessariamente, e afirma seu interesse na transgressão de gênero, se aproximar do feminino e não na questão sexual, pelo menos naquele contexto, embora já se declarasse bissexual desde 2004. Na parte final da “resposta” Laerte também fala sobre seu desejo antigo de estar próxima a mulheres, questionando se sua “heterossexualidade” e suas relações com as mulheres, não eram um anseio de se aproximar

⁹⁷ Assim como os hormônios, para Preciado (2008).

do “modo de ser feminino” e faz um questionamento provocativo, perguntado o quanto um “pegador” teria de transgênero.

A bissexualidade e a homossexualidade estão à margem da heterossexualidade, do ponto de vista do sistema heteronormativo, como aquilo que deve ser evitado. As duas categorias geram apreensão, mas a bissexualidade, por ser compreendida como algo “entre” os dois polos, e pode ser ainda mais preocupante por não se enquadrar na dicotomia e nas classificações da norma. Seres híbridos costumam ser considerados perigosos e são historicamente associados a “seres monstruosos”, esta vinculação guarda relação com a temática da abjeção, já que questões como sexualidade, gênero, raça e cultura são catalisadores para a construção de “monstros” (COHEN, 2000, p. 36) que dramatizam o que é reprimido na sociedade (DONALD, 2000, p. 110).

Laerte também relata algo comum entre homossexuais que se sentem pressionados pela proibição, a ideia de crime e pecado. A experiência da injúria, vergonha e humilhação é algo fundante na experiência dessas pessoas, como ressaltado por Miskolci, ao de homossexuais e outros abjetos (MISKOLCI, 2009). Abjeção que se relaciona com o reconhecimento de que se está sob perigo constante, por estar na fronteira e na ambiguidade (KRISTEVA, 1979 apud DONALD, 2000, p. 125).

Esta discussão talvez ajude a melhor compreender um dos aspectos que parecem essenciais em relação a Laerte, o fascínio e a curiosidade, mas também a rejeição que sofre. Por que tanto interesse em sua figura? O abjeto pode combinar julgamento e afeto, condenação e desejo. Assim haveria uma afinidade entre o abjeto e o sublime: ambos perturbam a identidade, o sistema, a ordem (DONALD, 2000, p. 125). A abjeção é aquilo que não respeita fronteiras, posições, regras, mas que também é percebido como o “outro”, aquele que ameaça a identidade central (Ibidem, p. 110) e também aquilo que revela a fragilidade da lei, “é o lugar no qual o significado entra em colapso” (Ibidem, p. 125).

Dessa forma, a abjeção se relaciona à experiência da repressão, mas também abre possibilidades para a subversão das normas, foi assim que ocorreu com as políticas *queer* e sua apropriação positiva de uma ofensa, para deslocar o foco. Richard Miskolci (2009) resalta que há diferentes formas de se lidar com a experiência da abjeção e com o estigma: pode se permanecer no “armário”, se auto-aniquilar, ou se pode tentar subverter as normas. O sociólogo brasileiro ao falar do início do empreendimento *queer*, aborda as vinculações entre a obra de G. Rubin (1984), “Pensando em sexo” e E. Sedwick (1985) “*Between men*” afirmando que ambas têm em comum o intuito de “compreender o misto de atração e repulsa que a cultura ocidental desenvolveu pela sexualidade e pelo desejo não normativo”

(MISKOLCI, 2009, p. 328), afirmando que a obra de Rubin foi uma das primeiras relacionadas ao pânico moral associado à sexualidade, já a segunda, foi a obra fundante dos estudos *queer* com sua ênfase na analítica da normalização. Ao abordar as relações entre a perspectiva *queer* e a obra de Michel Foucault, este autor destaca a conexão entre exclusão e transgressão, ou seja, assim como ocorre com a questão da abjeção, que apesar de se referir ao excluído, aquele que está à margem, também conforma o centro, e o ameaça constantemente.

O tema do corpo continua no próximo ponto temático abordado na entrevista, intitulado “A transformação do corpo”:

Existe uma cultura de transformação corporal que, para mim, é meio assustadora. Adaptações ósseas, reconstrução facial, tirar o gogó. Tenho respeito e admiração pelas pessoas que fazem isso. Mas não sei se faria. Parece difícil e dolorido.

A prática me fez escolher melhor as roupas e o que visto. Por exemplo, tinha uma prótese de bunda que usava com calças, para ficar com o quadril maior. Não uso mais. Penso meu corpo como ele é e escolho roupas mais adequadas para minha expressão. O modo como a gente se veste é um modo de expressão.

Em casa tenho sutiã com prótese, mas não dá para usar com qualquer roupa. Depois, comecei a gostar do meu corpo sem peito também. O que tenho considerado é colocar próteses de silicone. Não colocaria bunda nem tomaria hormônio porque, na minha idade, não funciona mais.

A gente gasta com o que precisa. Uso laser para fazer a barba e creme antirrugas, mas gasto mais grana com a minha gata, Celina, que é paraplégica. Levou um tiro de chumbinho há cinco anos e perdeu o movimento das patas de trás. (COSTA; MENDES, 2012, grifos meus).

Neste trecho fica clara a afinidade que Laerte estabelece com relação às modificações corporais e a escolha do vestuário, expressando o “processo em andamento”, não usa mais a “prótese de bunda”, mas pensa em colocar “silicone nos peitos” embora também goste de si assim como está, para ele, a roupa é um modo de expressão, tal qual é a sua experimentação de gênero, e elas andas juntas. Afirma que não utiliza hormônios por conta da idade, mas tira a barba e usa creme antirrugas.

No tópico “mudança de costumes” Laerte reitera algo que já foi visto e discutido a partir das outras entrevistas, afirma que mudanças estão ocorrendo, sejam rápido ou devagar, aqui e ali, mas ocorrem, pois, segundo ela:

[...] Está ficando claro para todo mundo que orientação sexual e gênero são coisas distintas. Não há um vínculo único. A ideia de que todo cara que se vestir de mulher é gay não existe. Tenho muitas amigas que são travestis e são heterossexuais. Não gostam nem têm atração por homem.

Ver o gay como mulherzinha é um insulto antigo, fora de moda. Às vezes, tentam ser mais masculinos do que o próprio homem. Para a mulher, essa dinâmica é mais clara porque corresponde a uma mudança que vem do século XIX e abrange a conquista do direito civil, a inserção no mundo do trabalho. Hoje, as mulheres podem sair de camiseta e coturno e não serão questionadas sobre sua sexualidade.

Agora, a parte masculina dessa revolução não deslancha. Se um sujeito bota um vestido e vai para a rua, é imediatamente hostilizado e estigmatizado, ou colocado em uma espécie de redoma. No meu caso, eu posso porque sou artista, tenho filhos criados, uma namorada que entende (Ibidem, grifos meus).

O interessante e diferente aqui, é que ele compara a sua situação com as mudanças que ocorreram para as mulheres, em termos de direitos e alteração de padrões corporais, como por exemplo, utilização de peças do vestuário antes consideradas masculinas, mas o oposto não ocorreu. Em outras entrevistas Laerte afirma que o guarda-roupa masculino é muito restrito, com poucas possibilidades de expressão e afirma que o “homem” que transgredir esta norma de gênero é hostilizado ou colocado numa redoma. Também expressa sua condição favorecida “ser artista, ter filhos, uma namorada que entende” que lhe permite fazer isso, o que para outros não é uma possibilidade.

No próximo tópico, chamado “meu nome feminino” Laerte também demarca outro afastamento da perspectiva do *crossdresser* quando afirma que “nesse circuito todo mundo tem um nome feminino. Gosto de usar Laerte” nós sabemos que nome é esse a partir de outras entrevistas, mas ele não é mencionado aqui, Laerte já optou por manter seu nome, que em outras entrevistas, afirmou ser um nome ambíguo, afirma que não via sentido em mudar de nome “tenho identidade feminina e masculina”.

No Hospital das Clínicas, por exemplo, vou travestida, ou melhor, vou vestida. Na hora de fazer o cartão, perguntaram se eu queria usar meu nome social e eu disse que sim. Realizo exames masculinos, por isso me defini como homem. Mulheres não têm próstata. A transgeneralidade está sendo entendida, conquistando espaço. Em hotéis, eu me registro como Laerte Coutinho, sexo feminino.

As situações são óbvias. Se a pessoa está na sua frente com peito, brinco, maquiagem, é evidente que ela quer ser tratada como feminino. Na maior parte das vezes não há espaço para confusão e quem não souber como tratar que se foda! Não é uma questão de gênero. É respeito (Ibidem, grifo meu).

Este trecho é interessante porque aborda a questão do nome social, que Laerte possui, mas que no “hospital” se define como homem para poder fazer exame de próstata (novamente as questões de limitação do corpo e biologia), já no hotel pode se registrar com seu “nome original” e do sexo feminino. Também expressa a ideia que é tomada como título e destacada na matéria, a questão de como que ser chamada, afirmando aquilo que também me parece óbvio, mas não tem ocorrido, já que Laerte, na grande maioria das entrevistas, é apresentado utilizando-se o pronome masculino.

Por fim, o tópico “aceitação” traz uma afirmação importante e já destacada, Laerte afirma que a “repercussão de seu gesto” o surpreendeu:

É evidente que as pessoas põem reparo e atenção em mim, não pela minha carreira como cartunista, mas pelo meu modo de ser. Depois disso [de começar a se travestir], fui convidado para mais entrevistas do que havia sido na soma total da minha carreira como cartunista.

Penso no que, exatamente, está por trás disso. Talvez seja um grito contido de apropriação masculina do vestuário feminino. Se me vejo como parte do movimento transgênero, LGBT, há um objetivo claro que é ver as travestis e os transexuais com dignidade, com os mesmos direitos que as outras pessoas. Não queremos apenas não ser espancadas, queremos sair pelas ruas, usar o banheiro feminino, casar, quando for o caso; queremos todos os acessórios da nossa especificidade, sem escândalo.

Se estou servindo de exemplo e ajudando, ótimo. Mas tenho muito mais o que aprender ou absorver das travessias de vida do que o contrário (Ibidem).

Assim, Laerte afirma aquilo que já tinha sido destacado, sobre o interesse massivo em seu “gesto” e como isso tem sido lido no sentido de entender os porquês disso, as motivações e a questão de servir de exemplo para outras pessoas, de fazer parte de um movimento político maior e que a transcende, como o movimento LGBT, o movimento transgênero – de travestis e transexuais, a própria ABRAT, mas humildemente afirma que tem mais a absorver do que ensinar das “travessias de vida”.

A matéria da revista termina com um “box” que tem em destaque uma imagem bastante significativa, uma foto retirada de uma cena do filme *Vestido de Laerte*, onde ela aparece segurando um telefone e do seu olho direito, escorre uma lágrima negra, suja de rímel. A caixa tem um texto com o título “Honra e Glória” e aborda o filme em questão.

Laerte reverte uma questão contra a qual sempre lutaram os movimentos feministas e libertários: por que há desonra em ocupar o lugar feminino em detrimento do masculino? Na sua história, não há desonra. Há glória.

O cartunista concorreu ao Prêmio de Melhor Atriz de Curta-Metragem no 45º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro como protagonista de *Vestido de Laerte* (Cláudia Priscilla e Pedro Marques, São Paulo, 2012). Não levou o prêmio, mas infiltrou a mensagem e o curta ganhou como Melhor Filme e Melhor Direção de Arte. O produtor, Kiko Goifman, ao agradecer os troféus, lembrou que é preciso pensar em gênero, dentro e fora do cinema.

O diretor do filme, Pedro Marques, de 29 anos, se entusiasma ao explicar por que Laerte foi tema de sua estreia no cinema. “Ele é o auge da liberdade, o exemplo do que é um cara ser livre.” Colega de escola de Diogo, primogênito de Laerte, morto aos 22 anos em um acidente de carro, Marques resolveu ter o cartunista como tema por admirar seu trabalho e sua trajetória, na qual destaca dois momentos: o primeiro, entre 2004 e 2005, quando se dá o acidente e os quadrinhos de Laerte enveredam pelo caminho da poesia, do experimentalismo. O segundo, com o travestismo (Ibidem, grifo meu).

A ideia que Laerte se consagrou ao ocupar o lugar feminino é muito impactante e se depreende também pela afirmação anterior, do destaque que passou a receber depois que começou a “experimentar o feminino”, o que poderia ser motivo de piada, desonra, humilhação - como o é na maioria das vezes, infelizmente, para a maioria das pessoas - se tornou para ele a glória, se tratando aí especificamente da visibilidade alcançada e dos

prêmios recebidos pelo filme, o qual recebeu ainda a indicação de melhor atriz para Laerte. Embora essa percepção seja muito bonita e inspiradora, sabemos que não há só esse lado, ao assumir o feminino Laerte também passou por constrangimentos, que geraram inclusive argumentos para o filme (e houve quem tentasse desqualificá-lo como louco e etc.). Entretanto, conseguiu dar uma boa resposta e obteve mais aceitação do que negação. A percepção do diretor do filme sobre Laerte também é muito significativa da áurea que se formou em torno de sua figura “ele é o auge da liberdade, o exemplo do que é um cara ser livre”, congregando diferentes aspectos: experimentalismos em sua obra como cartunista e o travestismo em sua vida pessoal e pública.

Esta concepção é compartilhada por outros sujeitos, entre eles a “pesquisadora que escreve essas linhas” por “percebermos” nele a possibilidade de aventarmos outras formas de “vivermos” nossa vida, de nos “conduzirmos” e de conduzir nossas relações com os demais. Sabemos que essas possibilidades são limitadas e que ocorrem restrições e capturas, mas acreditamos na criatividade e no desejo. Proposta esta que é entendida na presente pesquisa como uma forma de vida artista, inspirada nas formulações de Michel Foucault:

O filósofo francês afirma que a estética da existência, enquanto atitude pela qual nos tornamos artífices da beleza de nossa própria vida, é um estilo de vida de alcance comunitário, por ele também denominado de forma de vida “artista” realizável por todo aquele que seja capaz de questionamento ético, e que ademais, seja, em alguma medida, capaz de realizar uma “atitude de modernidade”⁹⁸ (BRANCO, 2009, p. 143).

Foucault propõe esta ideia para se afastar das técnicas de si que compunham a cultura burguesa a partir do século XVIII, e que por sua vez, se constituíram em oposição a todas as artes de si mesmo que se encontravam nos meios artísticos - críticos, a vida “artista”, o “dandismo” (FOUCAULT, 1994 apud BRANCO, 2009, p. 143).

⁹⁸ O autor explica que esta atitude de modernidade em Foucault está explicitada em *Ditos e Escritos IV*, onde afirma que “por atitude, quero falar de um modo de relação face à atualidade; de uma escolha voluntária que é feita por alguns poucos; finalmente, de uma maneira de pensar e de sentir, de uma maneira, também, de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, caracteriza um pertencimento e se apresenta como uma tarefa” (FOUCAULT apud BRANCO, 2009, p. 143).

SOBRE O DESFECHO PROVISÓRIO (ou notas sobre a vida-artista e estéticas da existência em Laerte)

Não é possível e talvez nem desejável chegar a conclusões definitivas sobre algo que está acontecendo, que é um processo fluido, em constante mutação. Laerte continua dando entrevistas, repensando suas falas e práticas. Intentamos aqui “captar” alguns instantes desse processo. No início da pesquisa e elaboração do texto, pensávamos que seria possível dar conta de todo o período (2010 – 2014), mas o alcance do material empírico disponível era tão grande, e embora as entrevistas sejam interessantes, muitos temas e perguntas se repetem, investir de forma tão extensa talvez tornasse o diálogo com as entrevistas pedante.

Desta forma, investi naquelas entrevistas que me pareceram mais significativas, do ponto de vista dos temas que me interessavam, e que fossem de fontes variadas. Se selecionasse uma entrevista de cada ano, talvez se formassem algumas lacunas neste processo dinâmico. Algumas entrevistas longas e bastante conhecidas acabaram ficando de fora, em função de restrições de tempo e espaço e também por abordarem aspectos que, inclusive, fugiam da proposta desta dissertação.

Ao longo do texto, embora ele tenha uma estrutura bem tradicional de construção da pesquisa, intentei dialogar e criar comunicações entre a metodologia, a teoria e a análise, imbricando os interesses de pesquisa e tema em cada um desses momentos. Nos diálogos com as entrevistas, fui costurando as relações, o que se repetia e o que diferenciava. Fui tentando fragmentar e multiplicar os sentidos das palavras que emergiam destes artefatos culturais, o que se pode compreender a respeito de gênero, sexualidade e corpo (e sexo) e das possibilidades de transgressão das normas do sistema heteronormativo a partir das entrevistas concedidas por Laerte e, enfim, da sua figura.

Tampouco tenho condições de especificar “verdades” finais sobre o processo de Laerte, o que fiz foi um exercício de compreensão, um esforço de apreender, ao menos em parte, alguns significados em disputa neste terreno, entre outras possibilidades de interpretação possível. O que ofereço é uma espécie de síntese do que pretendi ter feito ao longo dessa pesquisa e texto. Destaco a grande visibilidade alcançada por Laerte desde que anunciou sua experimentação de gênero e sexualidade e como ela demonstra o interesse “ainda” pungente da nossa sociedade em relação a estas discussões. Quase todas as entrevistas enfatizaram a descrição das vestimentas, utilizaram o pronome masculino, e questões sobre o início, as origens, as causas e explicações (a respeito de mudanças que

atingem algo central: a sexualidade) foram repetidas constantemente. Também são recorrentes dificuldades de classificação por parte da imprensa em relação a Laerte e críticas da cartunista às normas e rótulos que lhe infringiam. Esta repetição demonstra a forma como as questões de gênero, sexualidade e corpo são percebidas, vistas e compreendidas, de forma hegemônica, pela imprensa e pela sociedade.

Também destaco as modificações no uso das categorias “identitárias” e rótulos por parte de Laerte, ou mesmo suas tentativas de evitar/adiar/recusar estas classificações. Outro aspecto interessante é a escolha pelo termo travesti como o preferencial para definir a si mesmo, em determinando período e contexto, por parte de Laerte, configurando com esta atitude um ato político, ao se afastar da categoria *crossdresser* e assumir um termo estigmatizado e que carrega marcas, uma história e um peso, tanto para criticar as subdivisões nos grupos, dentro dos transgêneros, por exemplo, como para dar visibilidade e promover um debate acerca da situação das travestis no Brasil.

A emergência destas “identidades sexuais” ajuda a compreender o que está em jogo nas relações de poder que perpassam a sociedade, conforme vimos com Weeks (2000). O que se compreende por gênero, sexualidade e corpo (sexo), o que pode ser modificado ou não, o que é construção cultural e o que é “biológico” nas falas que encontramos nas entrevistas, ajudam a compreender o que embasa “nossa forma” de pensar a respeito destas questões e dialogam com as perspectivas teóricas que discuti ao longo do texto. Isso contribui para compreender as limitações e possibilidades de “nossa” discussão teórica e política.

O objetivo ao longo do texto foi refletir sobre os significados vinculados às pedagogias de gênero e sexualidade, ou seja, “ensinamentos” – que conformam um currículo sobre formas de ser homem e mulher e de como expressar nossos desejos – que pode ser encontrados nas entrevistas dadas por Laerte para revistas e jornais de circulação nacional, configurando discursos midiáticos. Entendo que por meio destas entrevistas encontro no mesmo objeto, o artefato cultural “entrevistas de Laerte”, duas estratégias distintas, duas formas específicas e interessadas de abordar as questões de gênero e sexualidade: a estratégia da mídia, na figura de seus entrevistadores, repórteres, redatores e fotógrafos, que reintera geralmente significados mais vinculados a um discurso hegemônico e heteronormativo sobre corpos, gênero e sexualidade; e a estratégia de Laerte, a partir da análise dos significados de suas respostas que buscam se contrapor às perguntas, anunciar novas possibilidades de vivenciar o gênero e a sexualidade, subvertendo normas, atravessando fronteiras, tornando visível a instabilidade e o caráter construído destas categorias. Compreendo que, ao subverter

a heteronormatividade, sua intenção política se aproxima da proposta de estética da existência de Foucault (MISKOLCI, 2006).

Claro que essas posições não são estanques e nem intransponíveis. Há entre os artefatos culturais (e “discursos” da mídia) alguns mais abertos e que demonstram interesse pelas “brechas”, pelas questões que Laerte deixa como rastro a partir de suas falas e práticas, entendendo que estas questões atravessam a sociedade e atingem a todos os sujeitos, promovendo mudanças. Também ocorre por parte de Laerte, por vezes, reiteração de discursos mais hegemônicos, reprodução de algumas categorias ou respostas a algumas questões que reduzem, essencializam e classificam sua “experiência”, mostrando como esses significados se constituem, mudam e se transformam nessa interação da entrevista.

Ao fim da análise, muitas questões permanecem. Não pude dar conta das entrevistas mais recentes, que talvez demonstrassem mais algumas mudanças, mas no geral, por meio da pré-análise que fiz, permanecem as mesmas questões, o que talvez mude, seja a compreensão da imprensa, que ao acompanhar Laerte ao longo desse processo, depois de passado o “susto” inicial, consegue talvez capturar mais suas falas, lançando mão de descrições e interpretações mais extensas por parte dos entrevistadores (além de tratar Laerte de forma diferenciada). Algumas outras entrevistas, por exemplo, tentam capturar o “perfil” da cartunista entrevistando pessoas ao seu redor e também utilizam as entrevistas anteriormente dadas por ela, para questionar suas “falas” e tentar “normalizar sua ação”, principalmente depois que Laerte declarou ter se separado da namorada. Além do contexto mais atual, outras questões permanecem, já que inúmeras perguntas nortearam esta pesquisa e outras mais poderiam ter sido feitas.

Estas questões sinalizam a complexidade e extensão do tema, mas também ressaltam o campo teórico-metodológico em que esta pesquisa está inserida, na perspectiva pós-crítica e pós-estruturalista em educação, que se preocupa menos com as respostas e mais com a descrição e problematização dos processos que constituem os significados e saberes produzidos em determinadas relações de poder. Ao multiplicar as perguntas, admitimos o caráter provisório e interessado da produção do conhecimento e da constituição de nossas próprias pesquisas (MEYER, 2012).

Ao ensinar esta grande quantidade de perguntas, tanto nesta pesquisa quanto por parte da mídia (e seus entrevistadores em revistas, jornais, TV, filmes, etc.), Laerte se apresenta como um “caso” interessante para discutirmos questões fundamentais que envolvem corpo, gênero e sexualidade. Com esta pesquisa me proponho também a contribuir com esse embate cultural no qual Laerte está inserido, e disputar outras representações e significados em torno

da forma como vivemos nossos desejos e como expressamos nossas vontades, para além de normas rígidas que reduzem as possibilidades da vida humana. Talvez assim, nos daremos conta que podemos elaborar nossas vidas como obras de arte, já que algumas coisas que considerávamos evidentes, não passíveis de modificação, o são, como Laerte também percebeu, porque se tratam de construções históricas e políticas, e dessa forma, “somos mais livres do que pensamos” (FOUCAULT, 2004, p. 295).

Além disso, ao me determos num “caso extremo”, algo considerado inusitado, incomum, estranho e até mesmo “anormal”, se pode prestar mais atenção na constituição das margens, nas fronteiras que demarcam o centro, nos limites da vida viável ou não, assim é mais perceptível como se constitui a abjeção e se define que corpos importam mais e quais importam menos, por quais choramos. (BUTLER, 2000). Desde este ponto de vista, talvez se consiga compreender melhor também o centro e sua conformação, para, quem sabe, modificá-lo ou deslocá-lo.

Apoiando-se sobre noções aparentemente abstratas de multiplicidades, de fluxo, de dispositivos e de acoplamentos, a análise da relação do desejo com a realidade e com a "máquina" capitalista contribui para responder a questões concretas. Questões que surgem menos do porque das coisas do que de seu como. Como introduzir o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida? *Ars erotica, ars theoretica, ars politica*. (FOUCAULT, 1977, grifo do autor).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR; Durval Muniz de. A bela ou a fera: os corpos entre identidade da anomalia e a anomalia da identidade. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 95- 116.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BENETTI, Fernando José. **A Bicha Louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis, UDESC. 2013. Disponível em: <http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000019/000019b1.pdf> Acesso dia 18 Set. 2014.

BOUCHATON, Thales. A polêmica sobre as “Putinhas Abortadeiras” na TVE. **Sul 21**. Porto Alegre, 7 maio 2014. Disponível em: <<http://blogdothales.sul21.com.br/2014/05/a-polemica-sobre-as-putinhas-aborteiras-na-tve/>> Acesso em: 10 jun. 2014

BRANCO, Guilherme Castelo. Anti-individualismo, vida artista: uma análise não- fascista de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 143- 152.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Sexualidades**. São Paulo: All Print Editora, 2011.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**. Pedagogia da Sexualidade. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

_____. **Mecanismos psíquicos del poder**. Teorías sobre la sujeción. Madrid: Cátedra, 2001.

_____. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

_____. Vida Precária. **Revista Contemporânea**, São Carlos, v. 1, n.1, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18/3>> Acesso em: 23 jun. 2014. p. 13-33.

CALDAS, Cadu. Participação da banda Putinhas Abortadeiras na TVE vira debate. **Zero Hora**. Porto Alegre, 14 maio 2014. Disponível em:

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/05/participacao-da-banda-putinhas-aborteiras-na-tve-vira-debate-4500497.html>> Acesso em: 10 jun. 2014.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor na pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos**. São Paulo, n. 21. jul. de 1988. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/55/20080623_a_presenca_do_autor.pdf> Acesso em: 22 jun. 2014.

CARTUNISTA que se veste de mulher quer usar o banheiro feminino. **Bom Dia Brasil**. São Paulo, 30 jan. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/01/cartunista-que-se-veste-de-mulher-quer-usar-o-banheiro-feminino.html>> Acesso em: 13 jun. 2014.

CASTRO, Edgardo. **El vocabulário de Michel Foucault – um recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores**. Buenos Aires: Editora Prometeo, 2004. Disponível em: <<http://psicologiaysociologia.files.wordpress.com/2011/08/castro-edgardo-el-vocabulario-de-michel-foucault.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2014

CERVERA, Julia Pérez. (org.). **Manual para o uso não sexista da linguagem**. PROTECA, 2006. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>> Acesso em: 22 abr. 2014.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

CONCHITA WURST. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Conchita_Wurst> Acesso em: 13 jun. 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual infame... mas útil para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. In: BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria (org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002. p. 355-370.

COSTA, Jociane Rosa de Macedo. Redesenhando uma pesquisa a partir dos estudos culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (org.) **Caminhos investigativos III Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 85-116.

COSTA, Luciano Martins. O cartunista fantasiado. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, n. 678, 27 jan. 2012. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_cartunista_fantasiado> Acesso em: 21 jun 2014.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (org.) **Caminhos investigativos III**. Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199-214.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DIAS, Tiago. Transgênero, Laerte é impedido de usar banheiro feminino em SP. **Terra**. São Paulo, 26 jan. 2012. Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/gente/transgenero-laerte-e-impedido-de-usar-banheiro-feminino-em-sp,8847c8c2ed75a310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>> Acesso em: 13 jun. 2014.

DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Pedagogia dos Monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 105-140.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 17-18. 2002/1. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade**. A vontade de saber. v. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

_____. Preface. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Revisado e formatado por Alfredo Veiga-Neto. New York: Viking Press, 1977, p. 11-14. Disponível em: <http://www.coloquiofoucault2008.mpbnet.com.br/por_uma_vida_ao_fascista.html> Acesso em: 25 jun. 2014

_____. Verdade, poder e si mesmo. In: _____. **Ditos e escritos**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 294-300.

GALLO, Sílvio. Entre Édipos e O Anti-Édipo: estratégias para uma vida não fascista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 363-376.

GASTALDO, Denise. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.) **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade** – um debate contemporâneo em educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 28-40.

GROSZ, Elizabeth. Corpos Reconfigurados. **Cadernos Pagu**. Campinas n. 14. 2000. p. 45-86.

GUIMARÃES, Beatriz. **Cissexual, cisgênero e cissexismo**: um glossário básico. 15 mar. 2013. Disponível em: <<http://feminismotrans.wordpress.com/2013/03/15/cissexual-cisgenero-e-cissexismo-um-glossario-basico/comment-page-1/>>; Acesso em: 9 jun. 2014.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva (org.) **Identidade e diferença** – A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 103-131.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 5. 1995. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu05.02.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2014.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo, Editora 34, 2011.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. Revisão de conteúdo: Berenice Bento, Luiz Mott, Paula Sandrine. Brasília: 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989> Acesso em: 22 jun. 2014.

JÚNIOR, Veriano Terto. Essencialismo e construtivismo social: limites e possibilidades para o estudo da homossexualidade. **Scientia Sexualis** – Revista do Mestrado em sexologia. Rio de Janeiro: Gama Filho, ano 5, n.2, 1999, p. 23-42.

LAERTE. **Muchacha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAERTE e os banheiros. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 jan. 2012. Disponível em: <<http://direito.folha.uol.com.br/blog/laerte-e-os-banheiros>> Acesso em: 13 jun. 2014.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001 [1990].

LEE, Rita. **Storynhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Ilustrações: Laerte.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero, e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2001. (Portugal).

_____. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 41-52.

_____. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 135-142.

_____. Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas. **Pro-Posições**. Campinas, n. 2. v. 19. mai/ago. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2014.

_____. Pedagogias de gênero e sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**. Pedagogia da Sexualidade. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 15, 2000. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/n15a02.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2014.

LOYOLA, Maria Andréa. A antropologia da sexualidade no Brasil. **Physis: Revista de saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v10n1/a07.pdf>> Acesso em: 1º jun. 2014.

LUGARINHO, Mário César. Como traduzir a teoria queer para a Língua Portuguesa. **Gênero**, Niterói, v. 1, n. 2, 2001, p. 33-40.

MENEZES, Cynara. A era do pós-gênero? **Carta Capital**. 21 set. 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-era-do-pos-genero-2/>> Acesso em 30 maio 2014.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves (org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-62.

_____. As mamas como constituintes da maternidade. Uma história do passado? **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul-dez 2000, p. 117- 134.

MISKOLCI, Richard. Abjeção e desejo. Afinidades e tensões entre a teoria queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 325-338.

_____. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 14, set.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a06v14n3.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2014.

_____. Não somos, queremos. Notas sobre o declínio do essencialismo estratégico. In: STONEWALL 40+ O QUE NO BRASIL? 2010, Salvador, **Anais eletrônicos...** Salvador: EDUFBA. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/N%C3%A3o-Somos-queremosRichardMiskolci.pdf>> Acesso em: 25 jun. 2014.

_____. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n.8, v.2, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>> Acesso em: 22 jun. 2014. Acesso em: 22 jun. 2014.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 16, v. 2, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9368/8618>> Acesso em: 22 jun. 2014.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. São Paulo: Graal, 1999.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS**. São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 2009.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. **Contemporânea Revista de Sociologia da UFSCAR**. São Carlos, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88> Acesso em 18 Set. 2014.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença – uma introdução**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28822/000772878.pdf?sequence=1>> Acesso em: 22 jun. 2014.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.19, n. 1, p. 11-20, 2011.

_____. Queer: história de uma palavra. **Revista Parole de Queer**, Barcelona, n. 1, abr.-jun. 2009.

_____. “A sexualidade é como as línguas. Todos podem aprender várias” afirma ícone do movimento transgênero. **Instituto Humanitas Unisinos**. 15 Jun. 2010. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/33425-a-sexualidade-e-como-as-linguas-todos-podem-aprender-varias-afirma-icone-do-movimento-transgenero> Acesso em: 30 Set. 2014.

_____. Sujeira e Gênero. Mijar/Cagar. Masculino/Feminino. **Gênero: queer**. 22 jan. 2011. Disponível em: <<http://generoqueer.wordpress.com/2011/01/22/beatriz-preciado-mijar-cagar-masculino-feminino/>> Acesso em: 27 jun. 2014.

_____. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa Libros. 2008.

PROJETO de lei de identidade de gênero. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2013. Projeto de lei apresentado pelos deputados Jean Wyllys e Érika Kokay. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1059446&filena me=PL+5002/2013> Acesso em: 13 jun. 2014.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. Apresentação: Para uma vida não-fascista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 9-11.

RAGO, Margareth (org.). **Dossiê Estéticas da Existência**. Revista-aulas n. 7. Campinas: Unicamp, 2010. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAE7nQAE/revista-aulas-dossie-06-foucault-as-esteticas-existencia>> Acesso em: 25 jun. 2014.

REIS, Cristina d'Ávila. O uso da metodologia *queer* em pesquisa no campo do currículo. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 243-260.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

ROHDEN, F. “A obsessão da medicina com a questão da diferença entre os sexos”. In: PISCITELLI, A., GREGORI, M. F., CARRARA, S. L. (org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004, p.183-196.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: VANCE, Carole. **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**. Nova York: Routledge & Kegan, Paul, 1984, p. 267-319.

_____. **Tráfico de mulheres: nota sobre a “economia política” do sexo**. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, 2004, 12.2: 35-50.

SCHIENBINGER, Londa. Mamíferos, primatologia e sexologia. In: PORTER, R.; TEICH, M. (orgs.). **Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 219-246.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul.-dez. 1995, p. 71-99. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988. p. 28-50.), artigo originalmente publicado em: **Educação & Realidade**, vol. 15, n. 2, jul.-dez. 1990. Tradução da versão francesa (**Les Cahiers du Grif**, nº 37-38. Paris: Editions Tierce, 1988.) por Guacira Lopes Louro.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men: English literature and male homosocial desire**. Nova York: Columbia University Press, 1985.

_____. Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 28, jan.-jun. 2007. p. 19-54.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. 2003. 261 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UFRGS, 2003.

_____. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, n. 39, v. 1, jan-mar. 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100010> Acesso em: 22 jun. 2014.

_____. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 19, v. 2, mai-ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200017> Acesso em: 22 jun. 2014.

SILVA, Fernando de Barros e. Laerte em trânsito. **Revista Piauí**. São Paulo, n. 79, abr. 2013. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-79/questoes-de-genero/laerte-em-transito>> Acesso em: 29 jun. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O adeus às metanarrativas educacionais. VII ENDIPE, jun. 1994. **Anais**. Goiânia, jun. 1994. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/97248076/O-Adeus-as-Metanarrativas-Educacionais>> Acesso em: 14 jun. 2014.

_____. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Pedagogia dos Monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Autêntica: Belo Horizonte, 2000. p. 11-22.

SOARES, Claudia; FERNANDES, Vivian. **Laerte Vida e Obra**. Mogi das Cruzes, 2012. Disponível em: <<http://issuu.com/viihx/docs/laerte>> Acesso em: 9 jun. 2014.

SUTHERLAND, Juan Pablo. Os efeitos político-culturais da tradução do queer na América Latina. **Revista Periódicus**. n. 1, maio-out. 2014. Disponível em: <www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/index> Acesso em: 25 jun. 2014.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Ser mas não ser, eis a questão. O problema persistente do essencialismo estratégico. In: WORKING PAPER CRIA 1, 2009, Lisboa. **Anais eletrônicos...** Lisboa, 2009. Disponível em: <http://cria.org.pt/site/images/ficheiros_imagens/working_papers/wp_cria_1_ser_mas_nao_ser_vale_de_almeida.pdf> Acesso em: 25 jun. 2014.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva. v. 5. n. 1. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73311995000100001&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 22 jun. 2014.

VENCATO, Anna Paula. **Existimos pelo prazer de ser mulher**: uma análise do Brazilian Crossdresser Club. 2009. 277f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <http://teses2.ufrj.br/Teses/IFCS_D/AnnaPaulaVencato.pdf> Acesso em: 15 jun. 2014.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**. Pedagogia da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 35-82.

WURST, Conchita. **Tolerance**. Disponível em: <<http://conchitawurst.com/about/biography/>> Acesso em: 13 jun. 2014.

FONTES DE PESQUISA

ANTENOR, Armando. Entrevista Laerte: Tenho vergonha de quase tudo o que desenhei. **Revista Bravo**. São Paulo, n. 157, set. 2010.

AZEVEDO, Reinaldo. Laerte não está reivindicando um direito para as “Transgêneras”. Está é tentando solapar um direito das mulheres. **Veja**. São Paulo, 31 jan. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/laerte-nao-esta-reivindicando-um-direito-para-as-%E2%80%9Ctransgeneras%E2%80%9D-esta-e-tentando-solapar-um-direito-das-mulheres/>> Acesso em: 13 jun. 2014.

COSTA, Carlos; MENDES, Verônica Papoula. Me trate com respeito! **Revista Continuum**. São Paulo, n. 39, out.–nov. 2012.

FINOTTI, Ivan. Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher. **Folha de São Paulo**. São Paulo, nov. 2010. Ilustrada.

RODRIGUEZ, Diogo. Paradoxo de Salto Alto. **Revista Trip**. São Paulo, dez. 2010. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/so-no-site/entrevistas/paradoxo-de-salto-alto.html>> Acesso em: 29 jun. 2014.

SOLNIK, Alex. “Eu sou uma travesti”. **Revista Brasileiros**. São Paulo, n. 47, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistabrasileiros.com.br/2011/06/29/eu-sou-uma-travesti/#.U7COd0Clchw>> Acesso em: 29 jun. 2014.

SITES CONSULTADOS

BIOGRAFIA Laerte. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/laerte/info/biografia-top.html>> Acesso em: 9 jun. 2014.

BRAZILIAN Crossdresser Club. Disponível em: <<http://www.bccclub.com.br/teste/>> Acesso em: 3 jun. 2014.

CISGÊNERO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cisg%C3%A9nero>> Acesso em: 9 jun. 2014.

CONCHITA WURST. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Conchita_Wurst> Acesso em: 13 jun. 2014.

DIAGRAMAÇÃO. Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Diagrama%C3%A7%C3%A3o>> Acesso dia 25 jun. 2014.

FLÁVIO DE CARVALHO. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A1vio_de_Carvalho
Acesso dia 29 de Set. de 2014.

LAERTE COUTINHO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Laerte_Coutinho> Acesso em: 9 jun. 2014.

LGBT/LGBTTT. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT> Acesso em: 11 Set. 2014.

O QUE É CISSEXISMO? Disponível em: <<http://transfeminismo.com/2011/11/17/o-que-cissexismo/>> Acesso em: 9 jun. 2014

QUESTÕES PLURAIS. Disponível em: <<http://questoesplurais.tumblr.com/glossario>> Acesso em: 9 jun. 2014.

VÍDEOS

GRUPO feminista Putinhas Abortteiras. **Programa Radar TVE**. Rio Grande do Sul, TVE, 2014. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pEQruB_eGcE> Acesso em: 10 jun. 2014.

VESTIDO de Laerte. Cláudia Priscilla e Pedro Marques, São Paulo: Válvula Produção LTDA, 2012.